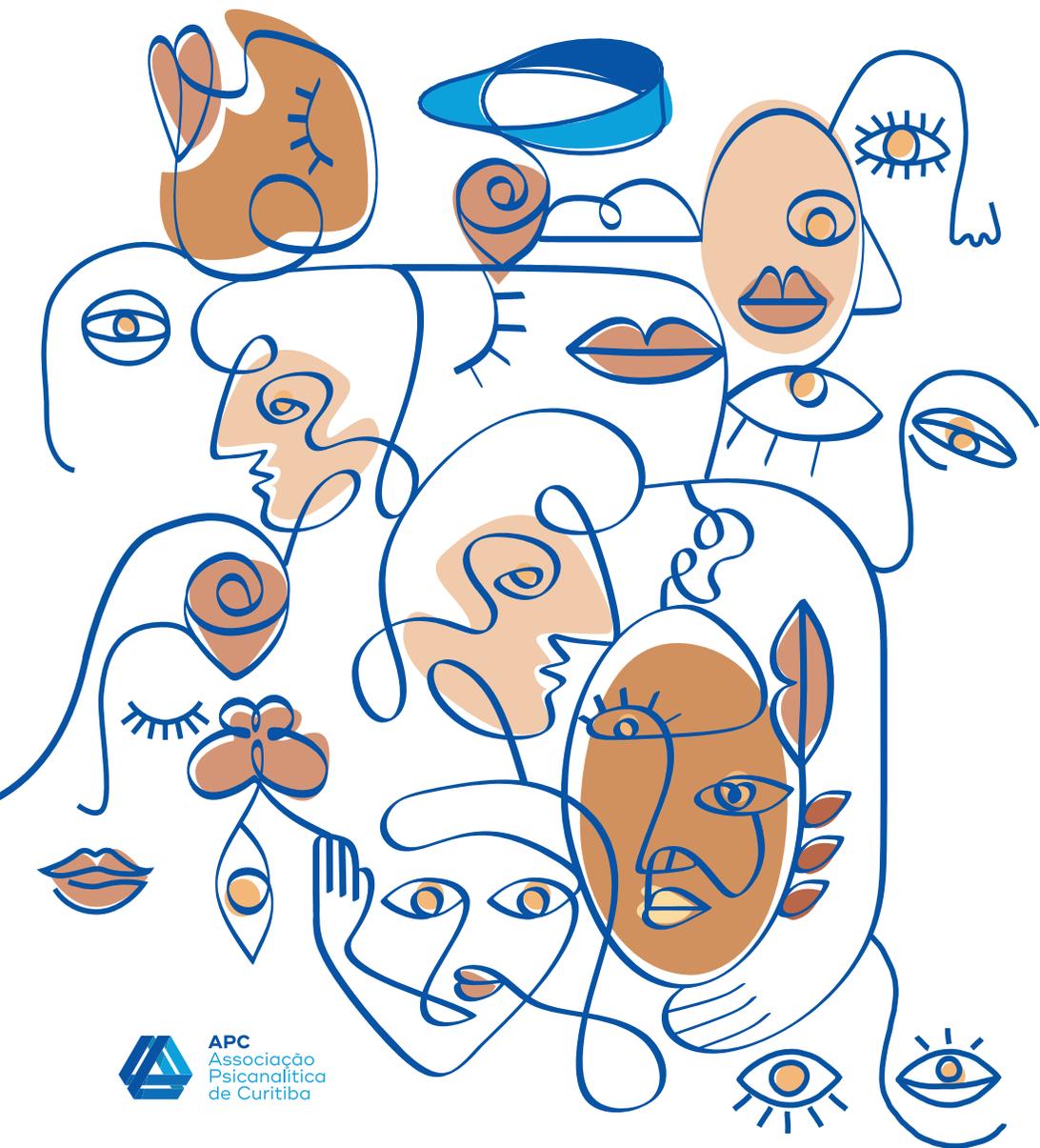


# APC em revista



# APC em revista

**Associação Psicanalítica de Curitiba em revista**

ISSN 1519-8456 | Curitiba | n. 38 | p. 1-170 | 2023



**APC**  
ASSOCIAÇÃO  
PSICANALÍTICA  
DE CURITIBA

🌐 [www.apcwb.com.br](http://www.apcwb.com.br)

📧 [@apctba](mailto:@apctba)

📘 [@associacaopsicanaliticadecuritiba](https://www.facebook.com/associacaopsicanaliticadecuritiba)

📞 (41) 98848-7946

### **Editorial**

Luzia Carmem de Oliveira  
Marcia Wisniewski Schaly  
Tiago Rickli

### **Diagramação**

Erika Woelke | Canal6 Editora  
[www.canal6editora.com.br](http://www.canal6editora.com.br)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

---

Associação Psicanalítica de Curitiba em revista / Associação  
Psicanalítica de Curitiba. – n. 38 (2023) – Curitiba, PR: APC, 1997–.

Semestral  
ISSN: 1519-8456

1. Psicanálise – Periódicos. I. Associação Psicanalítica de Curitiba.

11-2021/54

CDD 150.195

---

### **Índice para catálogo sistemático:**

1. Psicanálise : Periódicos 150.195

Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária - CRB - 1/3129

Copyright© Associação Psicanalítica de Curitiba, 2023  
Os artigos são de responsabilidade dos autores.

## **CORPO CONSULTIVO**

### **Allan Martins Mohr**

Psicólogo graduado pela UFPR; Mestre em Psicologia (UFPR); Doutor em Filosofia (PUCPR); Professor do curso de Psicologia (FAE).

### **Andrea Silvana Rossi**

Psicanalista; Membro da Associação Psicanalítica de Curitiba; Graduada em Psicologia (PUCPR); Mestre em História (UFPR).

### **Dayse Stoklos Malucelli**

Psicanalista; Membro e fundadora da Associação Psicanalítica de Curitiba; Membro da Association Lacanienne Internationale; Doutora em Psicologia Clínica PUC-SP.

### **Heloisa Helena Marcon**

Psicanalista; Membro da APOA; Graduada em Psicologia (UFRGS); Especialista em Saúde Mental (RIS/MS-GHC); Mestre em Filosofia (UFRGS); Doutora em Psicologia (USP); Pesquisadora (LAPCIP/UFSC).

### **Leda Mariza Fischer Bernardino**

Psicanalista; Membro e fundadora da Associação Psicanalítica de Curitiba; Doutora em Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano (USP); Pós-doutora em Tratamento e Prevenção Psicológica pela Université Paris 7.

### **Marcus do Rio Teixeira**

Psicanalista; Diretor da editora Ágalma; autor de vários livros; colaborador em coletâneas e revistas especializadas; Membro

Honorário da Associação de Psicanálise de Maringá Ato Analítico.

### **Michele Kamers**

Psicanalista; Coordenadora dos cursos de pós-graduação: Especialização em Psicanálise, Sujeito e Laço Social; Especialização em Psicologia Hospitalar e Saúde e Especialização em Psicopatologia da Infância e Adolescência do Hospital Santa Catarina em Blumenau/SC; Mestre em Educação pela USP; Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano no Instituto de Psicologia (USP).

### **Oscar Angel Cesarotto**

Psicanalista; Doutor em Comunicação & Semiótica; Professor no Programa de Estudos Pós-Graduados da PUC-SP; Coordenador do curso de Especialização Semiótica Psicanalítica – Clínica da Cultura (COGEAE).

### **Rosa Maria Marini Mariotto**

Psicanalista; Membro da Associação Psicanalítica de Curitiba; Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento pela IPUSSP, PUCPR.

### **Rosane Weber Licht**

Psicanalista; Membro e fundadora da Associação Psicanalítica de Curitiba.



# Sumário

Editorial.....	7
----------------	---

## Espaço da Letra

Alienação, separação e o ato.....	11
<i>Andrea Rôa d'Haese</i>	

Feminicídio, observações a partir da Psicanálise.....	23
<i>Luzia Carmem de Oliveira</i>	

Gênero na atualidade: a escuta do psicanalista é subversiva.....	37
<i>Simoni Regina Cousseau Coletti</i>	
<i>Rosa Maria Mariotto</i>	

## Espaço Amarelinhas

Cultura digital produzindo uma nova cultura adolescente: a subjetividade e a construção social da adolescência sob a lógica do capital.....	59
<i>Marcia Salete Wisniewski Schaly</i>	

## Espaço de Interlocução

Considerações sobre a antifilosofia de Jacques Lacan.....	91
<i>Allan Martins Mohr</i>	

## Espaço Conferência

Conferência: Amódio: Paixões e Finais de Análise .....	121
<i>Silvia Amigo</i>	
<i>Transcrito e traduzido por Andrea Rossi e Tiago Rickli</i>	

## Espaço de Indicações

**O contrato sexual** ..... 139

*Carole Pateman*

*Resenhado por: Marcia Saete Wisniewski Schaly*

REVISTAS DA ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE CURITIBA .....157

OUTRAS PUBLICAÇÕES DA ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA

DE CURITIBA .....165

## Editorial

A Associação Psicanalítica de Curitiba tem a satisfação de lançar mais uma edição de sua revista, contando com artigos atravessados por questões sobre a Cultura, articulando aspectos constitutivos do sujeito com o que também o sustenta: o discurso social atual e, portanto, os laços sociais que forjam a subjetividade de cada época. A revista busca expandir conhecimentos seguindo a trilha da psicanálise de Freud e Lacan, estimular a produção escrita e o debate, primando pela circulação da palavra, com o entendimento de que Sujeito e Cultura, assim como teoria e prática, são inseparáveis.

Para essa edição de número 38, apresentamos os autores e suas produções que, a partir da clínica se põem ao trabalho investigativo e reflexivo, interrogando e expandindo a teoria, que por sua vez sustenta a práxis clínica.

No **Espaço da Letra** contamos com três artigos. Inicialmente, apresentamos o artigo “Alienação, separação e ato” da psicanalista Andrea Rôa d’Haese que se propõe interrogar a constituição do sujeito para além dos primórdios de vida, destacando a questão da alienação/separação, operação princeps da causação do sujeito, percorrendo o tempo de análise, da travessia do fantasma ao desejo do psicanalista.

Na sequência, a psicanalista Luzia Carmem de Oliveira contribui com o artigo “Feminicídio, observações a partir da Psicanálise”, cuja proposta é avançar no debate acerca do feminicídio, trazendo algumas observações sobre a violência de gênero a partir da psicanálise de Freud e Lacan, e buscando problematizar a dualidade vítima-agressor. Para tal, faz-se necessário

conhecer aspectos da complexa subjetividade humana, buscando compreender escolhas que parecem contraditórias e assim poderemos trabalhar na construção de uma linguagem que arrefeça a violência.

Contamos ainda, nesse espaço, com o artigo “Gênero na atualidade: a escuta do psicanalista é subversiva” da autora Simone Regina Cousseau e coautora Rosa Maria Mariotto. O artigo, construído a partir da experiência clínica, debate questões atuais que permeiam a escuta clínica e que vão além da indagação: *o que o outro quer de mim?* Nesse sentido, a questão, principalmente na clínica com adolescentes, desliza para outro interrogante presente na atualidade, que traz a demanda: *quem eu sou?* Tal questão, ao ser transformada em queixa, coloca a possibilidade para o sujeito refletir sobre a sua posição sexuada e, também, sobre a sua escolha do objeto amoroso/sexual. Na globalização, o texto problematiza se, na atualidade, o discurso social pode ser atrelado às manifestações de gênero, trabalhando conceitos fundamentais como: Complexo de Édipo, identidade de gênero, identidade, identificação, posição sexuada do sujeito e escolha de objeto.

O **Espaço Amarelinhas** é contemplado com um artigo, recorte de uma ampla pesquisa de mestrado da psicanalista Marcia Salete Wisniewski Schaly, intitulado: “Cultura digital produzindo uma nova cultura adolescente: a subjetividade e a construção social da adolescência sob a lógica do capital”. O artigo se constitui numa investigação teórica, guiado pelo método materialista histórico, sobre a construção social do adolescente a partir dos ideais burgueses e ideais do imaginário social, para compreender as formas de subjetivação dos adolescentes, articulado às mudanças socioculturais que constantemente reconfiguram o laço social. Enfatizou-se a cultura digital, sob a lógica

do capital, como uma nova cultura adolescente, demonstrando como as influências das mídias sociais e publicitárias mercadológicas foram impulsionando o consumismo entre os jovens, produzindo mal-estar e sofrimento psíquico.

No **Espaço Interlocução**, Allan Martins Mohr traz uma importante contribuição com o título “Considerações sobre a Antifilosofia de Jacques Lacan”. O artigo visa trabalhar a noção de antifilosofia na psicanálise conforme pensada por Jacques Lacan sustentando o caráter antiontológico de sua teoria em duas construções específicas desenvolvidas em 1960 e 1961. Neste sentido, o autor apresenta uma discussão sobre o conceito de antifilosofia para, na sequência, discutir os recortes escolhidos, a saber: uma sentença retirada por Lacan de um poema de Paul Valéry no qual se explica que o Ser é localizado em determinada posição que denuncia a falha na plenitude do Nada, e uma oração selecionada de uma ode de Píndaro, na qual implica ao homem ser o sonho, enquanto anseio, de uma sombra. Partindo deste contexto, o autor desenvolve o problema do Não-Ser, do Outro, do sujeito e conceitos adjuntos para se concluir que Lacan é um antifilósofo, afirmando que suas construções acerca do conceito de Ser, ser humano, homem e/ou sujeito, fundamentam-se em uma estrutura antiontológica, além de não aspirar à perspectiva de uma plenitude da verdade.

No **Espaço Conferência**, contamos com a transcrição de uma conferência realizada por Silvia Amigo, na ocasião do lançamento da revista da APC em 01 de dezembro de 2022, intitulada “Amódio: Paixões e Finais de Análise”. O texto foi traduzido e transcrito por Andrea Rossi e Tiago Rickli.

No **Espaço de Indicação**, contamos com uma resenha do livro “O contrato sexual” da filósofa e cientista política Carole Pateman, resenhado por Marcia Salete Wisniewski Schaly. O

livro traz uma análise detalhada de vários teóricos e filósofos contratualistas e das discussões do movimento feminista acerca do contrato sexual, do contrato social e do sistema patriarcal moderno, questionando o lugar da mulher nos mesmos. O livro destaca a dimensão política que legitima direitos nas formas de dominação e subordinação, presentes em nosso cotidiano, como as relações-contratos de: casamento, cidadania, barriga de aluguel, trabalho, prostituição, entre outros. Pateman parte do princípio de que o contrato sexual é uma dimensão abortada da teoria do contrato e seu objetivo é denunciar e romper com as censuras e mutilações teóricas, principalmente sobre o contrato de casamento, ampliando a discussão ao se referir às características dos contratos modernos. A resenhista destacou algumas ideias principais de Pateman, tecendo comentários sobre o deslocamento do feminino, segundo a Psicanálise, entendendo que a articulação entre Psicanálise, cultura e política é sempre necessária para compreender a subjetividade do sujeito, e o modo de se fazer representar no laço social.

Desejamos a todos uma atenta leitura!

Luzia Carmem de Oliveira  
Marcia Wisniewski Schaly  
Tiago Rickli

# Espaço da Letra





# Alienação, Separação e o Ato

## Alienation, separation and act

Andrea Rôa d'Haese<sup>1</sup>

### Resumo

O texto interroga a constituição do sujeito para além dos primórdios de vida, destacando a questão da alienação/separação, operação princeps da causação do sujeito, percorrendo o tempo de análise, da travessia do fantasma ao desejo do psicanalista.

**Palavras-chave:** psicanálise; alienação; separação.

### Abstract

This essay questions the constitution of the subject beyond its first years of life, highlighting the question on alienation/separation – primary operations of the subject's causation – and going through the psychoanalysis period, the traversing of fantasy, up to the psychoanalyst's desire.

**Keywords:** psychoanalysis; alienation; separation.

Frente ao instigante e infindável desafio de pensar a formação do psicanalista, me encontrei com a questão sobre a constituição

---

1 **Andrea Rôa d'Haese:** Psicanalista, membro da Associação Psicanalítica de Curitiba; Psicóloga graduada pela UTP-Pr; Graduada em Artes Plásticas pela FAP/UNESPAR; Especialista em Saúde Mental e Psicanálise pela PUCPR. Contato: andrea@clinicadotrabalho.com.br

do sujeito, para além dos primordiais anos de vida. Como de fato nos constituímos? Como nós, analistas, dignificamos a poltrona que ousamos um dia ocupar por trás de sua majestade o divã; este sim quiçá, senhor da chave de um portal de saber e que oferece a quem ousa ali se deitar, lampejos imprescindíveis da arte de viver. Qual a matéria prima de um psicanalista?

Com esse necessário e rico desconforto, resolvi trilhar e seguir possíveis veios que Lacan abriu a quem dele por ventura quiser se aproximar, ainda que sem compreendê-lo, mas puder deixar-se tocar e impactar pela ressonância de suas palavras.

Proponho percorrer a questão da Alienação /Separação, seguindo da operação *sine qua nom* da causação do sujeito, exposto no *Seminário 11 - os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* -, indo ao pulsar deste movimento no transcorrer do percurso de uma análise - da travessia do fantasma ao desejo do psicanalista. Da “Excomunhão” ao “Em ti mais do que tu” e mais um pouco.

No ano de 1960 - no congresso de Bonneval - (*Posição do Inconsciente*, Escritos 1998) Lacan nos traz a questão do processo alienação/separação de uma maneira que parte da raiz da alienação, -o ponto originário a partir do qual o sujeito se constitui- à separação na qual o sujeito ascende ao campo simbólico, cunhado pela essencial falta radical – perda primordial do ser, propulsora da subjetividade-, mas também aponta que este processo não se finda em uma única volta simplesmente. Continua seu pensamento articulando sobre o tema e afirma que “a separação representa o retorno da alienação” (Escritos, *A posição do inconsciente*, p.858), implicando nesta relação, uma dinâmica, a qual o sujeito estará submetido.

O processo de constituição subjetiva, imersão do sujeito na linguagem e entre significantes, tem como mola propulsora a

raiz da alienação demonstrada por Lacan a partir da operação matemática de reunião entre dois conjuntos parcialmente sobrepostos, sendo um do campo do ser, outro do sentido, ligados por um conectivo (vel), que obrigará o sujeito a “uma escolha forçada e, forçosamente, perdedora” (Lacan, 1967-1968, Sem. 15, *O Ato Psicanalítico*). Escolha esta, da perda de parte de si abrindo assim a possibilidade de um sujeito advir no espaço do sentido do Outro. Para o ser adentrar ao universo simbólico, universo da linguagem, dos valores culturais e normas, sofrerá para sempre uma profunda alteração de sua natureza.

Ao ser convocado a escolher a vida, recusando uma morte prematura e poder lançar tal destino a um prazo adiante, é preciso acatar as leis da linguagem. Portanto, só há sujeito se houver enlaçamento ao Outro. Nenhum sujeito será causa de si mesmo, e sim a consequência de uma perda, dividido pela escolha fundadora entre o ser e o sentido (S1-S2), indicando que se, por um lado, o sujeito aparece na inscrição significativa, por outro desaparece em sua perda de ser, marcando assim uma falta constitutiva. Tal operação, ainda que falha, será determinante da captura do sujeito pelo significativo, a oportunidade de viver enquanto falante (parlêtre). Essa divisão é precisamente o que Lacan descreve com o termo afânise.

Tal operação ocorrerá com um custo, uma vez que o ganho de sentido implicará a incorporação do sem sentido, e não restituirá a consistência do ser, marcando assim um lugar permanentemente de falta, seremos aqueles a quem falta o ser.

Nos primórdios da alienação, o advento do sujeito necessita incorporar fagulhas da força do Outro que promovam predicações sobre si, para que possa tomar significantes do Outro tornando-os seus, para que estes o suportem como marca radical. A perda do puro organismo em detrimento da possibilidade de entrada na

ordem simbólica, não oferece qualquer garantia de resposta suficiente a quem fomos, somos ou seremos. Somos carentes de sentido e para tecer a trama precisamos nos enodar aos fios do Outro, e ainda nos fixarmos como possível objeto do seu desejo.

O fato do sujeito ter sua existência enodada ao Outro, o coloca como dependente de seus deslizamentos significantes que propiciarão produções de sentido (S1-S2), criando um movimento de identificação que o enriquece e se inscreve. Porém, tal movimento nunca recobrirá inteiramente a falta que o constituiu. Fato que o condena a uma divisão entre ser e sentido, movimento que o faz deslizar nas bordas de seu próprio vazio e dos predicados a ele atribuídos, demandando um sentido a mais e impossível, que responda à sua parte faltante da perda de ser. Busca pulsional da verdade que não se fecha em identificações, nem tão pouco às predicções ou nomeações parcialmente inscritas, pois parte das mesmas estarão para sempre êxtimas a ele, fazendo com que deslize em um processo contínuo de busca de si.

Na medida em que a alienação ocorre por uma perda que determina a falta do ser, mas que possibilita o sujeito acessar o sentido no campo do Outro, também aparecem pontos sombrios no discurso, demonstrando a falha própria da relação e oportunizando ao sujeito o questionamento mítico sobre a incompletude; sua e do Outro. A intersecção entre os conjuntos ser/sentido, sujeito/Outro, só ocorre na medida em que ambos apresentam um espaço comum, não do que lhes pertence, mas justamente do que lhes falta. A falta do sujeito provoca uma perda que retorna como causa. Será neste ponto comum de falta que Lacan localizará a causa do desejo, o objeto a.

A separação irá se instituir pela percepção da opacidade do discurso do Outro e pela polissemia que os significantes apresentam, equívocos pelos quais desacomoda o sujeito de tal berço,

podendo promover a interrogação sobre o enigmático objeto causa de desejo do Outro e assim poder tomar para si o fragmento que os une, constituindo-se também como desejante, pois a questão acerca do “*Che vuoi?*” vai agir como causa de seu desejo. Esta separação será uma libertação, ainda que limitada, transformando a falta em perda e a perda em causa, adquirindo assim uma outra dimensão. Tal operação implica o sujeito em uma posição ativa sobre sua perda, provocando o Outro como faltante.

Ao defrontar-se com o impossível da completude, cabe ao sujeito reconhecer que o que lhe resta desta relação é exatamente isto que lhe faz insuficiente, portanto, será a carência de significantes plenos que fará com que encontre na falta motivo para buscar e se relançar, a partir do prisma fornecido pelo Outro.

A primeira volta é um prelúdio, o sujeito ao fazer este giro confronta-se com o enigma do discurso e desejo do Outro, reconhece a impermanência intrínseca do sentido, apesar de ter renunciado ao gozo do ser pelo ganho do sentido. Ao jogar com a perda do que ele é como objeto causa para o Outro, a marca do desejo do Outro fará deste o lugar onde seu fantasma se instalará; representado no matema que envolve o produto da alienação, o sujeito com o objeto a, e a separação.

Retorna à alienação - agora na dialética do desejo e com recursos simbólicos - como o objeto desejado do Outro na tentativa de decifrar o permanente enigma “*Che vuoi?*”, construindo uma resposta que irá dar fundamento ao seu fantasma, suporte de adiamento de um mítico reencontro com o ser, pois ainda assim vislumbra um dia reencontrar tal satisfação, atrelando sua existência a um movimento circular de repetição, afim de encontrar uma via que aplaque o desconforto de não se saber.

O fato de estar enlaçado ao desejo do Outro, referência para se constituir, o defronta com sua essência em falta. O que

não responde a enigmática interrogação sobre “o que queres?” - mola propulsora de desejo -, mas torna-se delatora da falta que o impossibilita de tudo dizer. Para aplacar tal angústia e por ausência de recursos simbólicos suficientes, o sujeito inclui-se na questão e pergunta-se: “o que queres de mim?” interpretando como verdade a resposta por ele fantasiada. Cria com isso uma torção em que substitui o matema do fantasma na sua relação com o como objeto a, o resto da operação de sua própria constituição no campo do Outro, como sendo ele próprio o objeto desejado pelo Outro, e com isso prende-se neste início à literalidade da imagem supostamente demandada. O desejo neurótico encontra-se preso à demanda do Outro, criando o primeiro ato primeiro ritornelo\* fantasmático em torno do furo existencial.

A construção do fantasma se conjuga à separação, como coloca Lacan 1964, mas por outro lado fixa o sujeito às referências de identificação imaginária  $i(a)$ , na posição de objeto frente ao desejo do Outro, colocada por Lacan em seus primeiros seminários (1953/54 e 1954/55), pontuando com isso um retorno à alienação. Momento ímpar em que o sujeito constrói a imagem de si, a partir da imagem do outro. Nesse relançar ocorre uma fixação do sujeito nas suas referências ao desejo do Outro, encenadas no fantasma. No *Seminário 11* (1964), Lacan aborda que o ponto do ideal do eu I (A) é a produção da imagem, dependente da maneira que o sujeito se percebe no reconhecimento do Outro, o sujeito se vê, visto pelo Outro, expresso por significantes ideais com os quais ele se identifica. Em seminários subsequentes, 14 e 15 (1966/1967 – 1967/1968) o autor discorre sobre a fixação do sujeito no fantasma como substrato das produções das identificações. Caberá ao sujeito não se identificar com o objeto, e sim com os significantes em torno da falta, movimento causa de desejo, que deverá ser elaborada e reelaborada muitas vezes,

à maneira de uma repetição que inclua a diferença e não uma reprodução do idêntico.

A psicanálise, no trabalho de transferência, oferece ao sujeito uma possibilidade de atravessamento desta teia, constituída das fascinações que lhe cegam e lhe fazem entregar-se como objeto demandado, permitindo entrever nas básculas de abertura inconsciente as indeléveis e parciais identificações estruturantes que o enriqueceram e outras tantas passíveis de serem feitas, desfeitas e refeitas ao longo de sua vida, transitando pelas voltas da alienação à separação.

Seguindo as voltas de sustentação, assujeitar-se ao Outro implicará assujeitar-se ao desejo do Outro, mas não necessariamente jogar-se nas fantasmáticas demandas que atribui ao Outro sobre si, e sim desvendar e conviver, abdicando de seu ser, na lógica que o faz desejanste, para assim, porventura, construir uma autoria de percurso. Como coloca Lacan (1967, p. 259): “o sujeito vê soçobrar a segurança que extraia da fantasia em que se constitui para cada um, sua janela para o real, e o que se percebe é que a apreensão do desejo não é outra senão a de um des-ser”.

É fato que o sujeito surge em uma condição da alienação, esse é o destino ao qual é assujeitado para que possa vir a nascer na linguagem e se apropriar da cultura, mas a separação advinda da experiência analítica da travessia do fantasma, terá que ser conquistada com o reconhecimento e flexibilização desta trama que até então o subordinava ao Outro.

O percurso analítico conduz o sujeito a atravessar o plano das ficções, separar o peso dos ideais incorporados do Outro, sem a promoção de um novo Ideal de Eu cristalizado a partir um processo identitário. Neste lugar destituído, o objeto de gozo até então fixado, flexibiliza-se, de forma a criar um movimento próprio, onde a diferença se faz presente. Reescrevemos o sintoma,

minimizamos o sentido imaginário para permitir a via simbólica tocar o real; experienciando o sentido do não sentido a ser representado em sua falta estrutural e mantendo seu caráter enigmático e desejante.

A partir da experiência do divã, o sujeito poderá adquirir uma certa dose de liberdade em relação ao lugar que ocupou como objeto de desejo do desejo do Outro, dar voz e contorno ao mal-estar da existência. Respostas edificadas em um só depois, tempo que permite ao sujeito constatar e se haver com o íntimo da miragem de verdade, que sempre será mentirosa, - uma vez que ficção -, mas não por isso impedimento de busca.

Para algumas pessoas, o processo analítico surpreende pelo impacto das associações e construções transformadoras, e este entusiasmo permite, ou as impulsionam, a um *continuum* além do bem-sucedido trajeto, que as permitiria seguir a vida de forma confortável. Freud, em *Análise terminável/interminável*, (p. 285, 286) faz a observação de que um pequeno número de pacientes prosseguia o tratamento em busca de uma profunda alteração de si, denominando este fato como análise didática. E seguindo o pensamento lacaniano, uma análise didática visa a emergência de um sujeito como agente de um desejo singular, o desejo do analista. “A análise didática não pode servir para outra coisa, senão para levá-lo a este ponto que designo em minha álgebra como o desejo do analista”. *Seminário 11*, p.17.

O percurso analítico leva o sujeito a descobrir que criou um engodo para preencher a falha significativa própria do desejo, uma interpretação errônea que moldou sua fantasia como um meio de se proteger do desejo do Outro e responder a sua própria angústia de não saber. Pode-se dizer que foi um modelo pré-fabricado que determinou sua maneira de se colocar no mundo. Compreender tal dinâmica de preenchimento da falha ou falta,

possibilita o atravessamento da fantasia, constatando efetivamente a falta no Outro.

Reconhecendo também peculiaridades do seu laço com o gozo e a certos significantes mestres, possibilitando estar advertido de seus efeitos e com isso transitar entre ele com mais liberdade.

E ainda encontra uma nova maneira de se localizar na relação com o objeto a e a pulsão propriamente dita, uma vez que o movimento pulsional pode ser lançado envolto pelos significantes e, portanto, pelo desejo.

Conduzir um processo analítico requer do sujeito que se dispõe a ocupar este lugar, um dia já ter se deixado vivenciar e transformar pela experiência transferencial, que coloca o inconsciente em ato entre analista/analisante.

Desejo de analista é entregar-se à essência do desejo Outro, suportar alienar-se aos seus significantes, uma vez que nosso discurso encontra sua origem no campo do Outro, reconhecendo que a criação do novo só é possível a partir de sua dívida aos mestres. Dívida esta que nos impulsiona ao ritornelo da criação e à criação do ritornelo que envolve sempre o processo alienação/separação e seu retorno. É uma busca da diferença absoluta que permitirá a separação do sujeito na sua experiência. É se envolver com o perfume da vida, é sentir o aroma enigmático da falta existencial e envolvê-la com criações inebriadas pelas vestes das fantasias, um imaginário enlaçado à evanescência do significante, para suportar o real impossível de se saber.

Trabalho de análise é a aposta na construção freudiana de que o inconsciente não é um reservatório de conteúdos e sim um fato de leitura, que vai sendo construído em análise. Dele nada podemos compreender, é novidade permanente; sua captura só

ocorre pelo furo marcado no ato de escapar; mas ainda assim apostamos que possa ser lido.

O que resta de uma análise é a disposição para o instante do encanto em que as tintas da linguagem com cores de palavras, podem se lançar e saltitar pela satisfação de se saber poesia.

Depois disso, se o desejante sentar atrás de um divã, ou se dispuser a jogar tintas ao vento, ou ambos ... isso é outra história, o ato está posto!

## **Referências**

FREUD, Sigmund. (1937). Análise terminável e interminável. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v. XIX. São Paulo: Companhia da Letras.

LACAN, Jacques. (1964). **O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise** (2ª ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

LACAN, Jacques. (1953-1954). **O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

LACAN, Jacques. (1954-1955). **O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LACAN, Jacques. (1956-1957). **O Seminário, livro 4: a relação de objeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

LACAN, Jacques. (1964). Posição do inconsciente. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. (1966-1967). **O Seminário, livro 14: a lógica do fantasma**. Publicação não comercial exclusiva para membros do Centro de Estudos Freudianos do Recife: Recife.

LACAN, Jacques. (1967-1968). **O Seminário, livro 15: o ato psicanalítico**. Inédito.

RABINOVICH, Diana S. **O desejo do psicanalista: liberdade e determinação em psicanálise**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

# Feminicídio, observações a partir da psicanálise

Femicide, observations from psychoanalysis

Luzia Carmem de Oliveira<sup>1</sup>

## Resumo

A proposta deste escrito é contribuir para o debate acerca do feminicídio, trazendo algumas observações sobre a violência de gênero a partir da psicanálise de Freud e Lacan, buscando problematizar a dualidade vítima-agressor. Para tanto é necessário conhecer aspectos da complexa subjetividade humana, buscando compreender escolhas que parecem contraditórias e assim podermos trabalhar na construção de uma linguagem que arrefeça a violência.

**Palavras-chave:** feminicídio; feminino; mulher; psicanálise.

## Abstract

The purpose of this writing is to contribute to the debate about femicide, bringing some observations about gender violence from the psychoanalysis of Freud and Lacan, seeking to problematize the victim-aggressor duality. Therefore, it is necessary to know aspects of the complex human subjectivity, seeking to understand choices that

---

1 **Luzia Carmem de Oliveira:** Membro da Associação Psicanalítica de Curitiba, coordena grupos de estudos e atividades e atua na clínica. Doutoranda em Psicologia Clínica – PUC-SP, Mestre em Psicologia Clínica – UFPR, Especialista em Saúde Mental, Psicopatologia e Psicanálise – PUCPR. E-mail: lcarmemoliveira.psi@gmail.com.

seem contradictory and thus be able to work on building a language that cools down violence.

**Keywords:** femicide; feminine; woman; psychoanalysis.

*Cadê meu celular? Eu vou ligar prum oito zero  
Vou entregar teu nome e explicar meu endereço  
Aqui você não entra mais, Eu digo que não te conheço  
E jogo água fervendo se você se aventurar*

*Eu solto o cachorro  
E, apontando pra você  
Eu grito péguix guix guix guix  
Eu quero ver você pular, você correr  
Na frente dos vizinhos  
'Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim  
E quando tua mãe ligar, Eu capricho no esculacho  
Digo que é mimado que é cheio de dengo mal acostumado  
Tem nada no quengo  
Deita, vira e dorme rapidin'  
'cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim...*

(Douglas Germano, Elza Soares)

Nomear<sup>2</sup> é o ato de dar nome a alguma coisa ou pessoa, ou seja, designá-las por seu nome (Dicio, 2023). A palavra feminicídio, que vem ganhando notoriedade nos últimos trinta anos, foi utilizada pela primeira vez pela socióloga sul-africana Diana Russel em 1976, em uma apresentação no Tribunal Internacional de Crimes contra Mulheres, em Bruxelas. Esse termo tem sido utilizado para nomear o homicídio praticado contra mulheres em razão de gênero, ainda que possua definições jurídicas que

---

2 <https://www.dicio.com.br/nomear/>. Acesso em 25/06/2023.

se diferenciam em alguns aspectos, como destaca Renata Bravo (2019) em seu livro sobre o tema.

O Brasil possui uma alta taxa desta violência, chegando, no ano de 2022, à marca de ter uma mulher assassinada a cada 6 horas<sup>3</sup>. A partir do trabalho e ativismo de muitas pessoas, as políticas públicas e legislações foram passando por mudanças com o objetivo de coibir, prevenir e criminalizar este e outros tipos de violências direcionadas às mulheres. Na rota dessas alterações, em 20/04/2023 foi publicado no Diário da União uma alteração na Lei Maria da Penha, sancionada pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva, assegurando medidas protetivas às mulheres em situação de violência doméstica ou familiar, independente da causa ou da motivação desses atos, a partir do momento em que é realizada denúncia à autoridade policial ou a partir de alegações escritas<sup>4</sup>. Essa mudança na lei busca agilidade nas ações de proteção às mulheres em situação de violência.

Algumas mudanças na legislação brasileira - que prevê igualdade de direitos entre mulheres e homens - são recentes, como por exemplo: em 1962 foi sancionada a lei que permite que a mulher casada possa trabalhar sem a prévia autorização do marido; em 2003 os homens perderam o direito de pedir anulação do casamento sob alegação de que a mulher não era mais virgem; em 2022 foi aprovado o projeto de lei que proíbe o uso da tese de “legítima defesa da honra” como argumento de defesa nos casos de feminicídio, tese que se tornou muito popular por ocasião do julgamento do assassino confesso de Ângela Diniz, socialite brasileira morta por seu namorado em 1979. Mesmo

---

3 <https://nev.prp.usp.br/>. Acesso em 25/06/2023.

4 <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2023/04/20/nova-lei-determina-protexao-imediate-a-mulher-que-denuncia-violencia>. Acesso em 25/06/2023.

que algumas dessas leis tenham se tornado ultrapassadas pela própria mudança dos costumes sociais, enquanto constavam na legislação, os atos ainda poderiam ser criminalizados e as mulheres continuavam subjugadas sem a possibilidade de escolher.

Notícias acerca do feminicídio circulam pelo social desde sempre, ainda que o termo seja recente, mas foi somente diante de Arlete, escutando seu relato na clínica, que efetivamente me ative aos questionamentos: o que nutre a violência de um homem contra uma mulher? O que induz uma mulher à escolha em manter-se numa relação com seu agressor? Indagações essas compartilhadas por colegas que atuam com pessoas envolvidas na violência de gênero, questionamentos Éticos - seja no trabalho singular com cada caso ou Sujeito -, seja na elaboração de políticas públicas. Além disso, como a psicanálise pode contribuir para a discussão acerca desse tema?

Para a psicanálise, o entendimento sobre o assunto segue um caminho diferente da leitura jurídica, levando-nos a pensar em categorias como: identificação, pulsão, amor-ódio, castração, escolha de objeto amoroso, gozo, dentre outros conceitos. Sendo uma *práxis* da clínica que privilegia a singularidade do sujeito, a psicanálise nos oferece recursos para leituras da cultura e aponta para aspectos inconscientes ou movimentos da subjetividade, que se encontram presentes e são constituintes deste tipo de evento. Neste trabalho, realizo algumas observações sobre essa forma de violência, embasando-me na psicanálise de Freud e Lacan<sup>5</sup>.

---

5 Este artigo é uma ampliação da comunicação oral proferida no XIV Congresso Brasileiro de Psicanálise das Configurações Vinculares, realizado na cidade de Serra Negra, em maio/2023, elaborações oriundas de minha pesquisa de doutorado sobre o feminino, em andamento na PUC-SP sob orientação do Prof. Renato Mezan, com apoio do CNPq.

Arlete chega ao consultório encaminhada pelo serviço social da empresa na qual trabalhava, pois vinha tendo abstenções no trabalho, havendo indícios de que era vítima de violência doméstica por parte do marido, pai de seus dois filhos. Ao olhar para aquela mulher emagrecida, abatida, angústia estampada em sua face, penso no que poderia haver por baixo daquele semblante que já denunciava a realidade da violência sofrida. Mediante a pergunta: o que a traz aqui? Não hesita em relatar que há alguns dias havia discutido com o marido e ele a agredira fisicamente, ameaçando-a de morte diante dos filhos, situação que a fizera sair de casa e abrigar-se na casa de uma amiga, sem manter contato com ele. Ocorre que passados alguns dias, sem coragem para realizar uma denúncia apesar de todos os estímulos para isso, decide atender a um chamado dele e naquele momento sentia-se inclinada em dar-lhe mais uma chance, pois ele dizia-se arrependido. Não era a primeira vez que isso acontecia.

Pela frequência dos relatos com conteúdo semelhante quando há violência de gênero, foi possível para estudiosos mapearem a existência do que se convencionou chamar de ciclo da violência. Conforme o site [www.institutomariadapenha.org.br](http://www.institutomariadapenha.org.br)<sup>6</sup> o ciclo possui um roteiro dividido em três fases: A fase um é quando tem início a tensão dentro do casal. O agressor tem acessos de raiva, irritação, faz ameaças, humilha e a mulher por sua vez tenta acalmá-lo, cuida para não o provocar, porém entra em estado de angústia, medo, ansiedade; na fase dois ocorre a explosão do agressor, falta de controle e atos violentos e a mulher fica sem reação. Neste período agrava-se seu sofrimento, mas também pode ser o momento em que ela busca ajuda; fase três é o período de arrependimento do agressor, onde ele busca uma

---

6 [www.institutomariadapenha.org.br](http://www.institutomariadapenha.org.br). Acesso em 25/06/2023.

reconciliação e a mulher sente-se confusa diante das promessas de mudança. Período relativamente tranquilo, chamado de lua-de-mel. Em ciclos que se repetem, o feminicídio pode ser o ato final para este enredo de violência.

Essa repetição nos remete ao que Freud (1920) chamou de compulsão à repetição, processo de origem inconsciente no qual o sujeito repete experiências antigas, sentindo-as como atuais e aponta para o caráter conservador da pulsão. Individualmente cada um dos membros do casal vive sua própria compulsão à repetição, contribuindo para a manutenção do ciclo. Ao entrar na linguagem, o ser humano entra no campo pulsional, tornando-se submetido a essa entidade mítica que sempre busca satisfação, sendo que neste percurso pode passar por algumas adversidades, Freud (1915).

O ódio foi inicialmente abordado por Freud (1915) como uma das vicissitudes da pulsão - a reversão ao contrário -, precisamente na conversão de amor em ódio. Sua origem encontra-se nas fases iniciais da vida da criança, ao entrar no narcisismo primário (amar a si e à mãe) forma-se a antítese amor e ódio que se aplica à relação do Ego total com os objetos e não da pulsão com os objetos, de modo que o Ego odeia os objetos que se lhe tornam fonte de sensações desprazerosas. A relação de um casal tem início como uma história de amor e há um discurso no social alimentado pelas idealizações humanas que reprime o ódio, ainda que esses dois afetos andem sempre juntos, estando um sempre atrelado ao outro.

Freud (1915) entende que o ódio é mais antigo que o amor - enquanto relação com o objeto - e surge da primordial rejeição do mundo externo dispensador de estímulos, por parte do ego narcísico. Quando a relação de amor com determinado objeto se rompe, não é raro que o ódio tome seu lugar, fazendo parecer que

o amor se transformou em ódio. O ódio motivado por uma situação real é fortalecido pela regressão do amor ao estágio sádico preliminar, de modo que odiar assume um caráter erótico e a continuidade da relação amorosa é garantida. Assim, quando o sujeito revela seu ódio, sinaliza que ainda permanece ligado ao objeto e quando ele se manifesta, algo externo ou interno o colocou em movimento.

Esse ponto nos permite pensar sobre o transbordamento do ódio dentro de um casal, quando um se torna para o outro, fonte de sensações desprazerosas/prazerosas. Na violência, momento que ocorre a descarga pulsional, o ódio se apazigua momentaneamente e o sujeito encontra o prazer, até que a tensão volte a aumentar e a pulsão precise de uma nova descarga. Para que o ser humano não viva somente sob os desígnios pulsionais, outros recursos da linguagem devem entrar em cena, permitindo a construção de laço social, sendo um desses elementos a castração. Esse circuito se torna muito arriscado quando o sujeito rompe sua relação com a castração.

Quando Freud (1920) descreve o segundo dualismo entre pulsão de vida e pulsão de morte, conclui que o princípio do prazer se encontra a serviço da pulsão de morte, pois enquanto as pulsões de vida perturbam a paz interna, geram excitações, tensões, trazendo satisfação quando são eliminadas, a pulsão de morte faz o seu trabalho silencioso, buscando manter sempre baixa a excitação. Embora a descrição freudiana aponte para um biológico, podemos extrair a conclusão de que as duas pulsões são inseparáveis, havendo fusionamento e defusionamento delas. Lacan (1959/60) avança nesta leitura, entendendo a existência apenas da pulsão de morte contendo a pulsão de vida, evidenciando a contradição como uma marca da subjetividade humana, contradição essa que aparece na linguagem, no desejo.

Ocorre repetição do que pode ser representado na fala, na palavra e do que é irrepresentável, tratando-se da repetição do real, Lacan (1964).

A violência de gênero e o feminicídio ocorrem majoritariamente em casais heterossexuais. O prefixo hétero<sup>7</sup>, de origem grega, significa outro, diferente (Dicio, 2023) e embora sejamos todos diferentes, no que tange à violência de gênero estamos diante de algumas particularidades. Para analisar os movimentos da subjetividade, penso em dois sujeitos que possuem cada um, sua história, sua trajetória, sua constituição psíquica, tendo presente o que disse Freud (1925), que a pura masculinidade e feminilidade são somente construções teóricas, não sendo possível na realidade psíquica.

Ainda assim, há posicionamentos subjetivos e sociais diferentes ao se identificar como homem ou como mulher, ou com nenhum dos dois, de modo que igualdade de direitos não significa igualdade entre os sexos. Se os sexos não são iguais, temos uma diferença significativa que pode engendrar o ódio, mas para que isso ocorra, o próprio sujeito encontra em si algo que remete a essa diferença, que faz sentir o objeto como fonte de desprazer que deve ser eliminado.

Freud (1924, 1925) postula que a identificação e a escolha de objeto amoroso são posicionamentos subjetivos, consequência do Complexo de Édipo. Na relação com as funções materna e paterna ocorre uma triangulação, onde as crianças direcionam para uma das figuras o seu desejo e o outro genitor é sentido como rival. Uma das etapas na travessia do complexo é a descoberta dos genitais, conhecimento esse que produz consequências psíquicas. O menino tem acesso ao seu genital, mas somente lhe

---

7 <https://www.dicio.com.br/hetero/>. Acesso em 25/06/2023.

dará um significado especial ao constatar a diferença diante do outro sexo e sofrer a ameaça de castração. Disso pode advir duas reações: aversão ou menosprezo ao outro sexo. Quanto à menina, ao perceber a diferença genital é acometida por inveja, sendo uma das consequências o sentimento de inferioridade, Freud (1925). Embora essa seja uma leitura imaginária da criança, conforme Lacan, temos o registro da diferença e a elaboração simbólica que admirá dessa diferença ocorre no um a um.

Arlete declara a dificuldade em pensar sua vida sem aquele homem, pois apesar dos rompantes, era uma pessoa de bom coração, quando as coisas se acalmavam ele era amoroso e acreditava que se o deixasse não conseguiria conhecer outra pessoa. Afirma que por algum tempo, ao ser submetida às agressões verbais, logo em seguida entrava em estado de negação, pois sentia uma insuportável solidão ao pensar em não o ter mais em sua vida, “como se ele fosse tudo que eu tinha”. Embora escutasse com frequência de pessoas de seu convívio o quanto era uma mulher inteligente, capaz de cuidar da própria vida e dos filhos, profissional competente (ainda que se encontrasse em período difícil), isso não produzia nenhum eco subjetivo que a ajudasse a romper com aquele ciclo. Sua fala sugere um lugar de inferioridade diante deste outro, ao mesmo tempo que este outro é sentido como o objeto total que satisfaz a pulsão, tamponando a falta, gerando para ela uma potência de completude. Esse tipo de relato é frequente na voz de mulheres em situação de violência e muitas vezes aparece acompanhado pelo atordoamento de não compreender o porquê de se encontrar nesta situação, independente de classe social.

Quando as crianças sofrem as restrições, interdições do pai ou da mãe, o complexo de Édipo declina. Neste ponto me permito fazer uma digressão. Não conheço o marido de Arlete, não o escutei, apenas tive notícias por seu próprio relato, mas

chamou a atenção que um dos motivos das brigas, inclusive razão desta última ocorrência, foi a discordância deles com relação ao dinheiro dela. Dos dois, ela é que tinha a melhor renda, ele sempre enfrentou dificuldades em se manter no trabalho e queria seu dinheiro. Diante da negativa dela, que tenta lhe colocar algum limite/ uma interdição, há uma explosão de ódio, que nos faz questionar: haveria um desprezo por aquela mulher/ pelo feminino, ou ao ser remetido à castração ele precisa degradá-la para continuar mantendo nesta relação alguma potência? Houve períodos em que ela não trabalhava e ele também era violento, porém desde que ela conseguira mais autonomia através do trabalho, percebeu que seus atos se tornaram ainda mais violentos.

Lacan (1956-57) salienta que no complexo de Édipo não estamos diante do pênis enquanto órgão, mas do falo, operador lógico das relações subjetivas, que nem homens e nem mulheres o possuem, são faltantes, pois ele encontra-se na cultura/na linguagem, de modo que o feminino e masculino não se restringem à anatomia. O Édipo estrutura o posicionamento do sujeito diante da falta, período em que se estabelece o processo de identificação, o desejo e a passagem para a cultura, momento de transmissão da castração que instaura a Lei e funda a dívida simbólica.

Podemos supor que quando o marido de Arlete a agride, há uma descarga de ódio que entra em movimento ao ser remetido à castração, evidenciando que além de não suportar a alteridade, essa mulher é percebida como mais potente e ele é acometido de horror por sentir-se tratado como menos potente, havendo uma inversão entre posição masculina e feminina. Deste modo, podemos entrever que o que se busca na violência é aniquilar o outro enquanto sujeito e silenciá-lo, mantendo-o na posição de objeto submisso e mantendo-se na posição de potência,

sendo o feminicídio o ato supremo deste circuito, que aniquila completamente o outro. Um momento muito sensível, no qual pode ocorrer o feminicídio é exatamente quando a mulher toma alguma atitude de restrição, tentando romper com esse circuito, momento em que as políticas públicas mais precisam atuar.

Arlete comparece a uma última sessão para se despedir, dizendo que fora desligada do trabalho e que ainda não sabia bem o que faria com o ex-marido, embora se mantivesse em contato com o serviço social da empresa, mas que não voltaria mais às consultas. Diante da impotência em proceder de outro modo, ao analista resta o lugar de respeitar seu desejo, respeitando que ela seja o sujeito de sua escolha, e que possa levar adiante o seu questionamento quanto à submissão àquele homem, situação que ela dizia gerar muito sofrimento. Arlete não pôde aceder ao questionamento quanto ao ganho que ela tinha mantendo-se nesta posição.

Segundo Ubieto, citado por Riguini e Marcos (2018), a mulher em posição de degradada, humilhada, também encontra benefícios inconscientes ao manter-se neste lugar enquanto amante, mas também no lugar materno e isso aparece em falas que remetem à preocupação com o agressor, em como ele viverá sem ela, de modo que a relação vítima-agressor se complementa e todos os avanços sociais (financeiros, jurídicos) só produzem efeitos a partir de uma mudança subjetiva. É importante salientar que as intervenções que ocorrem em uma relação violenta, seja de onde partirem: psicologia, serviço social, polícia, igreja, amigos etc., são aberturas para que o sujeito possa se questionar sobre seu posicionamento, sua escolha, e como sugere a música de Elza Soares, alguém possa romper o ciclo repetitivo da violência.

A discussão acerca da violência contra mulheres vem se tornando mais evidente no Brasil e no mundo, houve avanços no

campo das políticas públicas, no entanto os índices indicam que o debate sobre esse assunto está longe de se esgotar em respostas únicas. Pensarmos como cada um dos membros contribui para a manutenção de um sintoma no casal, não significa patologizar, culpabilizar ou vitimizar, mas compreender como as escolhas individuais que ocorrem a partir da subjetividade de cada um, podem se complementar ou se distanciar, escutando o que se encontra em cena nas relações violentas, para responsabilizar o sujeito pelo seu desejo.

Um tema complexo como o feminicídio não se esgota nestas palavras e não se resume ao caso apresentado, nos convocando ao diálogo entre diversas áreas do conhecimento, buscando expandir compreensões. Acredito na psicanálise como um dispositivo potente para participar deste debate e encontro-me alinhada com outros estudiosos que pensam que a construção de uma linguagem que arrefeça a violência e rescinda o pacto vítima/agressor, é o caminho para evitar o feminicídio, e advêm do respeito à alteridade e não sob os desígnios fálicos para o homem ou da manutenção da mulher na posição de vítima.

## **Referências**

BRAVO, Renata. **Feminicídio: tipificação, poder e discurso**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2019.

FREUD, Sigmund. (1915). Os instintos e seus destinos. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v. XI. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_, S. (1920) Além do princípio de prazer. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v. XIV. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2010.

- \_\_\_\_\_, S. (1924) A dissolução do complexo de Édipo. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund**, V. XVI. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- \_\_\_\_\_, S. (1925). Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund** Freud, v. XVI. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- LACAN, Jacques. (1956-57). **O Seminário, livro 4: a relação de objeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- \_\_\_\_\_. J. (1959-60). **O Seminário, livro 7: A ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- \_\_\_\_\_. J. (1964). **O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise** (2ª ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.
- RIGUINI, R. D., & Marcos, C. M. Cinco Notas sobre o Femicídio a partir da Psicanálise. **Revista Subjetividades**, n. 18, 2018. (Esp), 1–12.
- SOARES, Elza. **A Mulher do Fim do Mundo**. São Paulo: Selo Circus, 2015.



# Gênero na atualidade: a escuta do psicanalista é subversiva

Gender in our times: the psychoanalyst's listening is subversive

Simoni Regina Cousseau Coletti<sup>1</sup>

Rosa Maria Mariotto<sup>2</sup>

## Resumo

Este artigo tem como objetivo discorrer sobre questões atuais que permeiam a escuta clínica e que vão além da pergunta cabal já conhecida: *o que o outro quer de mim?* Neste momento, a questão desliza para outro interrogante presente na atualidade, principalmente na clínica com adolescentes, que traz a seguinte demanda: *quem eu sou?* Esta questão, quando transformada em queixa, abre a possibilidade para o sujeito refletir sobre a sua posição sexual e, também, sobre a sua escolha do objeto amoroso/sexual. No contexto da globalização, o texto visa discutir se, na atualidade, o discurso social pode ser atrelado às manifestações de gênero. Para avançar de forma não didática, mas desenvolvimentista, considerou-se fundamental trabalhar conceitos como o Complexo de Édipo, identidade de gênero, identidade, identificação, posição sexual do sujeito e escolha de objeto. É importante enfatizar, por fim, que o artigo foi construído a partir da escuta clínica, ou seja, interrogando a teoria.

**Palavras-chave:** psicanálise; gênero; Édipo; identificação.

- 
- 1 **Simoni Regina Cousseau Coletti:** Psicóloga graduada (FADEP); Especialista em Clínica Psicanalítica: Freud e Lacan (UNIPAR) e em Psicopatologia da Infância e Adolescência (SOCIESC); Contato: simonicousseau@hotmail.com
  - 2 **Rosa Maria Mariotto:** coautora; Psicanalista; Membro da Associação Psicanalítica de Curitiba; Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento (IPUSP); Psicóloga graduada pela PUCPR; Contato: rosamariotto@uol.com.br

### Abstract

This article discusses current issues that underlie clinical listening and that extend beyond the well-known question: *what does the other want from me?* In the present times, especially in clinical practice with adolescents, the question shifts to another demand: *who am I?* When manifested as a complaint, this question raises the possibility for the subject to reflect on their sexed position and also on their choice of amorous/sexual objects. This text seeks to explore whether, in the context of globalization, the social discourse can be tied to manifestations of gender. To explore the topic with a non-didactic yet developmental approach, it was deemed fundamental to work with concepts such as the Oedipus Complex, gender identity, identity, identification, sexed position of the subject, and object choice. It is important to emphasize, finally, that the article was built from clinical listening, that is, by challenging the theory.

**Keywords:** psychoanalysis; gender; Oedipus; identification.

## Introdução

Quem se aproxima ou já se aproximou da Psicanálise, seja por estudos teóricos ou pela própria análise, deve ter se deparado com a diferenciação entre ouvir e escutar. Escutar vai além de ouvir e, talvez, seja possível arriscar que uma das diferenças entre as Psicoterapias e a Psicanálise, esteja pautada nessa diferenciação. Enquanto as Psicoterapias, e até mesmo a Psiquiatria, são protocolares – enquadram o indivíduo em protocolos – a Psicanálise oferece espaço ao sujeito, dito de outra forma, ao inconsciente.

Sendo assim, este artigo parte da premissa ensinada por Freud ([1923-1925], 2006b, p.25) de que “esses pensamentos são vinculados a diversos fatos da observação analítica e faz-se uma tentativa de chegar a novas conclusões, a partir dessa conjunção”.

Ou seja, a clínica sempre interroga a teoria, pois ela anda de mãos dadas com os discursos da atualidade. Diante da demanda de sujeitos, na maioria das vezes adolescentes que têm apresentado afirmação interessante, denominando-se bissexuais, o analista, sempre advertido, abre uma questão subjetiva fundamental e fundante, pedindo para que o jovem fale sobre a sua bissexualidade, pergunta que precisa ser respondida de forma singular.

Abrindo ainda mais a questão (deve ser “mania de psicanalista” querer abrir questões e propiciar questionamentos ao invés de buscar respostas), o que também circunda este artigo é buscar interrogantes para provocar outros entendimentos: haveria, então, uma identificação histórica na sociedade atual que esteja corroborando essas afirmações referentes à bissexualidade? A escuta do analista é subversiva e, por isso, a intenção não é de forma alguma taxar, enquadrar, patologizar a posição sexuada de cada sujeito. Pelo contrário, visa abrir para uma escuta ética e delicada sobre a atual e recorrente demanda dos consultórios clínicos. O psicanalista precisa distanciar-se do saber absoluto e, ao mesmo tempo, precisa querer saber – sobre o sujeito, sobre o inconsciente e sobre a subjetividade da época em que está vivendo.

Para avançar nesta temática, é preciso recorrer às questões cruciais que permeiam gênero, posição sexuada, identificação, identidade e escolha objeto do sujeito.

## **É menino ou é menina?**

Antes mesmo de a criança nascer, ela já está marcada pelos significantes menino/menina, além de todos os significados e signos que operam esses significantes. Na atualidade, são realizadas reuniões e festividades familiares muito criativas para

revelar o sexo biológico do bebê. Se a cor for azul, é menino; se for rosa, é menina. A anatomia ou a genitália seria o ponto de ancoragem para determinar o sexo (biológico) da criança. O que não quer dizer, de forma alguma, que existam garantias de sua sexualidade, ou seja, os genes ou o biológico não dão conta de dizer, nomear, respaldar o que é ser um menino-homem ou uma menina-mulher.

Se, portanto, o biológico não dá garantias de que um pênis ou uma vagina e/ou os cromossomos determinam um homem ou uma mulher, as teorias de gênero tentam abarcar a questão.

A identidade de gênero compõe os significantes culturais que indicariam como ser – ou parecer, parece-ser – faz semblante, como define Lacan ser homem ou mulher: o modo de se vestir, se portar, as profissões a seguir ou o que não fazer, por exemplo. O gênero, então, seria um papel social, uma construção cultural. Tem-se, aqui, uma sacada importante sobre gênero, como aponta Quinet (2020, p. 71):

[...] o gênero [...] é distinto do sexo biológico [...]. A noção de gênero é da ordem da construção – do próprio sujeito e da sociedade – e não comporta nenhum naturalismo, nenhum biologicismo, nenhum automatismo em relação à anatomia e não é absolutamente inato.

Os gêneros homem e mulher estão relacionados com o que Lacan chamou de “semblante”. Teixeira (2018, p. 55) colabora com essa temática ao afirmar:

Quando Lacan se refere a homens e mulheres como semblantes, na acepção que confere a este termo [...] ele acentua o caráter teatral, de encenação, de parecer-homem ou parecer-mulher [...]. Note-se, porém, que em nenhum momento ele afirma, sugere ou dá a entender que as *identidades sexuais* se reduziriam estritamente ao semblante. (grifo nosso).

Se este é um texto com base psicanalítica, e se o que embasa a sua construção é a clínica interrogando a teoria, não se pode desconsiderar que, mesmo cada sociedade determinando o que seja o correspondente a cada gênero, o inconsciente se opõe à cultura. Isso aparece nos relatos dos pacientes, nos seus sonhos, nos atos falhos e nas fantasias sexuais. Ou seja, é preciso ouvir a fantasia vestida por cada paciente.

O gênero não designa nem a posição subjetiva do indivíduo (ditada por sua fantasia inconsciente), nem as preferências pulsionais (oral, anal, olhar e voz), nem a escolha de objeto (homo ou hétero ou bi), nem sua posição sexuada preferencial (fálica ou não-todo fálica) que está na dependência do real na economia do gozo. (QUINET, 2020, p. 71).

Para a Psicanálise, ou para os psicanalistas, é primordial separar sexo – anatomia – de gênero – construções culturais –, de escolha de objeto – hétero, homo ou bissexual.

[...] a psicanálise mostra quanto a sexualidade é para todo e qualquer sujeito um transtorno. Um mal-estar diante de um impossível de correspondência entre sexo, gênero e sexualidade, aqui entendidos enquanto situados no registro Real, Imaginário e Simbólico, respectivamente. (MARIOTTO, 2018, p. 28).

Sendo assim, gênero refere-se à imagem que se tem dos atributos ditos masculinos ou femininos, ou seja, o que se transmite culturalmente de geração a geração. Há uma construção imaginária de homem e de mulher, todavia, o homem e a mulher não existem, cada sujeito se constrói homem ou mulher. Gleich (2018, p. 149) descreve: “identidade de gênero se refere ao campo das representações, das possibilidades de identificação oferecidas por determinada discursividade”. É o que está no discurso social. A identidade de gênero corresponde, portanto, ao que

foi atribuído à criança antes mesmo de ela nascer perante o seu corpo biológico.

Diante de tantas constatações, recorre-se a Freud, que aponta para a posição sexuada do sujeito e, também, para a escolha de objeto, que visitam o campo do inconsciente, e nada tem a ver com escolhas de identidade de gênero que, como descrito anteriormente, fazem parte de um discurso que jamais dará conta de representar a singularidade de cada sujeito.

Sobre isso, recordo-me de um pai que ao saber que seu filho era homossexual, veio até mim muito enfurecido, dizendo que aquilo que o filho mencionava era uma escolha. Nesse momento intervi, pedindo que me dissesse quando havia escolhido ser heterossexual. Naquele momento, o pai, ainda muito atordoado, pois pertencia à religião muçulmana, disse não haver escolhido a sua sexualidade. Importante recorte para colocar luz e reconhecer que o que se refere ao sexo transita pelo inconsciente.

Por isso é possível, por exemplo, ficar diante de uma mulher transexual que se relaciona com um homem transexual. De uma mulher com traços ditos masculinos, mas que se identifica como mulher e se relaciona com homem. A sexualidade humana e a pluralidade de identificações funcionam como uma espécie de Caixa de Pandora, ou seja, com certeza, é algo difícil de explicar e compreender, gerando dúvidas, preconceitos e pré-conceitos.

Vale aqui, fazer uma ressalva fundamental: o gênero é identificar-se com homem/ mulher – masculino/feminino, e não coincide com a escolha de um objeto amoroso.

O que a Psicanálise tem a dizer sobre a possibilidade de a identidade de gênero representar as insígnias sociais e culturais, ou seja, as características apropriadas por meninos/ meninas, homens/mulheres?

A fim de entender um pouco mais a respeito dessa questão, passa-se a discutir o processo de identificação, pois para a Psicanálise, as teorias de gênero são vistas como algo advindo do social e não do individual. As vertentes psicanalíticas concordam que “a identidade sexual jamais é resultado de uma escolha consciente, mas algo que o sujeito se dá conta sem ser capaz de definir como ela se constitui”. (TEIXEIRA, 2018, p. 57).

Para a Psicanálise, cabe importante diferenciação entre identidade de gênero e identidade sexual, já que não são similares.

### **Complexo de Édipo, Identidade e Identificação: um sexo para cada um**

Para falar/escrever sobre identificação é preciso retornar ao Complexo de Édipo que, dentro dos complexos familiares, ocorre com toda a sua singularidade e diferentes realidades.

Freud ([1901-1905], 2006, p. 170) menciona no texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, que no início a sexualidade infantil é perversa, polimorfa, ou seja, a busca da criança pela satisfação se dá em seu próprio corpo, já que “a pulsão não está dirigida para outra pessoa; satisfaz-se no próprio corpo, é auto erótica”. É o momento em que a criança suga seu pé, seus dedos, bate com os calcanhares em sua genitália, por exemplo. Nesse momento, o pequeno bebê está identificado com o corpo materno, ou de quem faz a função materna. A criança está alienada ao outro cuidador.

Posteriormente, a criança passa aos jogos constituintes do sujeito – os de presença e ausência – que simbolizam a presença e a não presença de quem dela se ocupa. Aqui já se percebe que o bebê vai lidando com as diferenças, ou seja, pela oposição:

presença/ausência; frio/calor; dormir/acordar etc., passando da alienação para a separação. Separação é diferente de desamparo, sendo assim, a criança passa a se vincular a outras pessoas além de quem ocupa o lugar materno.

Por volta dos três a cinco anos de idade a criança está no que Freud chama de Complexo de Édipo – compreendido como organizador e estruturante da sexualidade infantil. É o momento em que as crianças passam da autoerotização ou satisfação, para o âmbito mais social: começam a sentir vergonha, nojo, e estão mais submetidas às leis e normas culturais, por exemplo. O superego, como escreveu Freud ([1923-1925], 2006c, p. 48), é o herdeiro do Complexo de Édipo.

Ao ocorrer o encontro com o real do corpo, a criança passa a se denominar menino ou menina. Nesse momento, ela passa a ler as insígnias sociais e culturais que representam o masculino e o feminino, aproximando-se do simbólico. Assim, ao perceber o seu corpo integrado, a criança demonstra como se percebe – é a construção do Eu, do imaginário. No que tange aos três registros propostos por Lacan – Real, Simbólico e Imaginário – percebe-se como esse corpo, se estiver organizado, vai se apresentando.

Recordo-me de uma situação em que o menino me dizia para ficar com o prato rosa, “porque é de menina”, enquanto ele ficaria com o azul. Enquanto isso, outra criança, muito tomada pelos eletrônicos e jogos virtuais, não conseguia fazer a diferenciação homem/mulher, masculino/feminino. Não havia para ela o registro dessa diferença, já em idade cronológica para tal constatação. Em determinada sessão perguntou se as pessoas no supermercado não me confundiam com homem. Ao ser questionada a respeito, respondeu-me que eu tinha - e tenho mesmo! – pescoço comprido.

Esses exemplos não são para dizer o que é um homem ou uma mulher, mas que há uma diferença anatômica que, via de regra, costuma não passar despercebida pelas crianças. A partir disso, muitas perguntas fundamentais e fundantes da subjetividade passam a acontecer, como por exemplo, sobre o nascimento e a morte. A anatomia não precisa ser o destino da posição sexuada da criança, mas pode ser um ponto de partida, já que as oposições auxiliam na sua compreensão. As diferenças não precisam ser apagadas para que haja as diferentes formas de amar, se relacionar, se vestir, se nomear! É preciso, enquanto psicanalistas, localizar a diferença sexual fora da anatomia. E como isso ocorre? A clínica indica uma direção: a sexualidade do humano é atravessada pela linguagem. É aqui que se encontra notícias das diferenças sexuais.

Ainda sobre o Complexo de Édipo, é sabido que ele ocorre de forma distinta para o menino e para a menina. Para ambos, porém, o primeiro objeto de amor é a mãe (ou quem exerce a função, podendo ser um homem, por exemplo). Essa pessoa é quem atende primeiramente as necessidades do bebê.

O menino aproxima-se do pai como objeto identificatório, pois o medo da castração faz com que ele saia do Complexo de Édipo, uma vez que a mãe, se castrada, é interdita, e abrirá uma brecha para entrada de um terceiro elemento na relação, podendo ser o pai ou alguma outra ocupação pela qual ela se interesse.

A menina, por sua vez, reconhece que é castrada, e entra no Complexo de Édipo fazendo uma investigação do pai, buscando a realização de seus impulsos. Não encontrando nele essa realização, ela faz essa busca em outro lugar: volta-se à mãe e procura nela as insígnias femininas.

Para Lacan, o Complexo de Édipo ocorre em três tempos: no primeiro, a relação é maior entre a mãe e o bebê, em que este passa a ser objeto exclusivo da sua progenitora. A criança simboliza o falo, e acredita ser esse falo, ou seja, aquele que vem para preencher a sua falta. Não é incomum o dito popular de que uma mulher somente é completa se tiver um filho. É possível que essas mulheres endossem uma das fases pelas quais passam com seus filhos. Como toda fase, porém, essa também passa!

No segundo tempo, o pai frustra tanto a mãe como o bebê. É quando ele comparece mais na relação e passa a fazer um distanciamento, uma separação, uma castração na mãe e na criança. A pequena criança reconhece que apesar de sua existência e de todo o seu charme, a mãe continua em falta. Cabe, aqui, um apontamento: na atualidade, quantos pais não conseguem ou não fazem essa função de privação? São pais que cedem facilmente seu lugar na cama para seus filhos, por exemplo. Que parecem não fazer privação nesse gozo entre mãe e filho. Esta questão, todavia, certamente geraria outro estudo!

No terceiro tempo, há a noção de que o pai também é castrado. Aqui surgem as identificações e, para isso, é preciso haver a castração. A criança deixa de ser o falo para a mãe, mas ela, a criança, usufrui dessa relação, desse laço para fazer um traço – seu traço, sua singularidade – a partir das insígnias que recebeu dos adultos cuidadores.

A dissolução do Complexo de Édipo acontece na primeira infância, ou seja, por volta dos três a cinco anos de idade. É claro que esse marco cronológico não é lógico. A criança à qual nos referimos anteriormente, e que não apresentava essa organização psíquica estabelecida, tinha oito anos de idade.

Por outro lado, há em Freud a constatação do que explicaria a bissexualidade estruturalde ambos os sexos, o que ele chamou

de Complexo de Édipo mais completo, que é dúplice, positivo e negativo (FREUD [1923-1925], 2006a, p. 45), e decorre da bissexualidade originariamente presente na criança. Dessa forma, Freud retoma que há sentimentos ambivalentes para com os pais, bem como identificações com ambos. Essas identificações podem, segundo o psicanalista, desaparecer ou permanecer. Freud ([1923-1925], 2006a, p. 45) complementa:

Pareceria, portanto, que em ambos os sexos a força relativa da disposição sexual masculina e feminina é o que determina se o desfecho da situação edipiana será uma identificação com o pai ou com a mãe. Esta é uma das maneiras pelas quais a bissexualidade é responsável pelas vicissitudes subsequentes do complexo de Édipo.

Mais além, Freud ([1923-1925], 2006a, p. 286) pontua de forma cirúrgica:

[...] todos os indivíduos humanos, em resultado de sua disposição bissexual e da herança cruzada, combinam em si características tanto masculinas quanto femininas, de maneira que a masculinidade e a feminilidade puras permanecem sendo construções teóricas de conteúdo incerto.

Para Freud, a identificação tem a ver com três fatores: seria a mais antiga ligação afetiva com outra pessoa; teria uma ligação libidinal e seria um traço que se assemelha a alguém.

Já para Lacan, o processo de identificação é fruto da relação com o seu cuidador, e teria a ver com o Estádio do Espelho, que acontece aproximadamente entre os seis e 18 meses de idade, período em que ocorre a integração do corpo da criança a partir do olhar do outro, ou seja, o momento de separação. A identificação, portanto, seria a imagem, o traço unário – a marca inicial imutável - que faz com que cada sujeito seja singular, isto é, o que diferencia os indivíduos. O traço carrega a diferença do que foi

transmitido à pequena criança, que primeiramente foi dito para só depois se dizer: “sou menino”, “sou menina”, por exemplo!

É preciso fazer essa separação e diferenciação para só depois se identificar. É preciso, pois, identificar-se para depois inventar um jeito de ser, de construir a identidade – aquela plastificada nada tem a ver com a que é inventada, inclusive, essa não cabe no bolso, bolsa ou carteira!

A pergunta já conhecida: “*o que o outro quer de mim*”?, desliza para outro interrogante muito presente na atualidade, principalmente na clínica com adolescentes, que trazem a seguinte demanda: “*quem eu sou?*”. Gueller (2018, p. 206) ajuda a refletir a respeito:

É só a partir dos encontros com os outros/Outro que alguém pode vir a dizer *eu sou*, embora essa consistência imaginária, resultado das identificações construídas na história singular [...] a noção de identidade sexual é contrária à do desejo. A afirmação de uma identidade fixa no imaginário que insiste em permanecer disjunto no simbólico, já que o desejo é mutante e inquieto e precisa sempre poder se deslocar. O caminho para poder fazer uma ‘escolha’ sobre a posição sexuada não é, portanto, do eu nem dos agentes de cuidado. Isso ocorre no encontro do sujeito com o desejo do Outro, o que, no melhor dos casos, acontece no marco do amor.

É possível compreender que a identificação tem a ver com a escolha de objeto, e que é da ordem do inconsciente. Já a identidade tem a ver com os traços, trejeitos ou características que cada um recolhe segundo a posição subjetiva que vai ocupando, ou seja, de acordo com as identificações que realiza ainda nos primeiros tempos da infância.

Há, contudo, diferenças fundamentais entre: ser homem ou ser mulher (que têm a ver com o gênero); posição feminina ou masculina (ativo ou passivo – todos os humanos circulam por

essas posições); e, posição de gozo na sexualidade (tem a ver com o objeto sexual). Desta forma, algumas constatações são fundamentais: não cabe à Psicanálise ser uma teoria convencional. O próprio Freud quebrou conceitos importantes quando propôs a sexualidade infantil, e reconheceu que há uma bissexualidade psíquica, ou seja, a anatomia não garante a posição sexuada do sujeito. O pai da Psicanálise, portanto, já pensava à frente dos intelectuais de sua época.

## **A linguagem não é bi, ela é poli**

É sabido que não existe uma imagem de homem e de mulher que se encaixe para todos, sendo preciso criar ou inventar uma forma singular para se nomear homem ou mulher, bissexual, transexual, travesti, etc. Diante de tantas diferenças, há algo semelhante em todos – a linguagem. Ninguém fica de fora do banho de palavras e das consequências que elas têm.

É por isso que o humano é demasiadamente complexo. O que o diferencia dos outros animais não é a inteligência, mas a linguagem. A gama de significantes e significados que remete os sujeitos aos seus antepassados, à sua história e às transmissões que lhes foram repassadas, não exclui a sexualidade. Como aponta Quinet (2020, p. 73), “o sexo do ser falante, que é dito biológico, também é um fato de linguagem, assim como o gênero, pois, não há nada no mundo dos falantes que seja natural, antepredicativo, pré-discursivo”.

O sujeito já nasce com direcionamentos sociais, culturais e familiares do que é ser homem ou mulher, e há um valor sexual nessas diferenças, que é recebido a partir da linguagem. Isso, entretanto, em nada garante a identidade sexual e a posição

sexuada do sujeito. Entende-se por posição sexuada, como ser de linguagem, uma posição inconsciente frente à escolha de objeto. E isso está relacionado com o Complexo de Édipo e o Complexo de Castração, ou seja, com o processo de identificação.

Quando alguém chega e diz: “*quem sou eu?*”, também está enfrentando o árduo trabalho de construir a sua relação com o sexo. Não é mera coincidência que essas questões apareçam com a chegada da adolescência – momento em que o adolescente reedita a sua identificação, constrói a sua identidade e faz escolhas amorosas/sexuais. Para corroborar esta questão, Jerusalinsky (2018, p. 99) aponta: “o desejo nunca é neutro, e quem assumir o seu desejo vai junto com autorizar a desejar”.

Algo tem chamado a atenção na clínica, em que muitos adolescentes têm se denominado bissexuais, mesmo sem relatar experiências e investimentos nas relações amorosas. É como se dissessem que podem tudo, ou seja, podem se relacionar tanto com menino como com menina, mas acabam não tendo nenhuma ou pouca experiência. Quando a análise avança, percebe-se a presença de algo um tanto fragilizado referente à identidade desses jovens, que ainda esbarram nos discursos sociais.

É o caso, por exemplo, de uma garota que se veste com roupas mais largas e gosta de coisas ditas masculinas, como fazer Moto Cross e andar de *buggy* pelo bairro onde mora. Essa adolescente vem fazendo interrogações importantes sobre a sua sexualidade, enquanto vem construindo a sua própria identidade: ser uma garota que não usa rosa, não usa roupas coladas e gosta de atividades radicais. Isso a tem ajudado a entender a sua sexualidade.

Este pode ser um pequeno e simples recorte, mas de um trabalho árduo e singular que abarca a cada um, sujeitos de linguagem. É a partir da linguagem e da simbolização que se pode nomear e viver as diferenças. Há um corpo, real, binário, mas

a simbolização e as tantas identidades que podem ser criadas sempre serão únicas para cada sujeito.

O analista precisa estar atento aos tropeços na linguagem, atento ao gozo do sujeito para que possa recolher e acolher suas dores, inquietações e dúvidas.

Noutro caso, um garoto que se denomina bissexual, relatou que fora paquerado anonimamente, e ao relatar a situação, falou que a menina que o havia paquerado não se identificou... Claro, ele pode se interessar por meninas ou meninos, mas por que quando há interesse anônimo ele pensa que uma garota se interessou por ele? Não poderia, então, ter sido um garoto? O desejo nunca é anônimo! Esse mesmo menino fala em não se identificar com o pai e com outros homens que conhece, fala das vestimentas, dos gostos musicais, de como os acha feios e desarumados. De fato, ele já vem se diferenciando desses homens e construindo a sua própria identidade. É um menino bastante vaidoso, que gosta de dançar e que se preocupa com a aparência, por exemplo. Isso, porém, não quer dizer que ele não seja bissexual, mas que ele também constrói sua identidade a partir de suas identificações.

Outra situação, não menos importante, é como os pais têm tomado ao pé da letra o que os filhos dizem sobre suas questões de gênero. Se uma criança diz não se reconhecer mais como menina ou menino, imediatamente acende um alerta e surgem muitas dúvidas quanto à forma de proceder para ajudar essa criança, sem reprimi-la ou traumatizá-la. Ora, se a subjetividade da criança ainda está em construção, se as atualizações necessárias à identificação, identidade e sexuação, ocorrem na adolescência, não seria demasiado prematuro falar em intervenções, principalmente de cunho permanente/duradouro (como tratamentos hormonais)? Certamente que a resposta é positiva. É o caso, por

exemplo, de uma menina de oito anos que, após a irmã adolescente denominar-se bissexual, diz não gostar mais de rosa e não querer mais as bonecas Barbie em seu quarto. Os pais, muito assustados, procuram atendimento psicanalítico e não sabem o que fazer diante da situação.

Uma menina não pode deixar de brincar de Barbie e ter nova cor preferida? A questão é poder desdobrar com a criança e/ou com o adolescente o que está em jogo quando fala o que diz. É possível ajudá-la cunhando algumas frestas em seu discurso, afinal, é nelas que entra a luz! Essa menina, possivelmente, está identificada com a irmã mais velha. O que ela está fazendo é recolher traços dessa identificação, que pode ter relação com como essa garota se veste, o que interessa a essa irmã, e não necessariamente com aquilo que atualmente se chamade “escolha de gênero”.

Diante de tantos relatos de bissexualidade ou de não saber sobre a própria sexualidade, pode-se pensar que se está diante de uma onda de identificação histórica contemporânea? Se é na adolescência que se efetiva a escolha de objeto, o que significa esse discurso tão recorrente na atualidade? A escuta do analista é subversiva, é preciso estar atento. Há mudanças biológicas no corpo do adolescente, há questões psíquicas que se atualizam, mas o discurso atual, sem dúvidas, também se encarrega de produzir efeitos.

## **A bissexualidade (também) como discurso da atualidade**

Não é à toa que os adolescentes andam em grupos e começam a ter semelhanças, principalmente nas vestimentas, linguagem, forma de agir, etc. Esse fenômeno de grupo auxilia, e muito,

a passagem para o campo social, distanciando-se das primeiras identificações – parentais – para ir para o social, identificando-se com o outro – o grupo. É o momento de buscas, de experimentações, de descobertas, de encontro com o outro e com o sexo. Há um movimento de pertença, de fazer parte de um grupo, mas também, de poder singularizar-se. É a busca de ser igual, mas também diferente. É o momento de muita angústia e perguntas norteadoras que, na maioria das vezes, não possuem respostas prontas. Rassial (1999, p. 84) aponta que “é neste momento de crise, de perturbação, mas também de críticas autênticas, que o sujeito está mais disponível, mais acessível a um outro discurso: um discurso que permita a desmontagem dos discursos cotidianos e alienantes”.

Ora, se um dos discursos atuais é: “seja quem você quer ser” – como fazer um furo nesse discurso e ser o que se pode ser? A anatomia, de forma alguma determina o sujeito, mas talvez, se possa começar por algo, ter uma referência de quem se é para o outro, e depois, para si mesmo é fator primordial na constituição subjetiva. É só no depois que se sabe se a anatomia destina a posição sexuada e a escolha de objeto do sujeito.

Permeados por esse discurso positivista e falacioso, o analista tem recebido sujeitos desbussolados. Podem tudo e não conseguem fazer nada. São neutros, ou se dizem ser. Talvez não sejam neutros, mas paralisados. Diante de tal enunciado, o que diz a enunciação? Enquanto analistas, é preciso abrir questões. O analista é um escava-dor no sentido de provocar o desconforto necessário que faz o sujeito sair de uma condição alienante.

O discurso histórico é aquele que coloca à prova o discurso do mestre. Se a Ciência realiza promessas de que é possível reverter a condição real do corpo, no caso das disforias de gênero, a clínica mostra que “o buraco é mais embaixo”. Não há

procedimento, medicação ou cirurgia que dê conta do sexo no humano. Para cada um, um sexo. Qualquer tentativa de normalizar ou padronizar a sexualidade, está fadada ao fracasso. No livro *Histeria e sexualidade: clínica, estrutura e epidemias*, Marco Antonio Coutinho Jorge e Natália Pereira Travassos (2021) abordam, de forma ampla e detalhada, os fenômenos históricos que ocorreram no mundo.

Esses fenômenos colocam a prova que todo saber é passível de ser questionado. Não à toa foi uma histórica que fundou a Psicanálise tal como se conhece, colocando Freud no lugar de agente de escuta e não de saber! Os autores anteriormente mencionados pontuam:

[...] a histeria produz um questionamento incessante sobre diversos aspectos relacionados à sexualidade, denunciando qualquer tentativa de normalização. Considerando que a problematização intensa da classificação binária dos gêneros, verificada na cultura atual, reflete uma posição francamente histórica, é possível ver nela, mais uma vez, o caráter salutar e até mesmo heroico que vem desempenhando ao longo da História. (JORGE; TRAVASSOS, 2021, p.149-150).

A globalização e o uso da Internet certamente são fatores que contribuem para haver certa sugestionabilidade entre os adolescentes. A identificação com o discurso atual sobre as identidades de gênero, pode fazer parte disso como tantas outras identificações. Recordo de um adolescente que chegou ao consultório falando “carioquês”, fator inusitado para quem mora no interior do Paraná. O fato ocorreu porque o menino estava conversando, via jogos, com colegas do Rio de Janeiro. Seria mais difícil esse garoto ter acesso a essa aproximação se não fosse pelas redes sociais.

Isso pode ser chamado, de acordo com Jorge e Travassos (2021, p. 154), de contágio psíquico, que também respingou no que tange às teorias de gênero: “acreditamos que tal contágio é a mola propulsora do surpreendente aumento de casos e incongruências de gênero, configurando uma nova epidemia de histeria no mundo contemporâneo: a de gênero”.

Por isso é fundamental aos que se propõem a escutar questões relativas ao sexo, ou seja, quem trabalha com humanos, não avançar de forma prematura em diagnósticos e/ou intervenções. É preciso considerar em todos os casos, os processos identificatórios que estão em jogo, e que estão submetidos aos processos inconscientes. Quando alguém fala sobre seu gênero, está, para além disso, falando sobre a sua posição sexuada, que é permeada pelos processos inconscientes de identificação e de escolha de objeto. E isso só pode ser autorizado no um a um, no caso a caso.

Sendo assim, é importante estar advertido, conforme propõem Jorge e Travassos(2021, p. 158): “há indícios de uma epidemia inédita de histeria de gênero, através da qual os sujeitos prosseguem hoje colocando suas perguntas sobre o sexo”.

A cada um que procura fazer análise, a questão continua: “fale-me sobre a sua bissexualidade (ou heterossexualidade, homossexualidades, transexualidade, etc.). Fale-me sobre você!”.

## **Conclusão**

É possível reconhecer, enquanto analistas, que a linguagem não abarca toda a complexidade para responder às questões que o sexo aponta para cada sujeito, já que se está diante de uma condição impossível de ser respondida. Iaconelli (2018, p. 161) corrobora discorrendo: “a diferença sexual é não abordável pela

linguagem e, por isso, a linguagem tenta mimetizá-la”. O maior exemplo disso está no aumento das siglas que representam as mais diversas orientações sexuais e identidades de gênero.

É preciso sempre escutar o que cada sujeito tem a dizer sobre seus amores e desamores, preferências e vacilações, sobre com o quê e como goza, fazendo costura com o real, imaginário e simbólico. Dar ênfase ao sujeito do inconsciente, mas confrontá-lo com o laço e o discurso social:

A psicanálise marca uma diferença crucial em relação ao discurso da cultura: precisa suspender qualquer certeza imaginária para poder percorrer os caminhos singulares, marcados não apenas pela fantasia do analisando, mas por toda a história que o determinou, incluindo aí a condição discursiva que dá lugar à possibilidade de ser ‘trans’. (GLEICH, 2018, p. 153).

A Psicanálise pode propiciar que o sujeito falante, desejante, seja sempre trans, trans- gressor do discurso social, para poder reconhecer a sua individualidade. A posição sexuada não fica de fora desse trabalho analítico. Por isso, importante lembrar que, como aponta Quinet (2020, p. 78): “não há sexualidade do ser humano que não passe pelas determinações do inconsciente – daí a singularidade”. A análise é um lugar de fala, de construções e de invenções! O adolescente, que está às voltas com a sua identidade sexual, pode usufruir do discurso social, mas não precisa fazer desse discurso a sua identidade. Cada um pode falar de si, a partir de si, tendo como referência a pele que habita.

Para encerrar o que não termina, recorro a uma frase astuta e atual de Freud ([1923- 1925], 2006a, p. 277), que coloca o analista sempre diante do novo: “de fato, os analistas podem se sentir seguros, penso eu, que não há risco de seu trabalho tornar-se mecânico e perder, assim, seu interesse, durante as próximas décadas”.

## Referências

- FREUD, Sigmund. (1923-1925). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 2006a.
- FREUD, Sigmund. (1923). O ego e o id. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 2006b.
- FREUD, Sigmund. (1923). O ego e o superego (ideal do ego). In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 2006c.
- FREUD, Sigmund. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- GLEICH, Paulo. Gênero e escolha, na cultura e na clínica. In: MARIOTTO, Rosa Maria Marini (Org.). **Gênero e Sexualidade na Infância e Adolescência: reflexões psicanalíticas**. Salvador: Ágalma, 2018, pp. 142-156.
- GUELLER, Adela Judith Stoppel. Entre o sujeito e o Outro, de quem é o corpo? In: MARIOTTO, Rosa Maria Marini (Org.). **Gênero e Sexualidade na Infância e Adolescência: reflexões psicanalíticas**. Salvador: Ágalma, 2018, pp. 189-210.
- IACONELLI, Vera. Função parental, papel parental e gênero. In: MARIOTTO, Rosa Maria Marini (Org.). **Gênero e Sexualidade na Infância e Adolescência: reflexões psicanalíticas**. Salvador: Ágalma, 2018, pp. 157-167.
- JERUSALINSKY, Julieta. A criança diante do enigma da sexualidade em tempo do corpomontado. In: MARIOTTO, Rosa Maria Marini (Org.). **Gênero e sexualidade na infância e adolescência: reflexões psicanalíticas**. Salvador: Ágalma, 2018, pp. 85-119.
- JORGE, Marco Antonio Coutinho; TRAVASSOS, Natália Pereira. **Histeria e sexualidade: clínica, estrutura, epidemias**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- MARIOTTO, Rosa Maria Marini. Da psiquiatria à psicanálise: uma investigação histórica sobre os estudos de gênero na infância e na adolescência. In: MARIOTTO, Rosa Maria Marini (Org.). **Gênero e Sexualidade na Infância e Adolescência: reflexões psicanalíticas**. Salvador: Ágalma, 2018, pp. 15-35.

QUINET, Antônio. Entre o inconsciente e a cultura: o sujeito. In: TEPERMAN, Daniela; GARRAFA, Thais; IACONELLI, Vera (Orgs.). **Gênero**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, pp.65-84.

RASSIAL, Jean-Jacques. **O adolescente e o psicanalista**. Tradução de Leda FicherBernardino. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

TEIXEIRA, Marcus do Rio. Aportes teóricos para um estudo sobre sexo, gênero e gozo na Psicanálise. In: MARIOTTO, Rosa Maria Marini (Org.). **Gênero e sexualidade na infância e adolescência: reflexões psicanalíticas**. Salvador: Ágalma, 2018, pp. 51-71.

# Espaço Amarelinha





# Cultura digital produzindo uma nova cultura adolescente: a subjetividade e a construção social da adolescência sob a lógica do capital

Digital culture producing a new adolescent culture: subjectivity and the social construction of adolescence under the logic of capital

Marcia Salete Wisniewski Schaly<sup>1</sup>

## Resumo

O presente artigo se constitui numa exploração teórica sobre a construção da subjetividade do adolescente na cultura digital, sob a lógica do capital. Buscou-se investigar, a partir do método materialista histórico, alguns recortes que indicam a construção social da adolescência, a partir dos ideais burgueses e ideais do imaginário social, para compreender as formas de subjetivação dos adolescentes, articulados às mudanças socioculturais, que reconfiguram o laço social. Articulando ainda com as influências das mídias sociais e publicitárias mercadológicas que impulsionam o consumismo entre os jovens, produzindo mal-estar e sofrimento psíquico.

**Palavras-chave:** adolescência; cultura digital; subjetividade; capitalismo.

---

1 **Marcia Salete Wisniewski Schaly:** Psicanalista, Psicóloga e professora; Graduada em Psicologia (UFPR); Mestre em Educação (UTP-PR); Especialista em Psicopatologia da Infância e Adolescência (SOCIESC); Especialista em Psicologia Clínica e Hospitalar (CRP/08); Especialista em Magistério com concentração em metodologia de ensino (IBPEX); Membro da Associação Psicanalítica de Curitiba (APC); Docente em cursos de pós-graduação; Prática clínica e supervisão em consultório particular. Contato: marciasws@hotmail.com

## Abstract

This article is a theoretical exploration of the construction of adolescent subjectivity in digital culture, under the logic of capital. We sought to investigate, from the historical materialist method, some clippings that indicate the social construction of adolescence, from the bourgeois ideals and ideals of the social imaginary, to understand the forms of subjectivation of adolescents, articulated to sociocultural changes, which reconfigure the social bond. Articulating with the influences of social media and marketing advertising that drive consumerism among young people, producing discomfort and psychological distress.

**Keywords:** adolescence; digital culture; subjectivity; capitalismo.

Cada indivíduo é parte constitutiva de muitas massas, é ligado de maneira multilateral por identificação e construiu seu Ideal do Eu, segundo diversos modelos. Assim, cada indivíduo é parte integrante da alma de muitas massas, a de sua raça, a de sua classe, a da comunidade de fé, a de seu Estado, etc., e pode, além disso, aceder a uma pequena parcela de autonomia e de originalidade (FREUD, [1921], 2020, p. 207).

A subjetividade, o mal-estar e novas patologias ou produções sintomáticas dos adolescentes são questões que se apresentam em nosso tempo, marcadas por uma arquitetura de práticas sociais homogeneizantes, totalitárias e massificadoras, sob a lógica do capital e *ethos* neoliberal (DARDOT; LAVAL, 2016), que ganham novos contornos pelos mecanismos da cultura digital.

Neste artigo, buscaremos explorar essas questões, a partir da experiência na clínica psicanalítica com adolescentes e exploração teórica desenvolvida durante pesquisa de mestrado (da autora), sob o método materialista histórico, entrelaçando: Psicanálise, Cultura e Política, visto que compreendemos a adolescência como um fenômeno social e histórico. A adolescência, segundo conceitos psicanalíticos, pode ser concebida “como o conjunto

de determinados processos psíquicos fundamentais na elaboração da interdição e das instâncias ideais que possam reassegurar cada sujeito de sua pertinência ao laço social” (COUTINHO, 2009, p. 13).

A adolescência se caracteriza por uma construção que envolve simultaneamente a cena fantasmática de um sujeito e a cena social no seio familiar, nas instituições, bem como nos espaços públicos de uma sociedade, agora globalizada. Justamente por tal complexidade que a adolescência não pode ser estudada a partir de um único campo teórico, pois ela é “atravessada por diversos registros, tais como: o psíquico, o familiar, o social e o político” (COUTINHO, 2009, p. 13). Investigar o sujeito adolescente e o processo de subjetivação, em psicanálise, implica em estudar todas as formas de laço social, mesmo que virtual, em sua pluralidade e complexidade, como um fenômeno que se renova em cada época, nas quais esse sujeito se constitui.

Portanto, explorar os modos de subjetivação desses sujeitos, principalmente a partir da Quarta Revolução Industrial<sup>2</sup>, requer compreender esse novo cenário que se constituiu pelo surgimento de um complexo de tecnologias que fundem os mundos biológico, físico e digital, produzindo impactos estruturais em toda sociedade, trazendo novos desafios sobre a concepção de ser humano (SCHWAB, 2017).

---

2 A primeira Revolução Industrial ocorreu entre os séculos XVIII e XIX, quando surgem inovações na produção industrial. A segunda Revolução Industrial é o período que compreende as novas tecnologias de comunicação (telégrafo, o cabo submarino). O marco da terceira Revolução Industrial, em meados do século XX, é considerado a invenção do chip e dos circuitos integrados, inaugurando a fase da tecnologia de ponta ou automação, num salto tecnológico que dá início à sociedade pós-industrial (NAVARRO, 2006). A quarta Revolução Industrial teve início na virada do século XXI (SCHWAB, 2017).

Para tal, o percurso investigativo busca refletir sobre os desafios da subjetividade juvenil, retomando a construção social da adolescência a partir dos ideais burgueses e ideais do imaginário social, num percurso histórico, porém não exatamente linear, articulando com as influências das mídias sociais e publicitárias mercadológicas, que foram se configurando desde a indústria cultural (ADORNO; HORKHEIMER, 1947), ganhando amplitude ao longo dos anos, de forma massificadora e intensa, marcada pelo advento da internet, globalização e Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs).

Tal condição foi promovendo o consumismo entre os jovens, alicerçado no conceito de cultura do narcisismo<sup>3</sup>, sociedade do espetáculo<sup>4</sup> e sociedade do desempenho (ideais de alta performance, produtividade, sucesso e outros ideais como beleza, virilidade, juventude, popularidade), produzindo mal-estar e sofrimento psíquico, que se materializam em relatos de adolescentes, que escutamos na clínica ou observamos nas redes sociais, como: sensação de desamparo, insuficiência, falta de perspectivas para o futuro, medo de errar nas escolhas, falta de sentido na vida, invisibilidade, entre outros.

Entendemos, para esse estudo, que a cultura digital é uma nova cultura que em sua complexidade, produz mudanças em vários aspectos da vida, como na noção de tempo e espaço e modos de conexão com o outro, reconfigurando os laços sociais.

---

3 O conceito de cultura do narcisismo foi desenvolvido por Watson C. Lasch, numa crítica à sociedade moderna e ao capitalismo que promoveu mudanças no campo social, impulsionando o individualismo competitivo. O autor descreveu a subjetividade a partir do conceito psicanalítico de narcisismo (LASCH, [1979]1983).

4 A sociedade do espetáculo tem origem nas ideias do marxista Guy Debord ao se referir à era da imagem e do espetáculo, quando a mercadoria passa a circular como imagem, pelas mídias publicitárias e passa a ocupar a vida social. A política, a religião e a ciência também se rendem ao espetáculo (DEBORD, 1997).

Vem revolucionando costumes, comportamentos e o modo como aprendemos, conhecemos e pensamos. Produz ainda, novos conceitos, significados e ideologias, influenciando nossas subjetividades e maneiras de viver:

A cultura digital imprime as suas marcas em todos os âmbitos da vida humana. Ela introduz uma nova lógica, horizontal, aberta e fluida, com impactos irreversíveis no campo social. Os imperativos de conexão e visibilidade engendrados pelos dispositivos tecnológicos móveis tem consequências sociais e subjetivas ainda desconhecidas. (DIAS; LIMA; TEIXEIRA, 2019, p. 37)

Assim, entendemos que a cultura digital aponta para uma nova cultura adolescente, concordando com um estudo e documento da UNESCO (2017), que se refere à forma como o adolescente vem habitando o espaço virtual e interagindo com as TICs, numa nova estruturação de linguagem e permeabilidade entre as esferas virtual e real:

No contexto tecnocultural atual, a relação entre o mundo real e o mundo virtual não pode ser entendida como um vínculo entre dois mundos independentes e separados, que eventualmente coincidem em um ponto, mas como uma banda de Moebius, onde não existe um dentro e um fora e onde é impossível identificar limites entre ambos (SITEAL, 2014, apud CONTRERAS & LAFFERTE, UNESCO, 2017, p. 47. Tradução da autora)

Neste sentido, destacamos que a cultura digital como uma nova cultura adolescente, constitui-se num tema que precisa ser melhor investigado e compreendido, no entrelaçamento de várias áreas de conhecimento que se ocupam das questões dos adolescentes.

Na pretensão de explorar e refletir sobre esse campo delineado, nesta breve introdução, seguimos.

## **O adolescente capturado pelas redes: a subjetividade em constituição**

Os desafios da subjetividade dos adolescentes na cultura digital nos colocam diante de uma nova realidade, a saber: a realidade virtual, cuja tamanha amplitude na vida dos adolescentes já não permite, com tanta clareza, separar a vida conectada na internet da vida off-line, como já mencionamos, principalmente com o advento da internet e suas redes sociais que adentraram todos os aspectos da cultura, reconfigurando as relações e laços sociais.

Assim, o sujeito adolescente passou a ser capturado pela sedução da espetacularização, via Tecnologias da Informação e Comunicação, em suas modulações simbólicas, seu desejo, suas fantasias e afetos. Tal captura à vida virtual se intensifica pelo discurso capitalista, com suas constantes inovações de mercado, e pela lógica dos algoritmos que a partir de nossa navegação na internet, controlam nossos padrões de comportamento e ditam nossas escolhas subsequentes. A convite das redes sociais, nos reeditamos ininterruptamente, seja como vorazes consumidores e/ou como objetos a serem consumidos (LIMA; NOBRE, 2020, p. 304).

O adolescente, na medida em que vai se inserindo nos laços sociais para além dos laços familiares, busca nos grupos (sejam eles virtuais ou não) a inserção, acolhimento e reconhecimento, sendo que nessas relações vai configurando sua subjetividade e suas questões identitárias. Imersos na lógica de consumo, típicos nas narrativas publicitárias e midiáticas, nem sempre percebem o lugar que vão ocupando nesse contexto entrelaçado pelas tecnociências, mercado e Tecnologias da Informação e Comunicação.

O adolescente se torna alvo da lógica do capital, num momento de fragilidade e desamparo frente às mudanças da passagem adolescente e da construção da subjetividade. Depara-se

ainda com a propagação da cultura digital, que é marcada por uma lógica totalitária que se materializa pelo excesso de informações, negando a condição da falta, da hiância que faz parte do sujeito, rechaçando a condição do não saber, pois basta apenas um clique nos mecanismos de busca do Google para que as respostas apareçam (LIMA; NOBRE, 2020).

Frente a essa lógica instituída, podemos retomar o que Lacan (1969; 1970) escreveu sobre os discursos<sup>5</sup>, mais especificamente o discurso do capitalista, que além de não favorecer o laço social, nos impulsiona ao imperativo “goze”, nos iludindo de que nada é impossível para o mercado. Essa é a lógica totalizante, não sem consequências, visto que produz efeitos no social, desencadeando sintomas, mal-estar e angústia. Aspectos esses que podem ser observados nas redes sociais, quando nos deparamos com discursos e postagens que instigam o ódio, a violência, o preconceito, o racismo, o machismo, entre outros.

Observamos, assim, um desamparo discursivo para os adolescentes em nossa sociedade que se soma ao efeito das redes no laço social. Segundo Lima e Nobre (2020) pelo menos três efeitos são apontados, a partir de um trabalho realizado por eles, de escuta de adolescentes através do grupo de pesquisa “Além da tela: psicanálise e cultura digital” (PPGPSI/UFMG). São eles: a dificuldade em aceitar o diferente, a queixa de não serem escutados (declínio da escuta) e o afastamento entre os corpos na experiência da conversação on-line.

Pesquisas como estas tem mostrado como a relação dos adolescentes com as novas TICs é intensa, pois estas se configuram

---

5 Lacan, a partir do que Freud considerou os três impossíveis: governar, educar e psicanalisar, elaborou a teoria dos quatro discursos: discurso do Mestre, discurso Universitário, discurso da Histeria e discurso do Analista. Depois acrescentou o quinto discurso: o Discurso do Capitalista (LACAN, 1970).

como um espaço de expressão deles, bem como de constituição social e psíquica em permanente construção. É relevante considerar que a nova mídia – Internet, sites e aplicativos de relacionamento, celulares, blogs, entre outros – promoveu e vem possibilitando esses novos espaços e dispositivos para as manifestações e modos dos adolescentes se fazerem representar no laço social e na sociedade. Segundo Rose Gurski (2012), modos de se fazer representar ou modos de representação, podem ser entendidos como tudo que diz respeito à necessidade de o sujeito adolescente se apresentar no laço social através de produções que marquem um lugar próprio, nessa relação do adolescente com o seu próprio corpo e com o social de sua época, fazendo frente à passagem adolescente nesse percurso do laço familiar para o laço social.

A internet tem permitido aos adolescentes diversas experiências, como a vivência de papéis sociais e de relações interpessoais, ainda que com distanciamento corporal/pulsional; acesso imediato às informações; identificações com ídolos ou mitos; criação de culturas próprias; sensação de liberdade, autonomia e intimidade com parceiros virtuais; entre outras condições que nos permitem refletir sobre as influências da tecnologia, na vida dos jovens (BERARDI, 2019; PEIXOTO, 2017). Paradoxalmente, a internet possibilita ainda a busca pela individualidade, ao mesmo tempo em que coloca o sujeito em situação de exposição (do privado para o público) de narrativas pessoais, fotos, vídeos, entre outros.

O espaço virtual promove o campo do imaginário, através da possibilidade de criação de personagens fantasiosos idealizados; do apego e identificação com imagens virtuais, condições que passam a conduzir o adolescente na construção de uma espécie de ficção do eu (PAOLA, 2010; GERMANO; MOURA, 2017). Além desses aspectos, o imediatismo e a imersão por horas nas

telas podem impactar na construção da reflexão crítica, que é via de acesso para a emancipação do sujeito.

Se o contato com a internet já vinha fazendo parte do mundo das crianças (inclusive de bebês) e adolescentes, observamos que em função da pandemia da COVID-19, fomos todos arrastados para as atividades remotas<sup>6</sup>, considerando que para tal condição não estávamos preparados. Esse cenário também produziu e vem produzindo mudanças nas configurações familiares e no contexto sócio cultural, o que certamente produzirá novos impactos para os adolescentes.

Buscando ampliar essa discussão sobre a subjetividade do adolescente na cultura digital - sob a lógica do capital -, investigamos, num primeiro momento, os caminhos de como foi se dando a construção social da adolescência, a partir dos ideais burgueses e dos ideais do imaginário social. Na sequência investigamos a formação da subjetividade do adolescente num mundo fabricado pelas mídias publicitárias e suas consequências, entre elas, o sofrimento narcísico digital.

---

6 Ver pesquisa desenvolvida no Brasil, de junho a setembro de 2020, durante a pandemia, cuja investigação buscou conhecer como a população (de 16 anos ou mais) vem usando a Internet, como se informa e se comunica, e se tal uso tem relação com o bem-estar dela. Entre os módulos temáticos pesquisados, situa-se o Ensino Remoto. Ver indicadores da pesquisa TIC Domicílios pelo website do Cetic.br. Disponível em <https://cetic.br/pt/pesquisa/domicilios/indicadores/>

## **Breves considerações sobre a construção social da adolescência sob os ideais burgueses e ideais do imaginário social: a subjetividade em cada época**

A adolescência, enquanto conceito social, consolidou-se no século XX, embora a construção social dela tenha se iniciado por volta do século XVI, quando começa a surgir o conceito, nos meios sociais privilegiados, a partir do sentimento e da percepção da diferença entre as idades (LE BRETON, 2017).

Segundo Le Breton (2017), a invenção da adolescência começa a ganhar maior expressão no final do século XVIII, na cultura ocidental, pela emergência da família moderna, nas classes burguesas. Nas classes menos favorecidas da época, as crianças a partir de 6 anos e os adolescentes já estavam imersos no trabalho agrícola e depois no trabalho nas fábricas, com jornadas de trabalho de 14 horas aproximadamente e sem direito à escolarização.

A adolescência não é um acontecimento, mas antes uma questão que atravessa o tempo e o espaço das sociedades humanas. (...) Ela depende de uma apreciação cultural infinitamente variável. A não ser que se estabeleça um registro civil arbitrário, tanto a adolescência quanto o momento de sua entrada e de sua saída suscitam interrogações sem fim. As definições são múltiplas de acordo com as épocas e as sociedades, assim como os critérios de acesso à maturidade social. (LE BRETON, 2017, p. 19-20).

A eclosão da adolescência, principalmente no século XX, como sentimento e cultura, é resultado do processo de urbanização, ampliação da escolarização prolongada para os mais ricos, extensão do período entre a puberdade e o casamento, e convivência desses jovens entre os pares, numa maior dependência dos mesmos em relação à família.

Nesse sentido, a adolescência surge a partir do contexto do romantismo alemão<sup>7</sup> e pelo surgimento do paradigma individualista<sup>8</sup>, aspectos esses que não se faziam presentes nas sociedades tradicionais, pois nestas os rituais de passagem eram a baliza desse período da vida. Tais rituais marcavam um lugar simbólico, um ideal social definido por gerações antecedentes, e que seriam ocupados pelos jovens em processo de iniciação coletiva. Os ritos de passagem eram cerimônias que tinham por função reinscrever simbolicamente a passagem da infância para a vida adulta, a partir das mudanças pubertárias ou mudanças do corpo infantil para a condição adulta da procriação, quando o sujeito passava a ocupar um novo lugar na sociedade enquanto adulto (KEHL, 2004).

Historicamente, observamos mudanças no tratamento designado aos jovens da Antiguidade para a Idade Média, uma vez que a responsabilidade do Estado sob o grupo passou a ser das famílias conjugais que se constituíam em torno de uma unidade econômica, voltada a administrar as divisões de tarefas domésticas, trabalho no campo, cuidado e transmissão de seus bens. Quanto à educação escolar, vinculava-se com a formação religiosa, onde a igreja dominava a vida social, e o aprendizado de um ofício aos

---

7 O Movimento Romântico ocorre em torno das últimas décadas do século XVIII, na Europa e durou parte do século XIX. Com o Romantismo ocorre a valorização de aspectos como: a subjetividade, a solidão, a morbidez, a melancolia, o sentimentalismo, as frustrações, o espírito sombrio, a descrença em relação às Revoluções e inventos tecnológicos (GUIMARÃES; PRÓCHNO, 2016).

8 Na Modernidade, o paradigma de individualismo era vinculado ao Iluminismo e Romantismo, diferente do individualismo, que foi se configurando a partir da década de 1960, vinculado a um ideal libertário que, segundo Salem (1991), citado por Coutinho (2009), "associa-se à dissolução dos limites entre o público e o privado, seja na esfera subjetiva propriamente dita, seja no que diz respeito ao declínio da família como instituição intermediária entre os dois mundos" (COUTINHO, 2009, p. 65). A tese de Salem aproxima-se mais do que foi desenvolvido por Lasch ([1979]1983) sobre a cultura do narcisismo.

filhos de artesãos, pois os filhos de burgueses poderiam frequentar a universidade, e os filhos de nobres se dedicavam às artes da cavalaria e da guerra (ARIÈS, 1973, apud COUTINHO, 2009; LE BRETON, 2017).

No final deste período, os jovens vão ocupando uma nova função social, desde a condição de ameaçarem a ordem social e a ordem cristã ao surgimento, na Itália, das “*societas juvenum*” (que exerciam função fundamental nos rituais de passagem) a “Companhia dos Fedeli” (1459) e a “Companhia dos Modesti” (1487), compostas pelos nobres e ricos para espetáculos culturais em festas, eventos e cerimônias: num novo modo de expressão social (CROUZEN-PAVAN, 1996, apud COUTINHO, 2009). Além das mudanças na ordem social e familiar, também começam a ocorrer mudanças na ordem sexual, uma vez que o jovem começa a assumir um novo lugar na sociedade e no laço social, num processo histórico, a partir de mudanças nos valores simbólicos.

A partir do Renascimento, vai se consolidando o ideal de família sentimental e nuclear. Ocorrendo também grande mudança na escolarização, onde a educação passa a ser vista como formação, com privilégios para os rapazes. Ainda não havia uma distinção entre a infância e a adolescência, o que só foi acontecer a partir da Revolução Industrial: “a família passou a se desvincular diretamente da produção, tendo mais importância como agente no processo de formação das crianças e dos jovens que serviriam de mão-de-obra a ser utilizada pelo sistema social mais amplo. A Revolução Francesa veio consolidar essa função” (COUTINHO, 2009, p. 42).

Outro período a ser destacado nessa construção social é a Revolução Francesa (1789-1799), conhecida pelos movimentos revolucionários em que a juventude urbana marcou presença.

Tal engajamento marca a relevância social e simbólica da juventude enquanto faixa etária, trazendo a ideia de uma adolescência em crise, acompanhada de mudanças pubertárias (LE BRETON, 2017).

A grande transformação na construção social da adolescência, passa a acontecer a partir da Revolução Industrial, quando mudanças significativas ocorreram tanto na estrutura da sociedade e das famílias quanto na subjetividade das pessoas. Isso ocorre principalmente com a instituição do contrato civil, direitos para reger as relações sociais, leis e responsabilidades atribuídas ao Estado e às famílias, trazendo uma nova articulação na noção de público e privado, e conferindo aos adolescentes um novo lugar no imaginário social, sustentado pelos fundamentos do Romantismo. Assim, o Estado passou a assumir a função de manter a ordem social e a família assumiu a função de transmissão dos valores morais e dos costumes (ARIÈS; DUBY, 1991).

O processo de construção da adolescência, durante o século XIX, vai se dando parcimoniosamente, instituindo mudanças nas vestimentas e na forma de se apresentar sob a influência da criação de jornais de moda que traziam uma nova moda aos adolescentes, incluindo os uniformes escolares e outros trajes para frequentar ambientes mais destinados aos jovens. Esses ambientes foram sendo criados com o objetivo prioritário de exercer controle sobre a sexualidade deles.

Nesse sentido, começam a surgir vários locais e movimentos em comunidades diferentes, para ocupar os jovens após o período da escola, com atividades esportivas, recreativas e educativas, entre elas citamos: os “patronagens”; as “Casas da adolescência”, em Saint-Étienne e em Nimes; Movimento Escoteiro (Inglaterra); criação das juventudes hitlerianas a serviço do regime militar; o

Movimento dos albergues da juventude (França) em 1920, entre outros (LE BRETON, 2017, p. 54-57).

Nascem também os bandos de jovens adolescentes, depois os chamados grupos, tribos, gangues, e as preocupações sociais em torno desses (REYMOND, 2000, apud COUTINHO, 2009; LE BRETON, 2017). Lembrando que a busca pelo grupo, além de uma fonte de prazer excitante, constitui-se numa forma do jovem lidar com o mal-estar próprio do processo de constituição da identidade, estabelecendo novos laços sociais, identificando-se com modelos de comportamento (em cada época), buscando um lugar no mundo.

Portanto, a partir do exposto, é possível observar como cada sociedade vai conferindo um certo tratamento aos seus jovens e, dialeticamente, esses vão se fazendo representar em seus comportamentos, como resposta à forma como a sociedade se organiza.

O adolescente, a partir do século XX, foi ganhando mais evidência na cultura, sendo influenciado por essa, ao mesmo tempo que também passou a exercer influência nesta. Esse movimento dá notícias do laço social e da subjetividade que se constituem em cada época, justamente através dos quais podemos estudar a sociedade em seu contexto histórico social.

Dessa forma, observamos como o lugar atribuído aos adolescentes, desde os primórdios, estava articulado às mudanças de valores simbólicos, movimentos sócio culturais, mudanças nos laços sociais, oscilação entre limites dos espaços privados e públicos, transformações na ordem familiar e sexual e surgimento do modelo individualista, entre outros.

Na contemporaneidade, buscamos pensar a construção da subjetividade a partir das mudanças ocorridas na nossa sociedade, articuladas às transformações advindas com as TICs que

caminharam para a sociedade do espetáculo. Fatos esses que também foram marcados pelos novos rumos do individualismo:

Os novos rumos do individualismo na contemporaneidade levam-nos a pensar em uma constituição subjetiva instável, errante, com frágeis ancoragens simbólicas. Essa errância subjetiva contemporânea tem sido tematizada de diferentes maneiras, seja através da falência das ideologias, da crise dos ideais e do sentido, do declínio da função paterna ou da dissolução das figuras do Outro na cultura. (...) Na cultura contemporânea, a adolescência tende a começar cada vez mais cedo e a terminar cada vez mais tarde, ou até mesmo a jamais se concluir. (COUTINHO, 2009, p. 74).

O adolescente passa a ter destaque na década de 1960, frente a uma revolução significativa nos costumes, no modo de se vestir e de se apresentar no laço social, bem como nos ideais do imaginário social. Tal cenário é impulsionado pelos movimentos libertários; pela influência do estilo “*rock and roll*” e dos movimentos punk e hippie; pelo surgimento do anticoncepcional e maior liberdade sexual; pela contracultura<sup>9</sup> estadunidense; e pela internacionalização dos movimentos estudantis, cujo ápice se deu em maio de 1968. Observamos, assim, mudanças nos discursos e no imaginário social:

Os movimentos dos anos de 1960 foram marcados por uma característica que pode ser considerada inédita em relação à geração precedente: sua irrupção quase simultânea no plano internacional. Embora guardassem as especificidades de suas realizações singulares, tiveram, sem dúvida, os traços de uma contestação do poder nas suas diversas manifestações. Atendendo para as referências mais significativas, sem esgotá-las, pode-se dizer que a

---

9 O termo Contracultura e sua problemática pode ser mais bem compreendido no artigo: “Juventude e rebeldia nos anos 60 e 70 do século XX: a problemática do conceito de contracultura”, de Orivaldo Leme Biagi. Disponível em <https://momentum.emnuvens.com.br/momentum/issue/view/6>

contestação visava desde ao poder de Estado, em especial sua manifestação militar na guerra do Vietnã, passando pelo poder universitário em inúmeras universidades do mundo, até a suas manifestações em vários âmbitos da cultura e da subjetividade: o poder médico sobre o doente, o poder psiquiátrico sobre o doente mental, o poder masculino sobre as mulheres, o poder paterno sobre os filhos, o poder dos adultos sobre os jovens, o poder da moral tradicional sobre os costumes e os comportamentos. (CARDOSO, 2005, p. 101).

Foi praticamente depois da Segunda Guerra (1939-1945) e dos movimentos da década de 1960, com a efervescência política e cultural e desenvolvimento das tecnologias e da “Indústria Cultural” (ADORNO; HORKHEIMER, [1947]1985), que a juventude ganhou a cena como grupo consumidor. Nas décadas seguintes, os jovens usufruíram dos direitos conquistados pela geração chamada *Baby Boomers* e passaram a vivenciar prazeres com maior liberdade. Promoveram novas mudanças, valorizando suas individualidades e estilos, influenciados pelo crescente domínio do marketing e das mídias publicitárias. Aspecto que veremos a seguir.

### **As mídias publicitárias e um mercado específico para os adolescentes: o sofrimento narcísico digital**

As mídias publicitárias vão modificando a configuração sócio cultural ao redor dos adolescentes, criando um mercado específico em torno deles, segundo a lógica do capital. Tal mercado foi se expandindo desde 1960, ganhando força ao longo dos anos, principalmente pela ação do marketing e da publicidade,

ao fazerem uso de estudos sobre as gerações<sup>10</sup>, com destaque aos nascidos após 1995: o sujeito nativo digital.

Em uma pesquisa bibliográfica realizada por Novaes (2018), observamos um levantamento realizado pela autora, de diversos autores e artigos, publicados entre 2008 e 2016, sobre características geracionais e definição de geração. A partir desse estudo, o conceito de geração é entendido como um grupo de pessoas nascidas na mesma época, e que vivenciam experiências de vida num certo contexto histórico, cultural e social. Trata-se de um fenômeno predominantemente cultural, cujos períodos temporais que definem uma geração seguem uma lógica sobre os modos de vida que configuram uma certa identidade do grupo. Tais limites temporais, segundo Jacques *et al.* (2015), citados por Novaes (2018), também seguem uma “lógica de aceleração tecnológica” (NOVAES, 2018, p. 3), apresentando períodos que vão se encurtando cada vez mais entre uma geração e outra.

Outros autores, com base no conceito de gerações de Karl Mannheim, enfatizam em suas análises sociológicas que tal conceito aponta para diferenças de classes, desigualdade de gênero, étnico-raciais, culturais, entre outras. Alerta que o problema das gerações precisa ser considerado como um processo dinâmico em sua complexa interação entre os vários fatores constitutivos delas (WELLER, 2010, p. 215).

A identificação de perfis e características geracionais tem sido objeto de pesquisa de autores diversos como sociólogos e etnólogos, entre outros. Esses vêm mapeando gerações, num processo histórico, utilizando classificações que foram

---

10 O conceito de geração foi introduzido pelo campo da sociologia em torno de 1950, entretanto Mannheim já teria publicado artigo em 1928 sobre o tema (WELLER, 2010).

denominadas de *Baby Boomers*<sup>11</sup>, geração X, Y, Z e Alfa (VIANA *et al.*, 2013). Segundo Le Breton (2017), a geração do *baby boom* “goza de circunstâncias sociais e culturais excepcionais, ela é a primeira confrontada nessa extensão quanto à questão de sua entrada na maturidade social e quanto ao sentido de sua existência”. (LE BRETON, 2017, p. 74). Tais estudos continuam sendo foco de interesse de áreas como gestão empresarial e de pessoas, marketing e propaganda, visando questões voltadas à produção, às tendências de moda, ao perfil de consumidores, à qualificação de trabalhadores, e às mudanças constantes de padrões de comportamento dos sujeitos, bem como da sociedade.

Nos planejamentos publicitários de mídias de massa, um dos objetivos é capturar o sujeito adolescente num processo de alienação e definhamento da subjetividade autônoma (subjetividade coisificada), como bem descreveu Theodor Adorno (1947), a partir das ideias de Marx sobre a fetichização da mercadoria e divisão social do trabalho e várias contribuições e conceitos de Freud, como o processo de identificação.

Para este estudo, entre as gerações estudadas, a partir do surgimento da internet, sintetizamos: a geração denominada Y, que se tornou conhecida como geração da internet ou do milênio (que seriam as pessoas nascidas no período em que se iniciava a globalização com o avanço das TICs); e a geração Z ou geração digital, que seriam os nascidos a partir dos anos de 1995, pertencentes à era da informação, conhecidos como nativos da internet, considerados profissionais exigentes, autodidatas, proativos, empreendedores, versáteis, entre outros. Por último, citamos

---

11 Outros aspectos das gerações e influências da mídia podem ser observados através do vídeo: “We all want to be young”. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=c6DbaNdBnTM>

a geração Alfa ou *Alpha Generation*, que seriam os nascidos a partir de 2010 (NOVAES, 2018). Cada geração de adolescentes se tornou um público específico, enquanto consumidores em potencial, inclusive as crianças<sup>12</sup> que também sofrem efeitos que a publicidade e a mídia de massa exercem sobre elas. Nesse sentido, para cada geração, as propagandas e publicidades são direcionadas, buscando capturar o olhar e desejo do sujeito.

Observamos que alguns autores, ao descreverem o perfil dos sujeitos de cada geração, destacam as circunstâncias que estariam produzindo certos “tipos de sujeitos” em cada época. Podemos constatar isso quando, por exemplo, o marketing e publicidade criam imagens e mensagens de objetos ou ideais que se tornam imperativos de consumo e estilo de vida, ao propagarem ideais como: de beleza, magreza, *looks*, estilo de tatuagens ou piercings, formas de sedução com lançamento de moda hipersexualizada para as meninas e de virilidade para os meninos, entre outros imperativos que passam a se constituir como uma nova linguagem na busca de reconhecimento, através de uma imagem que marca sua existência:

O trabalho sobre o corpo, percebido como individualizante, é uma via para escapar ao sentimento de impessoalidade. A aparência é o ponto alto da estima de si e do sentimento de identidade. O hipermercado do consumo fornece aos jovens signos necessários para uma diferenciação de si regida pelo universo da publicidade e do marketing. (LE BRETON, 2017, p. 104).

---

12 O documentário “Criança, a alma do negócio”, dirigido pela cineasta Estela Renner, traz relatos de crianças e pais, sendo que esses relatam como os filhos influenciam as decisões de compras e os padrões dentro de casa a partir das propagandas que eles assistem. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ur9llf4RaZ4>

Percebemos, assim, como tais condições vão criando uma cultura adolescente através de um universo de mensagens publicitárias, ofertas inventadas pelo marketing e bens culturais de consumo, que circulam nas mídias, influenciando os adolescentes: “cobertos de logomarcas, decididos a penetrar em um mundo fabricado pelas mídias, tornaram-se os poderosos símbolos da globalização (...) esses jovens vivem não apenas em um lugar geográfico, mas também em um circuito de consumo mundial: conectados em tempo real.” (KLEIN, 2001, p. 156-157, apud LE BRETON, 2017, p. 106).

Sabemos que as marcas comerciais não capturam todos os adolescentes, entretanto, para muitos deles, as marcas possibilitam uma certa identidade provisória e atribuem um valor de prestígio e de existência junto aos pares. É nessa direção que a publicidade fornece aos adolescentes um universo de signos, valores e sentidos, que garante o passaporte para a entrada e o pertencimento a algum grupo ou comunidade, seja nas redes virtuais ou em outros ambientes que eles frequentam:

A publicidade se torna para muitos adolescentes uma matriz identitária, uma maneira de não ficar para trás, apesar das dificuldades de se construir como sujeito. Ela proporciona, sem grandes custos, referências para existir. (...) Uma marca é a partir de agora uma visão de mundo, um estilo de vida, uma razão de ser, uma via de salvação. (...) grande número de jovens tatua as logomarcas diretamente na pele, na busca apaixonada de identificação a uma marca comercial. (...) A marca é superior à vida, pois ela oferece a você mais do que a vida. Em uma sociedade do espetáculo regida pela imagem ou pela logomarca, é preciso se fazer imagem ou logomarca. (LE BRETON, 2017, p. 110-111).

Num processo de construção de uma identidade sexuada, com abertura ao outro e reorganização simbólica, o adolescente

vivencia uma passagem em meio a uma difícil turbulência. Essa travessia da sexualidade infantil para uma sexualidade genital o confronta com uma nova imagem corporal, sensações, investimentos em novos objetos e busca por identificações e referenciais. É nesse sentido que a publicidade se direciona ao desejo do sujeito adolescente, ofertando e vendendo ideais, sonhos, modelos de identificação, valores e a ideia de que o consumo garante a felicidade.

Os publicitários descobriram que é possível fazer o inconsciente do consumidor trabalhar a favor do lucro de seus clientes. O inconsciente, como se sabe, não é ético – nem antiético. O inconsciente é amoral. Ele funciona de acordo com a lógica da realização (imediate) dos desejos, que na verdade não é tão individual quanto parece. O desejo é social. Desejamos o que os outros desejam, ou o que nos convidam a desejar. Uma imagem publicitária eficaz deve apelar ao desejo inconsciente, ao mesmo tempo em que se oferece como objeto de satisfação. Ela determina quais serão os objetos imaginários de satisfação do desejo, e assim faz o inconsciente trabalhar para o capital. Só que o sujeito do inconsciente nunca encontra toda a satisfação prometida no produto que lhe é oferecido – nesta operação, quem goza mesmo é o capitalista! (KEHL, 2004, p. 61).

Observamos que nesse processo de subjetivação e de construção simbólica de si, o adolescente se torna alvo para as imagens publicitárias e objetos imaginários com a promessa de satisfação do desejo. Esse é o imperativo “goza” da sociedade de consumo.

Deparamo-nos, assim, com o estímulo ao gozo, um imperativo e incitação que também aprisiona, aliena e molda o sujeito. Segundo Bucci e Kehl (2004), a mídia vem articulando muito bem essa relação entre fantasia e poder, demonstrando a potência do capital que passou a organizar o que esses autores chamam de “mercado de gozo”.

Desta forma, é importante marcar uma diferença histórica remodelada: na sociedade moderna, a economia libidinal, estudada pela psicanálise Freudiana, encontrava-se alicerçada na repressão de impulsos prazerosos ou na repressão de gozo. E na sociedade do consumo e sociedade do espetáculo, observamos que isso se inverteu, com a incitação ao gozo sendo promovida. Tal sociedade encontrou seu caminho natural na sociedade midiática do consumo, sendo uma fonte inesgotável de mal-estar para os adolescentes.

Nesse contexto, ao pensar sobre o mal-estar, retomamos algumas contribuições de Christian Dunker (2019) sobre o sofrimento narcísico digital, a partir da condição de que as redes sociais mostram o nosso espelho. Segundo o autor, o sujeito, ao fazer suas postagens nas redes sociais, tem a ilusão de que está sendo visto e escutado por todos, entretanto isso provoca uma “ofensa narcísica” quando o sujeito percebe que não está sendo reconhecido pelo baixo número de curtidas, comentários ou visualizações.

Podemos observar, em relação aos adolescentes, como esses sofrem os “efeitos paranoicos do narcisismo digital” (DUNKER, 2019, n.p.) ao entrar em contato com sensações de desamparo, incertezas e angústias ao observar que não está sendo validado pelo outro e pelo Outro digital. Assim, o adolescente passa a depender dessa importância e valorização que o outro pode lhe conferir, numa ilusão narcísica de confirmação de amor, como se todos os internautas estivessem interessados em suas postagens. O risco é quando a sensação de existência se esvazia, produzindo ansiedade, quando o olhar desse outro digital não se volta para o adolescente que espera por ele.

Ao observarmos as massas digitais, na contemporaneidade, nos deparamos com os discursos fanáticos e polarizados de ódio

e preconceitos diversos, além de inverdades propagadas pelas *Fake News*. O mal-estar e efeitos que são produzidos sobre os adolescentes que sofrem com tais discursos, podem ser devastadores, pois podem ser capturados por esse tom radical de intolerância e ameaças, desencadeando temores, precipitando crises de ansiedade e pânico, ideias e atos de suicídio.

Segundo Dunker (2019), as condições de não aprovação, não valorização e desamor experimentados nas redes sociais podem gerar angústia e ressentimentos. Observamos, portanto, como essa linguagem digital incide na subjetividade do adolescente, podendo gerar mal-estar:

O paranoico se tornará mais paranoico ao encontrar companhia que confirme suas ideias persecutórias. O depressivo torna-se mais depressivo ao reunir outras tantas consciências críticas e cruéis, que dão consistência para seus padrões de auto-observação. O ansioso torna-se mais ansioso ao perceber nos outros esquemas de produção, desempenho e realização muito melhores que os seus. O esquizotípico recuará ainda mais diante de tanta desordem, para seu próprio mundo e confirmará a cada vez que jamais faria parte de um clube que o aceitasse como sócio. (DUNKER, 2019, n.p.).

Poderíamos ainda acrescentar que os impulsivos, intolerantes e perversos, ou os que apresentam sintomas psicóticos, podem tornar-se assassinos ao se depararem com contrariedades impossíveis de suportarem, ao exemplo de crimes de ódio.

Por outro lado, as redes sociais e a linguagem digital podem proporcionar em certos casos, um conforto narcísico, quando o reconhecimento e o acolhimento comparecem, principalmente para aqueles que se sentiam excluídos pela timidez ou por fobias, ou ainda por sentirem a libido aprisionada (DUNKER, 2019).

Verificamos nesta investigação, como novas formas de estabelecer laços sociais ou conexões, encontram um caminho a

partir dos novos dispositivos e instrumentos narrativos ofertados pelas tecnologias de informação e comunicação. As questões que foram se apresentado dizem respeito ao uso que os adolescentes fazem da internet e redes sociais e como elas vêm modificando as modalidades de identificação e de laços sociais, convocando os adolescentes a novas produções para lidarem com os impasses contemporâneos na cultura digital.

## **Considerações finais**

A partir deste estudo, observamos como os modos de subjetivação dos adolescentes na cultura digital, geralmente são definidos por uma estrutura de linguagem, em novas configurações sob a influência das Tecnologia da Informação e Comunicação.

É importante destacar que tal linguagem se organiza pela ação dos algoritmos, inteligência artificial, entre outros aspectos que se especializam em captar com precisão a condição mental do sujeito, seja em seus sentimentos, incertezas, maneiras de interpretar a realidade e modalidades de circulação do desejo, considerando os modos de relação do sujeito com o outro e com o mundo, na regulação da realização do potencial desejante, bem como as formas com que o sujeito lida com a diversidade de suas próprias produções em suas experiências sociais e subjetivas (DUNKER, 2021).

Desta forma, as relações nas redes sociais do sujeito adolescente, e não somente dele, são mediadas pelos algoritmos, assim como os padrões de consumo de cada um. Tais aspectos situam o sujeito dentro de um circuito (uma rede), onde qualquer tentativa do sujeito para sair disso, será instantaneamente reintegrada

ao seu algoritmo. Uma verdadeira teia que aprisiona, aliena e produz impactos na subjetividade.

Explorar e problematizar as novas configurações da subjetividade adolescente na cultura digital, nos coloca diante de questões ético-políticas, num entrelaçamento entre o social e o individual - como já nos apontava Freud (1921) em sua obra - na análise das novas configurações do laço social, remodeladas pela lógica do capital e discurso neoliberal que vem colocando ideais inalcançáveis para o chamado sujeito de si mesmo (DARDOT; LAVAL, 2016). Tal discurso se entrelaça com o poder persuasivo das redes, produzindo um sistema normativo para todas as esferas da vida e relações sociais.

Assim, procuramos demonstrar aspectos da construção social e produção de um imaginário social sobre a adolescência, ao retomar a passagem adolescente em seu sentido estrutural, onde o adolescente vai construindo novos modos de nomeação e significação de si, em meio aos dispositivos disponibilizados pela cultura digital, em busca de reinventar um novo lugar para si, no laço social. Questões essas que se apresentam na clínica psicanalítica e nos inquietam, frente aos desafios da subjetividade de nosso tempo.

## Referências

- ADORNO, Theodor W. (1969). **Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos**. /Theodor W. Adorno, Max Horkheimer; Tradução: Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- ARIÈS, Philippe; DUBY, G. (1984). **História da Vida Privada: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra**, v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

- BERARDI, Franco. (2009). **Depois do futuro**. Tradução: Regina Silva. São Paulo: Ubu Editora, 2019.
- BIAGI, Orivaldo Leme. Juventude e Rebelião nos Anos 60 e 70 do Século XX-A Problemática do Conceito de Contracultura. **MOMENTUM**, v. 1, n. 11, p. 93-112, 2013.
- BUCCI, Eugênio. **A superindústria do imaginário: como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo que é invisível**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- BUCCI, Eugênio; KHEL, Maria Rita. **Videologias: ensaios sobre televisão**. São Paulo: Boitempo, 2004.
- CARDOSO, Irene. A geração dos anos de 1960: o peso de uma herança. **Tempo Social – Revista de sociologia da USP**, v. 17, n. 2, nov. 2005, p. 93-107. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/BSVVw9SLHbrnnYNRgGtMjJp/?format=pdf&lang=pt>
- CONTRERAS, Daniel; LAFFERTE, Miguel. La dimensión subjetiva de los procesos de desescolarización: debate actual sobre representaciones sociales e identidad en la relación entre los jóvenes y la escuela secundaria. In: **Adolescentes y jóvenes en realidades cambiantes: Notas para repensar la educación secundaria en América Latina**. UNESCO. Paris, Francia, 2017. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000247578>. Acesso em: 10 maio 2022.
- COUTINHO, Luciana Gageiro. **Adolescência e errância: destinos do laço social no contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nau FAPERJ, 2009.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. (2009). **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. Tradução: Mariana Echalar. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução: Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DIAS, Vanina Costa; LIMA, Nádia Laguárdia de; TEIXEIRA, Luiz Henrique de Carvalho. O contexto brasileiro de inclusão digital: posições, tendências e políticas públicas. In: LIMA, Nádia Laguárdia de; BERNI, Juliana Tassara; DIAS, Vanina Costa (Orgs.). **A escola navega na web: que onda é essa?** Belo Horizonte: Universo & Cidade, 2019.

- DUNKER, Christian. Prefácio. In: GOLDENBERG, Leonardo, AKIMOTO, Cláudio (orgs.) **O sujeito na era digital: ensaios sobre psicanálise, pandemia e história**. 1. ed. São Paulo: Edições 70, 2021.
- DUNKER, Christian. **Sofrimento narcísico digital: quando as redes sociais mostram nosso espelho**. Blog do Dunker, 2019. Disponível em: <https://blogdodunker.blogosfera.uol.com.br/2019/09/13/sofrimento-narcisico-digital-quando-as-redes-sociais-mostram-nosso-espelho/>. Acesso em: 4 set. 2022.
- FREUD, Sigmund. (1921). Psicologia das massas e análise do Eu. In: IANNINI, Gilson; TAVARES, Pedro Heliodoro. **Cultura, sociedade, religião: o mal-estar na cultura e outros escritos**. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Obras incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica, 2020 [1921].
- GERMANO, Idilva Maria Pires; MOURA, Maria Camila Gabriele. A difusão das redes sociais digitais e as novas expressões do eu. **Revista de Psicologia**, v. 8, n. 2, jul-dez 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/19276>
- GUIMARÃES, Ana Rosa Gonçalves de Paula; PRÓCHNO, Caio César S. As principais características e atitudes do movimento Romântico. **Letras & Ideias**, João Pessoa, v. 1, n. 1, p 6-85, 2016. Disponível em: <https://docslib.org/doc/7064151/as-principais-caracter%C3%ADsticas-e-atitudes-do-movimento-rom%C3%A2ntico>
- GURSKI, Rose. **Três ensaios sobre a juventude e a violência**. 1. ed. São Paulo: Escuta, 2012.
- KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Orgs.). **Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004, p. 89-114.
- LACAN, Jacques. (1969-1970). **O Seminário, livro17: O avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
- LASCH, Christopher. **A cultura do narcisismo: a vida Americana numa era de esperanças em declínio**. Tradução: Ernani Pavanelli. Rio de Janeiro: Imago, 1983 [1979]
- LE BRETON, David. **Uma breve história da adolescência**. Tradução: Andréa Máris Campos Guerra et al. Belo Horizonte: Editora PUC, 2017.

LIMA, Nádya Laguárdia de; NOBRE, Márcio Rimet. A escuta de adolescentes como dispositivo de resistência à lógica da cultura digital. In: **Retratos da pesquisa em Psicanálise e Educação**. Coleção Psicanálise e Educação. Rinaldo Voltolini; Rose Gurski (Orgs.). São Paulo: Editora Contracorrente, 2020. p. 303-316.

NAVARRO, Rômulo Feitosa. A Evolução dos Materiais. Parte1: da Pré-história ao Início da Era Moderna. **Revista eletrônica de materiais e processos**, v. 1, n. 1, p. 1-11, 2006. Disponível em: <https://aplicweb.feevale.br/site/files/documentos/pdf/32246.pdf>

NOVAES, Simone. Perfil geracional: um estudo sobre as características das gerações dos veteranos, baby Boomers, X, Y, Z e Alfa. **Anais do VII SINGEP – Simpósio Internacional de Gestão de Projetos, Inovação e Sustentabilidade**. São Paulo, 2018.

NÚCLEO DE INFORMAÇÃO E COORDENAÇÃO DO PONTO BR (NIC.BR). **Painel TIC: Pesquisa web sobre o uso da Internet no Brasil durante a pandemia do novo coronavírus**. São Paulo, 2021. Disponível em: <http://www.cetic.br>. Acesso em: 10 maio 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura**, 7, place de Fontenoy, 75352 Paris, Francia. UNESCO, 2017.

PAOLA, Daniel. Adolescência Virtual. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre: APPOA**, Porto Alegre, n. 38, 29-38, 2010. Disponível em: <https://appoa.org.br/uploads/arquivos/revistas/revista38-1.pdf>. Acesso em: 12 maio 2022.

PEIXOTO, Enock da Silva. Reflexões sobre a influência da tecnologia na vida atual a partir do livro a obra de arte na era da sua reprodutividade técnica de Walter Benjamin. **Cadernos de Walter Benjamin**, n. 16, 2017. Disponível em: [https://www.gewebe.com.br/pdf/cad16/texto\\_06\\_enock.pdf](https://www.gewebe.com.br/pdf/cad16/texto_06_enock.pdf)

REZENDE, Milka de Oliveira. Contracultura. **Brasil Escola**, 2022. Disponível em: <https://brasilescuela.uol.com.br/sociologia/contracultura.htm>. Acesso em: 19 maio 2022.

SCHWAB, Klaus. **The fourth industrial revolution**. New York: Crown Business, 2017.

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura. **Adolescentes y jóvenes em realidades cambiantes: Notas para repensar la educación secundaria em América Latina**, 7, place de Fontenoy, 75352, Paris 07 SP, Francia, 2017. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000247578>. Acesso em: 10 maio 2022.

VIANA, M. A., SARSUR, A. M., GOULART, I., SANT'ANNA, A. S. Grupos geracionais e comprometimento: discussões e descobertas em uma Universidade Pública Federal. **GPR ANPAD – IV Encontro de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho**. Brasília, DF, 2013. Disponível em: <https://www.fdc.org.br/conhecimento/publicacoes/artigo-28944>

WELLER, Wivian. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. Revista **Sociedade e Estado**, v. 25, n. 2, maio/ago, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/pYGppjZyvTjJH9P89rMKHMv/>



# Espaço de Interlocução





# Considerações sobre a antifilosofia de Jacques Lacan

## Considerations on the anti-philosophy of Jacques Lacan

Allan Martins Mohr<sup>1</sup>

### Resumo

O presente artigo visa trabalhar a noção de antifilosofia na Psicanálise, conforme pensada por Jacques Lacan, sustentando o caráter antiontológico de sua teoria em duas construções específicas desenvolvidas em 1960 e 1961. Dessa forma, inicialmente é apresentada uma discussão sobre o conceito de antifilosofia para, em seguida, discutir-se os recortes escolhidos, a saber: uma sentença retirada por Lacan de um poema de Paul Valéry no qual se explica que o Ser é localizado em determinada posição que denuncia a falha na plenitude do Nada, e uma oração selecionada de uma ode de Píndaro, a qual implica ao homem ser o sonho, enquanto anseio, de uma sombra. A partir disso, foi trabalhado o problema do Não-Ser, do Outro, do sujeito e conceitos adjuntos para se concluir que Lacan é um antifilósofo, porquanto suas construções acerca do conceito de Ser, ser humano, homem e/ou sujeito, sustentam-se em uma estrutura antiontológica, além de não propor, ou melhor, não aspirar a perspectiva de uma plenitude da verdade.

**Palavras-chave:** psicanálise; Jacques Lacan; antifilosofia.

### Abstract

---

1 **Allan Martins Mohr:** Psicólogo, graduado pela UFPR; Doutor em Filosofia pela PUCPR; Mestre em Psicologia pela UFPR; atualmente é psicólogo na UTFPR Campus Curitiba e professor no curso de Psicologia na FAE. Contato: allan.mohr@gmail.com

This article aims to work on the notion of anti-philosophy in psychoanalysis as thought by Jacques Lacan, supporting the anti-ontological character of his theory in two specific constructions developed in 1960 and 1961. Thus, initially a discussion of the concept of anti-philosophy is presented, and then, the chosen clippings, namely: a sentence taken by Lacan from a poem by Paul Valéry in which it is explained that Being is located in a certain position that denounces the failure in the fullness of Nothing, and a prayer selected from an ode of Pindar, in which it implies that man is the dream, as longing, of a shadow. From this, the problem of Non-Being, the Other, the subject and adjunct concepts was worked to conclude that Lacan is an anti-philosopher, since his constructions about the concept of Being, human being, man and/or subject, are based on an anti-ontological structure, in addition to not proposing, or rather, not aspiring to the perspective of a fullness of truth.

**Keywords:** psychoanalysis; Jacques Lacan; antiphilosophy.

## Introdução

Este artigo se inscreve nas discussões ontológicas desde uma perspectiva psicanalítica conforme desenvolvida por Jacques Lacan, em especial nos anos de 1960 e 1961. Ademais, orienta-se a partir da antifilosofia lacaniana que devemos, de princípio, ratificar ser uma antiontologia, ou seja, um discurso que não apenas é incapaz de sustentar a ideia de Ser como causa, ou substância, para o humano – o que implica, por exemplo, importantes questões para o problema da responsabilidade subjetiva e da clínica psicanalítica em si –, senão um discurso que afirma a impossibilidade mesma de descrição e compreensão do Ser.

Não apenas Lacan seria antifilósofo por não desenvolver uma teoria que sustentasse uma verdade completa ou um saber pleno sobre o mundo, mas também porque sua ideia de homem

é antiontológica. Lacan desenvolve um entendimento sobre o sujeito, o homem e o Ser, no qual nenhum desses conceitos pode ser compreendido como causa ou essência. Muito pelo contrário, o sujeito, o homem e o Ser do homem seriam efeitos, porquanto causados desde Outro lugar. O Ser, por exemplo, pode ser pensado como causado pelo fato de haver fala: é um *falasser, parlêtre* - em francês; o sujeito é efeito do significante e o homem é um sonho - falaremos disso adiante. Ainda mais, e especificando nossa problemática, cabe lembrar o que afirma o psicanalista argentino Alfredo Eidelsztein ao dizer que “Lacan propôs como eixo de seu ensino: o rechaço sistemático ao ‘eu sou’ do *cogito* cartesiano” (EIDELSZTEIN, 2017b, p. 153); ou seja, entendendo que há um rechaço na proposta lacaniana acerca da razão como causa da existência de um ser humano, partimos da premissa de que, se há Ser enquanto originário para Lacan, ele não está do lado da razão, do sujeito ou do homem, mas n’Outro lugar. Lugar que Lacan, embasado em determinada leitura estruturalista, vai denominar linguagem.

Pois bem, lembrando que “a antiontologia de Lacan [...] é a base argumental de sua antifilosofia” (p. 187), o que ora objetivamos apresentar neste artigo é a sustentação da leitura antifilosófica de Lacan a partir da discussão de duas construções antiontológicas do autor. Construções essas apresentadas em 1960 e 1961, nas quais o psicanalista toma de empréstimo recortes de dois poemas, o primeiro de Paul Valéry e o seguinte de Píndaro.

Em 1960, no texto *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*, encontramos a seguinte resposta lacaniana ao problema “Que sou [Eu]?”: “Sou no lugar de onde se vocifera que ‘o universo é uma falha na pureza do Não-Ser’” (LACAN, 1998c, p. 834). O verso é do poema *Esboço de uma serpente*, de Paul Valéry. No ano seguinte, mais especificamente

nas lições de 14 e 21 de junho de 1961, Lacan vai citar diretamente a oitava ode Pítica de Píndaro – poema que fora oferecido a Aristómenes de Egina por sua vitória no pugilismo, a princípio em 446 a.C., nos jogos píticos, competição pan-helênica em homenagem a Apolo e que se realizava em Delfos (PÍNDARO, 1984). A frase recortada por Lacan é a seguinte: “sonho de uma sombra, o homem” (LACAN, 2010, p. 452).

É a partir dessas duas construções, então – “sou onde se vociferou o universo como falha na pureza do Não-Ser e o homem é o sonho de uma sombra” –, que propomos discutir o caráter antifilosófico enquanto antiontológico da psicanálise lacaniana, entendendo que a aceitação desse pressuposto implica um posicionamento ético na clínica da psicanálise, qual seja: uma vez que o sujeito, o homem e o Ser são efeitos de uma existência no campo da linguagem, uma análise não deveria propor responsabilização subjetiva, porquanto seria uma confusão com a responsabilização civil de um indivíduo (DUTRA, 2015); em contrapartida, segundo nossa proposta, a análise poderia ser direcionada para uma reorganização da relação do sujeito com o Outro. Por conseguinte, e a fim de alcançarmos o objetivo aqui apresentado, discorreremos sobre o posicionamento lacaniano contrário à possibilidade de uma psicanálise pautada numa ontologia para, em seguida, debruçarmo-nos sobre as duas assertivas já mencionadas e, finalmente, apresentarmos a tese de que o Ser, tal qual o sujeito e o homem em Lacan, é um efeito e, se é efeito, não é de fato Ser, porquanto não é *causa sui*.

## A antifilosofia de Jacques Lacan

Lacan, em 1975, publica *Talvez em Vincennes...*, onde vai apresentar quatro ciências como aquelas nas quais a psicanálise deveria se sustentar: linguística, lógica, topologia e antifilosofia (LACAN, 2003b). Sobre a última, escreve o autor que ela é uma investigação e, além disso, a ciência cujo objeto é justamente o que confere ao discurso universitário sua conjectura educativa. Nas palavras do psicanalista: a antifilosofia é “como eu intitularia de bom grado a investigação do que o discurso universitário deve à sua suposição ‘educativa’” (p. 318). Como tal, diz Lacan, isso é distinto de uma história do pensamento ou das ideias ou, ainda, dos sistemas filosóficos – portanto, antifilosofia não seria da ordem do estudo da história da filosofia e sua crítica, por exemplo; mais incisivamente, o *anti-* que se inscreve como prefixo de tal ciência, implica notadamente uma oposição à filosofia: é um fazer outro, contrário. É uma investigação que se sustenta no próprio fato de não haver resposta pronta, fechada, plena e, justamente por isso, é relacionada ao discurso universitário, explorador por natureza, discurso que busca um saber, justamente porque não o possui.

Frente à assertiva lacaniana podemos argumentar que a psicanálise se sustentaria em uma ciência oposta à filosofia e podemos basilar essa tese com algumas construções, entre elas, as sentenças que trabalharemos nas próximas seções deste artigo. Contudo, por ora recorreremos em especial a dois autores para trabalharmos o constructo antifilosofia desde a perspectiva lacaniana, a saber: Alain Badiou e Alfredo Eidelsztein.

Em 1996, no *Colóquio de Psicanálise e Filosofia* da Escola Letra Freudiana, Alain Badiou apresentou uma comunicação intitulada *Lacan - a Antifilosofia e o Real como Ato*, na qual

ratificou que a antifilosofia é “qualquer dispositivo de pensamento que oponha a singularidade de um ato à categoria filosófica de verdade” (BADIOU, 1997, p. 03). Com isso, sustenta Badiou, a diferença entre filosofia e antifilosofia é intrínseca à problemática do saber e da verdade, uma vez que, para ele, a filosofia trabalharia com a verdade, com a verdade como categoria possível, enquanto a antifilosofia oporia à tal ideia a preeminência da particularidade de um ato. De tal sorte que existiriam três importantes exemplos de antifilósofos, Nietzsche, Wittgenstein e Lacan, os quais trabalhariam determinadas matérias – suas experiências referenciais, seus objetos – às quais aplicariam seus atos – o pensamento antifilosófico em si. Sobre o último, diz Badiou: “para Lacan, a matéria decisiva é a experiência do desejo e do amor. Mas [...] o ato é arquicientífico. Ele está integralmente sob o ideal da transmissão e seu signo é o matema” (BADIOU, 1997, p. 03). Arquicientífico no sentido de preminentemente científico; e por isso o uso da matemática como tentativa de sustentar cientificamente a psicanálise, para Lacan.

A antifilosofia lacaniana, portanto, teria por matéria o desejo e o amor, ou a demanda e seu além; e como ato investigativo, um manejo a partir do matema enquanto possibilidade de transmissão de um saber sobre a verdade daquela matéria. Vejam que Badiou não diz a transmissão de uma verdade, uma vez que isso seria filosofia. A verdade, já disse Lacan e nos lembra Badiou, é sempre meio-dita. O antifilósofo não produz, tampouco transmite a verdade, senão produz determinados efeitos por conta da operação de seu ato sobre determinada matéria.

Diz ainda Badiou que Lacan vai colocar no princípio o saber e em seguida a verdade e, portanto, seria “o saber que faz a verdade; não é a verdade que a si subordina o saber. E isto só é possível porque há o ato analítico” (p. 04). Ato este que implica

um analista incluído no sintoma, nos sonhos, em imissão de Outreidade, porquanto, topológica e discursivamente, analista e analisante são parceiros e a verdade, sempre meio-dita, não pressupõe um sentido fechado ou conclusivo; a verdade não é última, porque não há Outro do Outro. Com tudo isso e mais, o matema enquanto veículo da transmissão é um achado assaz significativo de Lacan. “O matema, como ciência sem consciência, como ciência, se posso assim dizer, sem sujeito filosófico, é o que deixa o filósofo arrolhado” (p. 05). O matema como pura forma, assim como o símbolo matemático, quiçá ainda como o significante, é justamente a possibilidade de um instrumento transmissivo que não implica um sujeito, um pensar, um *cogito*, tampouco uma verdade. Lembremo-nos da sincronia no Grafo do Desejo (LACAN, 1998c) e do inconsciente enquanto estruturado tal qual um ajuntamento de letras (1973).

Prosseguindo em sua análise, o filósofo francês explica que a filosofia, por se sustentar na verdade, almeja o Um, deseja o Ser: é a hipótese de Parmênides - neste trabalho, não distinguiremos Um e Ser, apesar de podermos encontrar essa distinção em Lacan (2012). A filosofia sustentaria a seu modo, ou modos, um horizonte no qual o Um ou o Ser se substancializa, toma sentido, essência, e se cristaliza. Em oposição a ela, a antifilosofia abandonaria tal horizonte para se vincular a outros pressupostos. Por isso a distinção entre Parmênides e Heráclito é tão importante no pensamento de Lacan. Para o pensador de Eléia, “ou totalmente é necessário ser ou não” (PARMÊNIDES, 1999, p. 123), sendo então que o Ser é “e nada não é” (p. 122). Já para Heráclito de Éfeso, o Ser pode até ser enquanto discurso inaugural, causa primeira, no entanto esse *Logos* estaria sempre em movimento, sempre fazendo efeito: “este mundo [*kosmos*], o mesmo de todos os (seres), nenhum deus, nenhum homem o fez, mas era, é e será

um fogo sempre vivo, acendendo-se em medidas e apagando-se em medidas” (HERÁCLITO, 1999, p. 90). Frente a isso, Lacan é claríssimo: “Parmênides estava errado e Heráclito tinha razão” (LACAN, 1973, p. 102).

Ao diferenciar os pré-socráticos e tomar partido por Heráclito, Lacan se coloca contra, *anti*, em oposição à tradição filosófica do Ser e, conseqüentemente, a seu estudo: a ontologia. Diz Badiou que “tornar-se analista, na antifilosofia é, antes de tudo, deixar de suspirar pelo Um” (BADIOU, 1997, p. 05). Deixar de suspirar, deixar de desejar, abandonar a premissa de que o Um é. Ainda melhor: abjurar a crença de que se possa verificar, dizer a verdade sobre o Ser e, conseqüentemente, sobre o Ser do sujeito. A filosofia suspira pelo Ser, pelo Um, enquanto a antifilosofia fala sobre os efeitos da ideia de haver Um: “Lacan substituiu o pensamento do Um pelo pensamento das operações do Um, em particular da operação metafísica, que é apenas uma das operações possíveis do Um” (p. 08).

Com isso, podemos compreender que a ontologia, o discurso sobre o Ser, não é um problema lacaniano. Para Eidelsztein, Lacan é claramente antifilosófico porque antiontológico. No mesmo caminho proposto por Badiou, o psicanalista vai explicar que o rechaço sistemático de Lacan pela ideia do Ser, é um dos aspectos que vai caracterizar sua posição dentro da psicanálise, inclusive construindo uma teoria significativamente diferente daquela proposta por Sigmund Freud. E isso porque, em Freud, teríamos a possibilidade de pensar no Ser, uma vez que o pai da psicanálise vai propor o entendimento de um indivíduo amparado por um corpo biológico, fonte das pulsões, no qual, internamente, localizar-se-ia o inconsciente. É a substância extensa como causa ou sustentáculo do indivíduo. Para Lacan, o inconsciente não é interno, produz-se na relação discursiva  $A \rightarrow S$ . Diz Eidelsztein que “Lacan

propõe outra clínica. Trata-se de considerar o analista dentro do paciente. Esta ideia determina que os assuntos que o paciente aborda estão situados em função do analista” (EIDELSZTEIN, 2018b, p. 57). Lembremo-nos dos dois toros anelados ou da garrafa de Klein. E diz mais: “para Lacan, o inconsciente se dirige a um analista; para Freud, o inconsciente está dentro de determinada pessoa” (EIDELSZTEIN, 2018b, p. 57).

Sobre a ontologia de Lacan, ou melhor, sua antiontologia, Eidelsztein nos recorda daquilo que Lacan respondera em 1970 a Robert Georgin e que fora posteriormente publicado como o texto *Radiofonia*. Respondendo sobre a ideia do inconsciente enquanto revolucionária, Lacan lembra que no primeiro dia de seu ensino na Escola Normal Superior, ele fora questionado acerca da problemática do Ser e, diz ele: “declinei ter que sustentar minha visão de qualquer ontologia” (LACAN, 2003a, p. 424). A pergunta sobre a ontologia lacaniana, feita na Escola Normal Superior, nos lembra Eidelsztein (2017b), fora desenvolvida por Jacques-Alain Miller. Bem, essa entrevista que depois foi publicada como *Radiofonia* é do mesmo ano letivo do Seminário *O reverso*, durante o qual, na aula de 17 de junho de 1970, diz Lacan quase explicitamente que a ontologia é uma vergonha. Lembremos seu neologismo: *hontologie* (*honte*, vergonha + *ontologie*, ontologia) (LACAN, 1970, p. 122). Voltando à *Radiofonia*, encontramos o seguinte: “é que, no que ela [minha visão de qualquer ontologia] foi a visada de um auditório a ser habituado à minha logia, fiz de seu onto o vergonhoso” (2003a, p. 425). Fiz, disse Lacan, o *onto* dele, daquele que dirigiu a pergunta sobre sua ontologia, fiz de seu *onto*, algo vergonhoso, *honteux*.

Eidelsztein, sustentando esse caminho, mostra-nos que na psicanálise, desde uma perspectiva lacaniana, é vergonhoso, risível, questionar sobre o Ser. Explica-nos que nossa construção

cultural é descendente de Parmênides e que a modernidade luta por ratificar a ideia do Ser vinculada ao indivíduo enquanto natural. Nas palavras do autor: “nascemos sob a égide da lógica parmenídea, que diz que o ser é e o não-ser não é” (EIDELSZTEIN, 2017b, p. 187). Para ele, a lógica que se apresenta com Lacan é outra. O próprio Lacan nos diz que Parmênides estava equivocado, que sustentar uma pergunta sobre o Ser, o Ser do ser, é vergonhoso. Eidelsztein nos convoca a escutar o que Lacan nos diz: “que a psicanálise deve ser antiontológica, que deve rechaçar o ser do ser e o ser do sujeito, o do eu e o do indivíduo” (p. 189).

Não obstante essas posições de Badiou e Eidelsztein, sustentadas sobremaneira pela assertiva lacaniana, “Parmênides estava errado e Heráclito tinha razão” (LACAN, 1973, p. 102), há uma passagem no Seminário de Lacan, especificamente na aula de 29 de junho de 1955, na qual Lacan nos diz que seu A, seu grande Outro, deve ser pensado, dentre outras comparações, tal como o encontramos na “oitava ou nona hipótese de Parmênides” (1955, p. 300). No entanto, já nos foi mostrado que esse recurso lacaniano não se refere de fato à obra ou à pena de Parmênides, aos seus fragmentos, mas a um diálogo platônico (MOHR, 2020). No referido diálogo, Platão nos mostra um Parmênides construindo sua verdade a partir de hipóteses e, em uma conversa com Aristóteles, o pré-socrático desenvolve nove conjecturas. “Delas, as cinco primeiras dão conta de tentativas acerca de um entendimento no qual o ser, ou o um, é; e, da sexta hipótese em diante, Parmênides propõe colocar em questão as consequências de se pensar o um não sendo” (p. 130).

Na oitava hipótese, portanto, lemos na pena de Platão a seguinte conjectura de Parmênides: “se *um* não é, como é necessário as outras coisas estarem afetadas?”, (PLATÃO, 2003, p. 125); à qual responde: “é com relação a um diferente, penso, que

afirmamos ser diferente o diferente, e com relação a um outro que afirmamos ser outro o outro” (p. 125). Quer dizer, caso o *um* não fosse, ainda seria possível existirem as demais coisas pela alteridade, ou seja, a própria diferença entre as coisas garante que elas possam existir e serem reconhecidas, mesmo o Ser não sendo. Na nona hipótese, lemos: “se *um* não é, mas são as coisas outras que o *um*, o que é necessário que seja? (p. 129); Parmênides responde “se *um* não é, as outras coisas nem são, nem se opina serem elas *um*, nem múltiplas. [...] se *um* não é, coisa nenhuma é” (p. 129).

É extremamente interessante recortarmos essa conclusão, “se *um* não é, coisa nenhuma é” (p. 129); em especial ao lembrarmos que Lacan, em 1955, está falando de seu Outro e o igualando ao *um* de Parmênides das últimas hipóteses do diálogo platônico: um *um* que se supõe Não-Ser. Ou seja, poderíamos reler tal conclusão e dizer que: se o Outro não é *um*, coisa nenhuma é *um*; se o próprio Outro é da ordem do Não-Ser, coisa alguma pode ser Ser. Pois bem, uma vez que sequer o Outro é [Ser], como poderia o sujeito, o homem, o indivíduo, ou qualquer coisa que o valha, ser Ser?

No entanto, se não podemos Ser, se não se pode falar ou sustentar o Ser, podemos, ao menos, localizá-lo. A antifilosofia lacaniana, sustentada por uma antiontologia, apresenta-nos um ponto de fuga dessa problemática, por assim dizer, ao nos apresentar o Ser como localizável – lugar o qual Lacan nomeou Gozo. O Ser não é, mas pode ser localizado: é por aí que percorreremos a primeira chave de sustentação escolhida neste trabalho para verificar a premissa da psicanálise como antifilosofia, em Jacques Lacan.

## As coordenadas do Ser

Mencionamos acima que em 1960, em *Subversão do sujeito*, Lacan se utiliza de um poema de Paul Valéry para nos dizer que “sou no lugar de onde se vocifera que ‘o universo é uma falha na pureza do Não-Ser’” (LACAN, 1998c, p. 834). Esse poema se intitula *Esboço de uma serpente* e apareceu inicialmente em 1921. Lacan recorta uma pequena frase do extenso poema. Uma sentença de um poema cantado pelo Diabo vestido de serpente no Jardim do Éden; em específico: uma oração em uma copla dirigida ao Sol. A estrofe onde se localiza a sentença é digna de nota:

Sol, sol!... Falha gritante! / Tu que mascaras a morte, Sol, / Sob o azul e dourado de uma tenda / Onde as flores seguem seus conselhos; / Por delícias impenetráveis, / Tu, o mais orgulhoso dos meus cúmplices, / E de minhas armadilhas, a superiora, / Tu guardas o mistério do saber / Que o universo é nada além de uma falha, um defeito / Na pureza do Não-Ser! (VALÉRY, 1926, p. 82).

Em *Subversão*, Lacan está às voltas, entre outras coisas, com a demonstração e explicação de seu Grafo do Desejo e, logo antes de citar o poema em tela, ele explicava sobre  $S(\bar{A})$ , o “significante de uma falta no Outro” (LACAN, 1998c, p. 832) - significante que está relacionado à falta na concretude de  $A$  e que o faz ser barrado, faltoso - e acerca da “inerência de um (-1) no conjunto dos significantes” (p. 833). Nesse sentido, o que Lacan está propondo é que  $S(\bar{A})$  é o articulador ou o possibilitador mesmo do Outro enquanto significante para o qual todo e qualquer outro significante poderá representar um sujeito. No entanto,  $S(\bar{A})$  diz de um paradoxo, afinal, diz que no Outro,  $A$ , enquanto bateria dos significantes, enquanto lugar de todos os significantes, então pleno, há inclusive um significante de uma falta constituinte no

Outro que o faz barrado; ou seja, pretender a plenitude dos significantes do Outro pressupõe propor inclusive um significante da falta de plenitude nesse mesmo Outro, o que instala a contradição, mas também a falta e o movimento. Outrossim, essa é a falta primordial e inaugural que é carregada ao sujeito pelo Nome-do-Pai, o significante da Lei, instauradora do significante fálico.

Lembremos o que estudamos acima sobre o Outro enquanto igualado ao “*um* que não é” da oitava ou nona hipótese de Parmênides. Esse significante que marca a completude, porque inclui em A um significante da falta de um significante em A, paradoxalmente o torna Ser e Não-Ser, o faz um completo, uma bateria e, ao mesmo tempo, algo faltoso, barrado, um tesouro – necessariamente incompleto, porque caso um tesouro tivesse em si todo o ouro do mundo, tal pedra já não teria valor de troca. Continuando, o problema em tela também aparece no Grafo do Desejo, ou seja, o oximoro instalado pelo significante de uma falta de significante que plenificaria o A, igualmente se coloca no Grafo como um problema. E o problema é que ele,  $S(A)$ , um significante, aparece no Grafo em um lugar onde não deveria estar um significante. Relembrem o Grafo do Desejo e verão que  $S(A)$  está à esquerda e acima, enquanto o A como bateria completa, não cortado, está à direita e mais abaixo. É um significante, mas não está na bateria de significantes, apesar de continuar sendo um significante; problema curioso.

Ainda falando do  $S(A)$ , diz Lacan: “estando a bateria dos significantes [...] completa, esse significante só pode ser um traço que se traça por seu círculo, sem poder ser incluído nele. Simbolizável pela inerência de um (-1) no conjunto dos significantes” (p. 833). Então, uma vez que A enquanto bateria dos significantes – encontrando-se à direita no Grafo, o lugar do código – está completo, esse significante de uma falta no Outro deve

ser pensado como significante, mas também como um traço, um traço que se desenha como um círculo, mas que não pode estar no círculo, uma vez que o círculo é algo completo. O traço que desenha o próprio círculo escapa a ele, mesmo sendo algo que o institui. Esse traço está e não está no círculo (A enquanto bateria), ele é um (-1), um (-1) existente na essência, enquanto substância mesma, do conjunto dos significantes. No caso de  $S(A)$ , ele é um significante que, apesar de inerente à bateria, não é contado, é um (-1). Diz Lacan: “como tal, ele é impronunciável, porém não sua operação, pois ela é o que se produz toda vez que um nome próprio é pronunciado. Seu enunciado iguala-se a sua significação” (p. 833).

A operação pela qual podemos reconhecer a existência de  $S(A)$  é consoante àquela de um nome próprio, é algo da estrutura de uma identidade entre o significado que se sustenta abaixo do significante usado e aquilo que quero significar ao usar tal significante. O uso do nome próprio é da estrutura de um bucle, um laço, é um código que se refere ao próprio código. Lacan usa a seguinte fórmula para formalizar a proposta acerca do  $S(A)$ :

$$\frac{S(\textit{significante})}{s(\textit{significado})} = s(\textit{enunciado})$$

Nivelando os termos, temos:

$$|S(\textit{significante}) = s(\textit{enunciado}).s(\textit{significado})$$

No caso em análise, o do nome próprio, o significado é idêntico ao enunciado, portanto, e trocando os lados da equação, encontramos:

$$|s^2 = S(\textit{significante})$$

Se o *significante* com o qual estamos lidando,  $S(\mathbb{A})$ , é escrito também como (-1) por sua impronunciabilidade, temos:

$$\overline{s^2 = -1}$$

O que nos levaria a:

$$\overline{s = \sqrt{-1}}$$

Em outras palavras, e parcamente falando, o sujeito enquanto nome próprio, enquanto tentativa de se nomear como alguém, tentativa de ser alguém, vai sempre encontrar seu significado, apesar de estar no código, como algo imaginário, porquanto  $\sqrt{-1} = i$ . Imaginário, matematicamente falando, porque impen-sável. Impensável porque “i” é uma solução matemática que resolve um problema dentro dos números reais, mas que apela, por assim dizer, a uma escapada. É um subterfúgio. No caso de um indivíduo, o nome próprio é também um subterfúgio na tentativa sempre vã de um alguém pensar ou dizer seu Ser.

Tentando clarear algo mais acerca da inerência do (-1), retomemos o estudo topológico lacanianiano do toro. Nessa construção, um toro pode ser pensado como formado por uma bobina na qual suas circunvoluções não formam círculos fechados, senão se constroem à maneira de uma mola infinitamente próxima e que se fecha na forma de um anel, ou uma rosquinha. Pensemos que essa bobina ao ir se desenhando, começa seu percurso desde o ponto ‘a’ e que ao fechar a primeira circunvolução (geratriz), mas não circular, pois é uma mola, se fecharia não se fechando, mas

criando a primeira sequência da mola, no que chamaremos de ponto 'b', em seguida o 'c' e assim por diante. Imaginemos, agora, que esses pontos, infinitamente próximos, estão voltados para o centro da rosquinha, que é sua forma final. Ao completar o toro, com todas as suas 'n' voltas, cria-se uma circunvolução a mais (diretriz) que não é contada no toro, porém faz parte dele, é inerente a ele, não obstante ser sempre esquecida, não contada; é um (-1). Essa volta a mais não contada, portanto uma volta a menos, é justamente a sequência 'a - b - c - ... - n' (EIDELSZTEIN, 2018b). Por fim, e retomando o círculo, o traçado inerente ao círculo escapa a ele, e o circuito fechado no interior do toro não é contado em suas voltas, apesar de ser também inerente a ele. Essa é a lógica do (-1).

Por isso o problema de Lacan com o *cogito* cartesiano. Diz Lacan que esse  $S(\mathcal{A})$  enquanto (-1) é o “que falta ao sujeito para se pensar esgotado por seu *cogito*, ou seja, o que ele é de impensável” (LACAN, 1998c, p. 834). Pensar não dá conta de conhecer, tampouco saber ou existir como Ser. Explica Eidelsztein: “que o sujeito possa terminar de se localizar no Ser como ‘penso’, vem impedido pelo  $S(\mathcal{A})$ , por este ser o verdadeiro impensável” (EIDELSZTEIN, 2017a, p. 218). E aqui nos reencontramos com o aforismo lacaniano: “penso onde não sou, logo sou onde não penso” (LACAN, 1998a, p. 521). O pensar, o *cogito* cartesiano, não oferece a possibilidade de esgotar ou concluir (sobre) o Ser do sujeito, dado que o Ser não se compreende pelo pensar. O Ser, no máximo, localiza-se como operação.

E é sobre essa localidade que fala Lacan na sentença que destacamos: “sou no lugar de onde se vocifera que ‘o universo é uma falha na pureza do Não-Ser’” (1998c, p. 834). Se lembrarmos do poema, esse lugar é o centro do Jardim do Éden, praticamente ao lado da árvore do conhecimento e quem vocifera o dito é a

serpente, ou melhor, Lúcifer vestido de serpente. Agora, com Lacan esse lugar é nomeado Gozo: um lugar “cuja falta tornaria vão o universo” (1988b, p. 834). Ou seja, caso esse lugar, desde onde sou vociferante e anunciante de determinada falha cósmica, esse lugar desde o qual se opera algo, caso deixasse de existir, o universo seria vão, inútil. E determinada falha diz respeito ao fato de que o universo, ou tudo o que existe, nada mais é do que um erro, uma falha na pura plenitude do Não-Ser, ou seja, do Nada. Apenas o Nada é pleno; o universo é efeito de uma falha na plenitude do Nada. Aliás, o poema de Valéry termina justamente exaltando “a estranha onipotência do Nada!” (VALÉRY, 1926, p. 96).

Ser é, no máximo, operar como anunciante de uma falha do Nada, talvez porque aí, nesse lugar, reconheça-se a causa eficiente de si e de qualquer coisa: o próprio Nada. A própria existência anuncia o erro na onipotência do Nada. O Ser não é, o *um* não é; contudo, Ser é estar, num lugar, fazendo efeito. E o efeito de haver algo é vociferar a falha do Não-Ser, da plenitude do Nada. Lembremos o que nos diz Badiou: “para Lacan, não pode haver ciência do ser. Ele é muito violento contra a ontologia, pensa que a ontologia é sempre uma ‘canalhice’” (BADIOU, 1997, p. 06). Ainda mais: “é absolutamente necessário distinguir dois enunciados: o enunciado ‘o Um é’, metafísico; e o enunciado ‘há Um’ (*Y a d’ l’Un*), que é o enunciado antifilosófico (p. 08).

Entre o Parmênides do Um que é, e o Heráclito dos efeitos de haver Um, Lacan fica com o segundo. Quer dizer, a questão para Lacan não é discutir ou desejar, suspirar por entender, compreender, apreender o Ser – ou o ser do sujeito, do homem, tampouco do indivíduo; a questão para Lacan é discutir os efeitos de haver algo ao invés de Nada. Afinal, existo num lugar que se

chama Gozo e minha existência tem por efeito vociferar a todos os deuses que há uma falha no Nada, no Não-Ser.

Sobre o Gozo, Lacan ainda nos explica que essa localidade não é minha, mas que dela me encarrego. E não é minha porque, de fato, o Jardim não é meu; fomos colocados ali – Adão foi, pelo menos – “para o cultivar e o guardar” (Gên. 2:15) (FRANCISCO, 2012, p. 07). Esse Gozo, enquanto lugar, que é de Outro, mas que me foi encarregado, não o posso ter de fato, uma vez que a mim é proibido; o que é possível é se ocupar – se encarregar e ocupar – desse lugar e desde aí vociferar e recolher alguns efeitos. Nas palavras de Lacan: “estarei eu, pois, encarregado dele? – Sim, sem dúvida. Esse gozo cuja falta torna o Outro inconsistente, será ele, então o meu? A experiência prova que ele me é comumente proibido” (LACAN, 1998c, p. 834). Sou encarregado dele, do Gozo e do Éden, mas seu “uso/fruto” me é proibido.

Encerrando essa seção de nosso artigo, cabe lembrar que, segundo o poema, o Sol, cúmplice orgulhoso e ardiloso do Diabo, é o guardião desse mistério; da sempre boa pergunta do porquê de existir algo ao invés de nada. Lacan não se presta a tentar responder tal questão, senão a trabalhar os efeitos desse fato. Continuemos.

## **Sobre sombras e sonhos**

Paul Valéry, no poema acima mencionado, intitula o Sol, guardião do mistério sobre o universo, como “Rei das sombras” (VALÉRY, 1926, p. 83). Nada mais justo.

Como explicamos em nossa introdução, o objetivo desse artigo é trabalhar duas sentenças lacanianas para sustentar sua posição antifilosófica porque antiontológica. Portanto, esse é o

momento de retomarmos e tratarmos da segunda dessas assertivas, retirada de Píndaro: “sonho de uma sombra, o homem” (LACAN, 2010, p. 452). Contudo, antes de seguirmos, cabe explicar que tomaremos apenas a frase usada por Lacan e não sua discussão sobre ela, uma vez que nesse momento de seu ensino o autor está trabalhando outras questões, em especial a distinção entre ideal do eu e eu ideal; tópico que não é o foco deste artigo. Aqui, recortamos a frase do poeta grego para tomarmos outra direção: discutir o que poderia ser pensado desde a antifilosofia lacaniana sobre o homem enquanto o “sonho de uma sombra”. A despeito do fato de Lacan não discutir isso desde a perspectiva do Ser, entendemos possível a digressão por compreendermos que Lacan não se utilizaria de uma frase dessa magnitude se não concordasse com ela em mais de um sentido. É uma aposta que por ora fazemos.

Retomando a sentença em discussão, cabe destacar três elementos, os quais serão foco de nossa análise objetivando sustentar a posição antiontológica de Lacan: o homem, o sonho e a sombra. De imediato, ressaltamos que quanto ao homem cabe apenas explicar que optamos por entender e denotar o *Anthropos* grego, enquanto Ser humano, como uma tentativa de significar algo da essência ou da substância mesma daquilo que faz o homem um ser humano. Afinal, seguindo o conselho de Lacan no *Seminário sobre a transferência*, onde a sentença de Píndaro se encontra, recorreremos ao *Crátilo* de Platão para encontrar, nas palavras de Sócrates, o seguinte: “dentre todos os animais é o homem o único justamente denominado Anthropos, ou seja, *anathrôn ha ópôpe*, o que contempla o que vê” (PLATÃO, 1973, p. 140).

O homem, portanto, é essencialmente aquele que contempla e, por contemplar, questiona e, no limite, questiona sobre Si e sobre Ser. O homem, na sentença grega, resultado do sonho

da sombra, é o que poderíamos denominar Ser humano, Ser do sujeito, ou apenas Ser – que, à distinção dos animais, contempla e analisa; o que nos leva a afirmar, pelo menos circunscrito nesse trabalho, que a sentença de Píndaro também pode ser pensada como inscrita no problema ontológico.

Sobre nosso segundo elemento, ao trabalhar a locução grega na aula de 21 de junho de 1961, Lacan explica que o sonho “é o campo de errância do significante” (LACAN, 2010, p. 458). A definição continua, mas gostaríamos de nos deter aqui por enquanto, a fim de colocar em questão o campo. Entendemos que campo não é qualquer palavra no ensino de Lacan, ele mesmo a utilizou no título de *Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise*, e concordamos com Eidelsztein quando diz que Lacan usa campo como um conceito matemático, tal qual função (2018a). Então, o que se entende quando se fala em campo?

O conceito de campo em física se inicia com Faraday e é a solução para um problema do eletromagnetismo, solução que fora denominada campos de força. O problema era o seguinte: de alguma maneira, objetos distantes no espaço, ou seja, que não se tocam, afetam-se mutuamente. O que conclui Faraday? Assim nos explicam Hawking e Mlodinow: “ele acreditava que para mover um objeto, algo deve estar em contato com ele. Então, imaginou o espaço entre cargas elétricas e ímãs como preenchido por tubos invisíveis que fisicamente empurram e puxam” (HAWKING & MLODINOW, 2012, p. 89). São esses tubos invisíveis, que preenchem um espaço, o que Faraday denominou campos de força. Outra forma de entender o conceito é explicar que campo é um espaço determinado no qual algumas leis se sustentam e, as quais sustentam o próprio campo; leis que já não valeriam em outro campo qualquer. Campo, então, é um espaço determinado para um conjunto de objetos e que descreve determinações específicas

para esse conjunto (RÖMER & FORGER, 1993). No caso da citação lacaniana, o sonho é um campo onde os significantes erram, vagueiam sem fixação. O campo está para Lacan como a outra cena está para Freud. Isso porque Freud vai dizer que o sonho acontece numa outra cena, numa cena que não é a mesma da vida de vigília. Freud retoma essa ideia de Fechner e sustenta que “a cena de ação dos sonhos é diferente da cena da vida representacional de vigília” (FREUD, 1996, p. 566) e diz mais: “esta é a única hipótese que torna inteligíveis as particularidades especiais da vida onírica” (*Ibid.*). O sonho acontece numa cena, num campo específico e com regras específicas que não valem perfeitamente para a vida de vigília. Nesse outro campo, diz Freud que o desejo inconsciente, motor principal do sonho, é retratado sempre no presente, sempre como realizado, esteja ele de forma claramente posta ou disfarçada.

Portanto, com Freud, compreendemos o sonho como uma cena distinta da vida de vigília na qual o desejo inconsciente é retratado sempre como realizado; esteja isso claro ou disfarçado. Já com Lacan, uma das maneiras possíveis de compreender o sonho é o designar como um campo específico no qual os significantes erram. Significantes, devemos lembrar, que são advindos do Outro, do campo da linguagem, do campo simbólico; são veiculados pela fala e possuem como um de seus efeitos, um sujeito. Durante o sonho, esses significantes erram e podem se apresentar ou se associar com mais facilidade, se pudermos assim descrever. Dessa forma, o desejo pode se apresentar, mesmo que disfarçado, estando como que descoberto, à luz do Sol. Retomemos a citação lacaniana, agora um tanto ampliada: “É por meu sonho, é por me deslocar no campo do sonho na medida em que ele é o campo de errância do significante que posso entrever a possibilidade de dissipar os efeitos da sombra” (LACAN, 2010, p. 458).

Logo, é por poder desenvolver um sonho que se pode divisar um cenário no qual a sombra não tem efeito.

No sentido colocado aqui por Lacan, os efeitos causados pela sombra dizem respeito à opacidade do objeto essencialmente colocada pela estrutura narcísica da subjetividade. Não é disso que trataremos adiante quando desenvolvermos a questão da sombra, mas por enquanto nos serve para pensar que o sonho favorece, pela errância dos significantes, que a opacidade essencial do narcisismo seja desfeita e que possamos vislumbrar algo mais claramente. Esse algo, sustentamos com Freud, é da ordem do desejo. Agora, se o sonho dissipa certa obscuridade causada pelo narcisismo, seria possível dizer que na cena, ou no campo do sonho, o adágio “Isso fala e Isso pensa” se torna mais factível? A construção lacanianiana da psicanálise nos convoca a entender que eu não sou onde penso, senão que Isso pensa em mim, que Isso fala em mim. Para citar um exemplo das vezes que Lacan nos convoca esse entendimento, diz ele em *Posição do inconsciente*: “com o sujeito, portanto, não se fala. Isso fala dele, e é aí que ele se apreende” (1998b, pp. 849), e firma isso logo depois de afirmar que a linguagem é a causa do sujeito. Ainda cabe ressaltar que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, sendo que esse “inconsciente é discurso do Outro” (1998c, p. 829) e que há algo de um desejo inconsciente que deve ser pensado sempre como “desejo do Outro” (1998c, p. 829).

O inconsciente para Lacan é um discurso que se inaugura fora do sujeito, fora do homem, e que o toma, causando-o. Esse discurso é um discurso sobre o Outro, além disso, o desejo inconsciente, portanto discursivo, “é o desejo do Outro [...] ou seja, é como Outro que ele deseja” (1998c, p. 829). Em outras palavras, o desejo inconsciente, motor principal do sonho, não é do indivíduo, sujeito, homem ou coisa que o valha; o desejo do

sonho é do Outro; no sonho, é como Outro, com um discurso sobre o Outro, que o *parlêtre* apresenta a cena.

No final das contas, podemos dizer que o sonho é uma cena, um campo, no qual o desejo do Outro lido pelo sujeito é apresentado como realizado. Do Outro, porque o discurso que o institui, que causa o sujeito, vem de fora e discursa sempre acerca do Outro, desse lugar tesouro do significante.

Pois bem, cabe agora questionar: qual o desejo da sombra? A resposta: o homem. Quiçá, ser homem. A sombra deseja Ser.

Vamos adiante e falemos, finalmente, da sombra. Uma sombra é a delimitação de um espaço, talvez um campo, o qual escancara a ausência do objeto real que a criou. É uma presença balizadora que marca a ausência do objeto tridimensional que a formou – muito embora possa estar infinitamente próxima dele, tal como a sombra própria. Nas palavras de Eidelsztein, “a sombra que projeta qualquer objeto é o resultado de converter algo tridimensional – o objeto –, em bidimensional – a sombra, a nível plano” (EIDELSZTEIN, 2018b, p. 30). Uma sombra é uma planificação que circunscreve a ausência de luz criada por um objeto tridimensional quando afrontado por um foco de luz. Topologicamente falando, uma sombra, seja ela própria ou projetada, é uma superfície bidimensional. Talvez o melhor ou um dos melhores exemplos de superfície bidimensional, como nos lembra Casati (2001). A sombra carece de espessura, aspecto inerente aos objetos tridimensionais, muito embora ela possa se curvar e subir pelas paredes; ainda assim, é infinitamente plana. A sombra, projetada ou própria, possui características interessantes das quais recortamos algumas: elas são interpenetráveis, o que implica dizer que duas ou mais sombras “podem ocupar a mesma área do espaço sem exasperação” (p. 52) e, por conseguinte, são imateriais, incorpóreas, uma vez que em um mundo newtoniano dois corpos não

poderiam ocupar o mesmo lugar no espaço. Além disso, sua definição se dá pela negatividade e Outridade, ou seja, uma sombra é definida pela luz que a cria desde outro lugar; dito de outra maneira: a sombra é denotada como o efeito da opacidade de um objeto, é resultado da ausência de transparência em determinado corpo – sombra própria – ou plano projetivo – sombra projetada. Para culminar, diz claramente Casati em seu *O descobrimento da sombra*: “uma teoria verdadeiramente mínima da sombra deve conter, ao menos, estes três princípios: primeiro, toda sombra é sombra de algum objeto; segundo, um corpo não projeta sua sombra através de outro corpo; terceiro, para projetar sua sombra, um corpo deve receber luz” (p. 59).

Em todo caso, uma sombra é uma divisa caracterizada por ausência de luz como efeito da existência de uma fonte luminosa exterior a um objeto que, por definição, é material, corpóreo. Finalmente, tal sombra, enquanto pura negatividade, pode também ser descrita como uma coisa “plena de buracos” (p. 62). Sendo assim, o homem, conforme nomeia Píndaro e ratifica Lacan, é um campo, uma cena na qual se projeta um desejo – como realizado – dessa coisa qualquer, superfície sem profundidade ou espessura, imaterial e plenamente esburacada; Nada.

## Considerações finais

O homem é um campo onde se inscrevem as ânsias de uma negatividade. O homem é o desejo do Não-Ser. O homem é a aspiração do Nada. Não-Ser e Nada que, como vimos, vai ter relação com o Outro tal qual descrito nas hipóteses de Parmênides. De fato, uma belíssima definição que traz consigo a certeza de que não há Ser, um *um*, ou algo que o valha enquanto essência,

substância primeira e última, arquetípica, do homem, sujeito ou indivíduo. E isso porque, 1) se o desejo é sempre do Outro, 2) se o Outro é da ordem do Não-Ser, 3) se o desejo é inconsciente, 4) e o inconsciente é o discurso sobre o Outro enquanto Não-Ser, 5) se a sombra é da ordem do Não-Ser porque plena de vazio, de Nada, logo: o homem é a aspiração de um nada incorpóreo por uma materialidade e tridimensionalidade.

Como consequência, podemos ratificar que, a partir da leitura antifilosófica de Lacan, não é possível dizer da existência do Ser do homem, sujeito, indivíduo, ou qualquer coisa dessa ordem; que é impraticável descrever, falar ou, ainda, compreender o Ser. Não obstante, se algo é possível enquanto (anti)ontologia, é recolher efeitos de localização. Ou seja, há apenas que se trabalhar com o fato de que existe algo ao invés de nada. E essa antiontologia, seguindo a pena de Lacan, Badiou e Eidelsztein, justifica a antifilosofia da psicanálise lacaniana.

O objetivo deste artigo foi apresentar e sustentar uma leitura antifilosófica da psicanálise como nomeada por Jacques Lacan nos utilizando de duas construções antiontológicas do autor. Em um primeiro momento, apresentamos um estudo sobre a sentença “sou no lugar de onde se vocifera que ‘o universo é uma falha na pureza do Não-Ser’” (LACAN, 1998c, p. 834), que aparece no texto *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano* e, em seguida, discutimos a frase de Píndaro, retomada por Lacan: “sonho de uma sombra, o homem” (p. 452), que se faz notar em seu seminário de 1960-1961.

Entendemos que nosso objetivo foi cumprido, porquanto ao final pudemos sustentar que a existência do homem para Lacan é o efeito de uma falha do Nada, no sentido de que o Não-Ser seria sua causa ou substância, e que o homem é apenas aquele que se localiza num lugar tal desde onde vocifera e aponta, escancara,

esse erro. Além disso, o homem pode ser também descrito como uma aspiração do Nada; ou seja, esse Nada, Não-Ser, deseja ser, com minúscula, algo tridimensional; um humano. Humano que ulteriormente vocifera a imperfeição da plenitude do Não-Ser que o causou. Um Nada que deseja ser homem e um homem que revela a imperfeição desse mesmo Nada. Uma posição antiontológica que Lacan nomeia como antifilosofia, por entender que a filosofia aspira à verdade do Ser.

Aliás, e tencionando concluir, o homem é o próprio selo da imperfeição do Não-Ser; chancela designada pela própria ideia de ser desejante; marca exclusiva da humanidade, porquanto a falta não caberia aos verdadeiros deuses. Ao introduzir o aspecto desejante na Sombra-Nada, a plenitude do Não-Ser é cunhada como imperfeita; e esse humano-desejante é justamente o lugar-tenente dessa imperfeição.

## Referências

- BADIOU, Alain. Lacan - a Antifilosofia e o Real como Ato. In: ESCOLA Letra Freudiana: Colóquio Psicanálise e Filosofia: Sujeito e Linguagem. **Revista Letra Freudiana**, ano XVI, n. 22. Rio de Janeiro: Revinter, 1997.
- CASATI, Roberto. **El descubrimiento de la sombra: la historia de un enigma que ha fascinado a los grandes genios de la humanidad, de Platón a Galileo**. Madrid: Editorial Debate, 2001.
- DUTRA, Flávia Gomes. Sujeito e Responsabilidade. **El Rey está desnudo. Apertura, Sociedad Psicoanalítica**, v. 8, n. 8. Outubro, 2015.
- EIDELSZTEIN, Alfredo. **O grafo do desejo**. São Paulo: Toro Editora, 2017a.
- EIDELSZTEIN, Alfredo. **Otro Lacan: estudio sobre los fundamentos del psicoanálisis lacaniano**. Buenos Aires: Letra Viva, 2017b.
- EIDELSZTEIN, Alfredo. **El origen del sujeto en psicoanálisis. Del Big Bang del lenguaje y el discurso en la clínica psicoanalítica**. Buenos Aires: Letra Viva, 2018a.

- EIDELSZTEIN, Alfredo. **La topología en la clínica psicoanalítica**. Buenos Aires: Letra Viva, 2018b.
- FRANCISCO, Edson de F. **Antigo Testamento Interlinear Hebraico-Português – Volume 1 – Pentateuco**. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.
- FREUD, Sigmund. (1900). A Interpretação dos Sonhos (segunda parte). In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- HAWKING, Stephen. W MLODINOW, Leonard. &. **The grand design**. New York: Bantam Books, 2012.
- HERÁCLITO. Fragmentos. In: SOUZA, José Cavalcante. **Os Pré-Socráticos**. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda., 1999.
- LACAN, Jacques. **Le moi**, 1955. Disponível em: <<http://staferla.free.fr/>>.
- LACAN, Jacques. **L' envers de la psychanalyse 1969-1970**, 1970. Disponível em: <<http://staferla.free.fr/>>.
- LACAN, Jacques. **Encore 1972-73**, 1973. Disponível em: <<http://staferla.free.fr/>>.
- LACAN, Jacques. (1957). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998a.
- LACAN, Jacques. (1960). Posição do inconsciente. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998b.
- LACAN, Jacques. (1969). Subversão do sujeito e dialética do desejo na inconsciente freudiano. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998c.
- LACAN, Jacques. (1970). Radiofonia. In: **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003a.
- LACAN, Jacques. (1975). Talvez em Vincennes.... In: **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003b.
- LACAN, Jacques. (1968-1969). **O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- LACAN, Jacques. (1960-1961). **O Seminário, livro 8: a transferência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.
- LACAN, Jacques. (1971-1972). **O seminário, livro 19: ...ou pior**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

- MOHR, Allan Martins. A morte de Lacan: um dos nomes do não-ser e causa eficiente do *parlêtre*. **Basilfide** – Revista de Filosofia, Curitiba, v. 2, n. 4, p. 127-141, jul/dez. 2020.
- PARMÊNIDES. Fragmentos. In: SOUZA, J. C. **Os Pré-Socráticos**. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda., 1999.
- PÍNDARO. **Odas y fragmentos**. Madri: Editorial Gredos, 1984.
- PLATÃO. Crátilo. In: PLATÃO. **Diálogos**. Belém: Universidade Federal do Pará, 1973.
- PLATÃO. **Parmênides**. Rio de Janeiro/São Paulo: Ed. PUC-Rio/Loyola, 2003.
- RÖMER, Hartmann & FORGER, Frank M. **Teoria Elementar dos Campos**. Trad. Frank Michael Forger. São Paulo: Departamento de Matemática Aplicada do Instituto de Matemática e Estatística da Universidade de São Paulo, 1993.
- VALÉRY, Paul. **Charmes**. Paris: Librairie Gallimard, 1926.

# Espaço Conferência





# Amódio: Paixões e Finais de Análise<sup>1</sup>

Silvia Amigo<sup>2</sup>

Traduzido e transcrito por: Andrea Rossi e Tiago Rickli<sup>3</sup>

Bem, muito obrigado, é uma honra estar apresentando a revista. Agradeço desde já o convite, é uma honra para mim estar aqui com vocês. Tenho uma relação com Curitiba, já fui muitas vezes falar aí: é uma cidade muito próspera, com muita potência psicanalítica. Espero poder voltar presencialmente. Nos últimos anos, obviamente, estive aí de forma online. Espero poder voltar a ir presencialmente, mas agora estou de volta na forma híbrida, então ao menos alguns de vocês estão presentes, uns com os outros, colocando o corpo em presença.

Esta revista – que decidiram chamar, como o Tiago Rickli acabou de comentar, *Entre diferenças e intolerâncias, o que pode a psicanálise* – vai bem com o título que me foi proposto por

---

1 Conferência realizada por Silvia Amigo durante o lançamento da Revista APC nº 37 em 01 de dezembro de 2022.

2 **Silvia Amigo:** Médica, Psiquiatra e Psicanalista; Membro da Escuela Freudiana de Buenos Aires, sendo AME e AE dessa instituição; Autora de vários livros, entre eles: “Da Prática Analítica” (1994); “Clínica dos Fracassos da Fantasia” (1999); “Paradoxos Clínicos da vida e da morte: Ensaio sobre o conceito de originário em Psicanálise” (2004); “Clínica do Corpo: o corpo, o incorpóreo, o objeto a” (2007).

3 **Andrea Silvana Rossi:** Psicanalista, membro da Associação Psicanalítica de Curitiba (APC). Graduada em Psicologia pela PUC-PR, mestre em História pela UFPR; Coautora do livro “Hospital, saúde e subjetividade” (Editora Casa do Psicólogo); “Fenomenologia, linguística e psicanálise” (Editora Fi), e “A vivência da morte e do luto na adolescência: recortes psicanalíticos” (Editora Agalma). Contato: andreasilrossi@gmail.com.

**Tiago Rickli:** Psicanalista, membro da Associação Psicanalítica de Curitiba (APC), mestre e doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e membro fundador do Instituto Dominique. Contato: tiago.rickli@gmail.com.

Andrea Rossi, *Amódio: Paixões e Finais de Análise*. Vou tentar desenvolver de onde vem a palavra tolerância – pois estudei num colégio em que tive seis anos de latim; embora não pareça, me interessou e gostei muito: tolerância vem de um verbo latino, *tolere*. *Tolere* significa suportar, e *Tolere* era o nome que também foi dado a Atlas: Atlas era o atlante, a figura que vocês vêem nos monumentos gregos que sustentava a abóbada celeste, sustentava o universo.

Suportar é suportar um peso, um peso difícil de levar adiante. Então, a intolerância é a dificuldade de suportar um peso. No caso, trata-se da intolerância às diferenças. O que a psicanálise pode fazer com isso? Bem, eu vou voltar à tolerância, então lhes conto dessa etimologia da palavra tolerância. Que o psicanalista ele próprio tenha que suportar a diferença, é o seu trabalho. Seu trabalho é, justamente, o trabalho que vai contra a coletivização. A psicanálise nasce refutando os universais, refutando o coletivo. E por mais valioso que seja socialmente algo de alguma militância coletiva, a psicanálise se ocupa com o singular. O singular não é nem o particular, nem o grupo: o singular é um sujeito de cada vez. Ocupar-se com um sujeito é ocupar-se com o singular e, por definição, um sujeito é diferença, é diferença com outro sujeito.

Quer dizer que a psicanálise é algo que nunca deu certo em regimes totalitários, nunca funcionou, porque nunca foi um instrumento para fazer cidadãos dóceis. Nunca, jamais, serviu para fazer cidadãos adaptados e dóceis. A psicanálise – dentro da lei do desejo, da lei psíquica – fez com que o cidadão aproveitasse ao máximo sua diferença e sua singularidade. Como disse Tiago Rickli, tanto no Brasil quanto na Argentina há uma fenda que divide com ódio os cidadãos entre si – o que torna esta publicação muito relevante para o Brasil e também para a Argentina; coloca

os sujeitos, a quem Lacan chamou de *parlêtres*, na possibilidade de entrar em paixões de amor e ódio. Vou tratar de fazer uma história das palavras sob a pena de Freud – e, conseqüentemente, sob a de Lacan –, a respeito do que o amor e o ódio significam nelas. O que isso quer dizer? O que é amor e ódio para esses analistas? Porque não é o que pode ser ingenuamente considerado, se não o investigarmos bem, metapsicologicamente. Deve ser bem formalizado.

Quando Freud estuda a conformação do corpo erógeno e o enlace do corpo pulsional com o corpo narcísico na metapsicologia de 1915, ele vai dizer algo que eu peço a vocês que retenham e que é muito importante: ele vai dizer que o ódio é mais antigo que o amor, e que o objeto externo, o alheio e o odiado, são, em princípio, idênticos. Tudo o que se opõe à máquina do *Lust-Ich*, o eu-prazer da homeostase, é odiado. Repito, portanto: o ódio é mais antigo do que o amor sob a pena de Freud.

Pois bem, como Freud fez observar, é com a religião monoteísta, com as indicações e comandos da religião monoteísta – lembrem-se que Freud escreveu Moisés no momento em que os nazistas queriam massacrar o povo judeu, justamente como alguém alheio e externo ao povo judeu, dizendo que Moisés era egípcio, ou seja, foi uma lição de Freud escrever que Moisés era um estrangeiro ao povo escolhido –, que recém-aparece a obrigação de amar o próximo, ou seja, de amar o estrangeiro. Se não aparecesse como um mandamento, o ódio seguiria sendo o mestre da paixão. Como Freud diz que a religião monoteísta é um salto adiante na civilização, dir-se-ia progresso – na verdade, em alemão é salto adiante na civilização –, poder amar o próximo é algo que, na ideia de Freud, na formalização freudiana, foi difícil de adquirir.

Então, aqui é importante lembrar uma diferença – voltarei a Freud mais adiante – que Lacan faz entre o semelhante e o próximo. O semelhante é, como seu nome indica, parecido consigo mesmo. Isso é muito fácil de amar. O que se assemelha a si mesmo, o que não é diferente, é muito fácil de amar, é muito fácil de integrar na máquina da homeostase, na máquina do princípio do prazer: não há dificuldade aí. Portanto, o mandamento ame o próximo como a si mesmo, não se trata de que se ame o semelhante, é que se ame o próximo. E o que é o próximo? Lacan o manifesta muito bem: o próximo é o humano, o *parlê-tre*, que não é semelhante a si mesmo; aquele que é diferente. E Lacan o chama de iminência intolerável do gozo. Gostaria que a Andrea Rossi traduzisse, porque é uma definição exata de Lacan no Seminário *De um Outro ao outro* – há um outro e outro outro. Poderia traduzir: *el prójimo es la inminencia intolerable del goce*.

Andrea Rossi: *o próximo é a iminência intolerável do gozo*.

Bem, obrigado! A questão é: qual gozo? Diante do próximo há uma inquietação, porque nunca sabemos exatamente qual gozo. Qual? É diferente, e nunca sabemos qual gozo vem deste próximo. É desse próximo que Freud diz: o objeto externo, o alheio e o odiado são, em princípio, idênticos. Odiar o próximo, aquele que não é semelhante, é a primeira coisa que o humano tende a fazer. Poder amar o próximo é um mandamento bíblico, um mandato bíblico que é acrescentado na religião monoteísta, como algo que a civilização tem que adquirir – é uma história da humanidade, é uma história da humanidade, que vocês podem encontrar, não vou citar os versículos.

O objeto alheio, o exterior e o odiado são, em princípio, idênticos. Então, o objeto próximo entra como uma pedra, uma mancha, um incômodo, no princípio do prazer. Mas, ao mesmo

tempo, nos tira da rotina e do tédio de nossa vida cotidiana. Como poder amar o próximo? Bem, quem seriam os próximos, aqueles que não são semelhantes? Nesta revista há uma série – no item que Tiago Rickli listou, a seção da Letra – daqueles que pensam de maneira distinta: politicamente; na religião – na psicanálise também, por que não?; aqueles que têm outra cor de pele – coisa que se vê à primeira vista; aqueles que têm outro traço – o traço unário que dá outro estilo, do qual fala Andrea Rossi – que levam consigo e que se vê rapidamente. Aqueles que, então, não têm nossos emblemas, aqueles que têm uma deficiência, uma deficiência física – que, ademais, nos assustam, nos amedrontam, porque isso pode acontecer com todos nós –, ou seja, os diferentes, se transformam muito rapidamente em próximos. E também os de outro sexo – por isso também está incluído, além de ser uma tradução, e sou muito grata pela inclusão do meu artigo sobre As Magas, as Bruxas e as pouco Ortodoxas –, o outro sexo também é um próximo. É até minha ideia que, na homossexualidade, o parceiro sexual, aquele que desperta gozo, é outro e é próximo na medida em que é uma ocasião de gozo. Então, para entender as diferenças, é importante entender por que Lacan se viu levado a diferenciar semelhante e próximo. Não são a mesma coisa. E o que Lacan pede para amar, junto com as religiões monoteístas – Lacan não é religioso, mas lê muito bem com Freud que, a partir do monoteísmo, só a partir daí a humanidade pode considerar fazer algo com o próximo que não seja massacrá-lo.

Pois bem, Freud, em relação ao amor e ao ódio, falou de um termo chamado por Lacan de degradado, que é a ambivalência. Freud chegou até a conceber a ambivalência, e Lacan, em relação ao amor e ao ódio, fará um trabalho muito exaustivo e, a meu ver, muito importante. Em princípio, ele esclarece que as paixões são o amor, o ódio e a ignorância puras, sem mistura, que se dirigem

ao ser. E qual é o ser do *parlêtre*? Qual é o ser do sujeito? O único *dasein* heideggeriano que o sujeito tem é seu ser de objeto. É o único ser com qual o amor, sem amódio, o amor apenas amor, se dirige ao objeto que representa o próximo para devorá-lo: o amor puro é canibal. O amor isolado quer comer o ser do outro, o que deve fazer os psicanalistas pensarem e repensarem o que é a pulsão oral. A pulsão oral não envolve apenas a comida, o alimento, mas antes o ser do outro. É a oralidade: por exemplo, a histeria tem a ver com tentar devorar o ser do outro. Então, o amor apaixonado, o amor passional, tenta devorar, engolir, o ser do outro.

O ódio apaixonado tenta assassinar, tenta destruir, o ser do outro. Tenta aniquilar o objeto que está na raiz do outro. E a ignorância é, justamente, a tentativa de não saber nada, de não querer saber. A paixão da ignorância é não querer saber nada deste objeto totalmente diferente que habita no centro do outro, e que Freud – agora volto a Freud – chamou, vou dizê-lo em alemão, depois o traduzo: *Kern unseres Wesens*, núcleo do nosso ser. O amor sem mistura, amor-paixão, o ódio passional e a ignorância, apontam para o núcleo do ser do próximo, e em qualquer dos três casos o fazem desaparecer, pois no amor-paixão, sendo canibal, faço desaparecer o ser do outro; no ódio, a destruição faz desaparecer o ser do outro; e na ignorância, eu o ignoro e é como se ele não existisse.

Pois bem, há inicialmente em Lacan uma insistência na face imaginária do amor: fazer de dois, um. Mais tarde, Lacan – quando começar a pensar na união do amor e do ódio, de que falarei em breve – colocará uma face simbólica do amor, que é a que está naquela famosa frase: dar o que não se tem a quem não o é. Ou seja, é um amor que coloca em jogo a falta, e, portanto, uma face real do amor, que é oferecer a falta para acolher o outro,

o que é sobretudo fundamental para a maternidade, para acolher a criança que vem ao mundo, para que a criança tenha onde ser acolhido, onde se aninhar. Neste núcleo do nosso ser Lacan vai introduzir outro termo muito importante, que é o êxtimo. O êxtimo é, justamente, este nosso núcleo, é o mais íntimo e ao mesmo tempo o mais externo a nós, porque cada um de nós desconhece esse íntimo que nos constitui.

Bem, as paixões então tendem a ser mortalmente agressivas. Elas são mortalmente agressivas de um sujeito para outro, e quando se tornam coletivas – que são as situações em que o gênio de Freud descreveu como fenômeno de massas – elas se tornam mais do que agressivas, elas se tornam exterminadoras e assassinas. E lembro vocês com que maestria Freud as descreve: elas acontecem quando se depositam num líder exterior, ao mesmo tempo, um ideal no líder – ao invés de se procurar em si mesmo um traço unário que nos represente, nossos pontos de vista, ideais inatingíveis, mas ao menos um horizonte ao qual se tender na vida –, porque é mais fácil que o outro pense do que pensar com a nossa própria cabeça; e, ao mesmo tempo, no mesmo sujeito líder ou guru, deposita-se o objeto, aquele carço: projeta-se nesse sujeito o nosso carço. Nessa junção de ideal e objeto, o real da castração é tamponado ao máximo: quando uma massa humana se une em obediência a um líder, é quando ela se torna sinistramente odiadora do diferente, daquilo que seu líder indica.

Pode-se negar ao odiado a mera humanidade. Em Auschwitz, por exemplo, era proibido chamar os humanos judeus pelo seu nome: eram números. Nem se podia chamá-los como você, tu, ele: eles tinham que ser chamados de *Figuren*, figuras, ou *Schmutz*, trapos. Para poder assassiná-los naquele ódio em massa sem nenhum ressentimento, sem qualquer hesitação moral, eles não eram reconhecidos como humanos. Evidentemente que

eram! Mas, para aquela massa nazista, eles não eram vistos como humanos. No ódio, no limite do ódio, esquece-se que o odiado, mesmo que o odiemos, é humano. Houveram vários concílios papais, concílios do Vaticano, para decidir se os negros tinham alma, ou seja, se eram humanos; houveram outros concílios – do século XVI! Não estou falando de muito tempo – que tinham que decidir se nós mulheres tínhamos alma. Porque, digamos, se os negros não têm alma, eles podem ser usados como burros, animais de trabalho. E se as mulheres não têm alma, podem nos usar como objetos de gozo ou reprodução.

No ódio desatado do amor, o limite extremo é negar ao odiado o caráter humano. No limite extremo do amor, posso devorar o amado. Lacan, então, nos seminários em torno do seminário XX, em torno do *Encore*, mas um pouco antes, fala de um termo que definiria uma posição tolerável – falando de tolerância – de amor e ódio, que ele chama de *hainamoration*, amódio – ele não gosta do termo ambivalência. E ele deixa claro que todo amor, mesmo o amor mais exaltado, mesmo o amor mais amor, tem um ponto de ódio. Por que? Porque o amor-ódio, amódio, sempre nos remete ao *alter*, ao *alien* do outro, e respeita o *alien*, o *alter* do outro – respeita, mas incomoda. E esse incômodo do que não pode ser deglutido tem um ponto de ódio.

Ao mesmo tempo, por outro lado, Lacan lembra que todo ódio, por mais profundo que seja, não ignora que o odiado é humano e merece o que os gregos chamavam de leis do dique. As leis do dique são as leis que tornam humano o humano. Entre essas leis está lembrar-se que não se pode matar, que não se pode cometer incesto, e que é preciso enterrar os mortos. O matar ocorre quando se odeia, e os mortos não foram enterrados nos grandes massacres. Por exemplo, os massacres nazistas ou os desaparecimentos contemporâneos. Bem, o próximo,

de fato, é uma das três fontes do mal-estar na cultura definidas por Freud: uma é a natureza que não podemos dominar; dois, o corpo próprio, prometido à desintegração e à morte; e três, o próximo. Pois bem, no final de sua obra, Lacan acrescenta, para definir a psicose, outro tipo de forclusão – isso está no seminário XXIV, *L'insu que sait* etc.: ele diz que na psicose há forclusão do um do sentimento. É raro ouvir Lacan falar sobre sentimento. Para tanto, duas palavras: Lacan já havia introduzido no seminário XXII, RSI, o termo mentalidade, com o qual chamo meu último livro. *Mentalité*, em francês ouve-se *ment*, que quer dizer mentir, e mentalidade é definida como esta rede simbólico-imaginária que é impossível de se retirar para se alcançar o real. Ou seja, nunca se pode dizer do real sem *mentir*: mentir no sentido de sem uma cobertura de simbólico e imaginário. Ele introduz, então, a *mentalité*, a mentalidade como a capacidade do sujeito – se é que ele a tem – de manter unidos simbólico, imaginário e real, e a *sentimentalité*, a sentimentalidade, como a capacidade de manter unidos amor e ódio em amódio.

Lacan introduz a sentimentalidade no seminário *L'insu*, o vigésimo quarto, e comenta com toda razão que na psicose se foraclui o um do sentimento e se desarmam/ desmontam as paixões do amor devorador e do ódio assassino. Por exemplo, na paranoia em que o ódio assassino é atribuído ao outro durante o delírio persecutório – justificando a agressão assassina do paranoico; ou no erotomaníaco, onde o amor que se imagina ter é um amor devorador. Ou seja, Lacan, ao final de sua obra, acrescenta essa forclusão do um do sentimento. Nas neuroses, um traço de gravidade é a tendência do neurótico de desarmar o ódio e o amor, e de se tornar suscetível e tender a desarmar o ódio e o amor. Por exemplo, brigar com parceiros, amigos, filhos ou, em

transferência, com o analista, antes de qualquer detalhe, ou amar o analista assim que começa a análise.

Ou seja, a transferência passional é sempre um traço de gravidade. Volto a Freud: aquela transferência passional, seja erótica ou agressiva, Freud a chamava de resistência, e apenas chamou de transferência positiva a transferência erótica sublimada, ou seja, a transferência que Lacan chamaria de amódio. Ao final da análise, então, o sujeito teceu, está tecendo seu nó de amódio e aprendeu a tolerância. Não significa, de forma alguma, que ele aceite qualquer coisa: pelo contrário, plantado em seu traço, o sujeito não aceitará qualquer coisa, saberá conceber um Nome-do-Pai. Um Nome-do-Pai é, abro aspas, dizer não: ele saberá dizer não. Dizer não, é um Nome-do-Pai, mas sem ódio. E a tolerância, a firmeza sem ódio, o amódio, é algo a se conseguir no final da análise, mas um a um.

Como fazer na extensão? Há uma banda de Möbius, dizia Lacan, uma continuidade moebiana entre intenção e extensão. O analista, disse Lacan, deve renunciar se não estiver advertido sobre como está a subjetividade de sua época. Como o analista opera na extensão? Primeiro, o analista pode fazer uma leitura do que acontece na extensão: por exemplo, no que se chama de mundo globalizado – por exemplo, suponho Fukuyama, não sei se vocês lembram, O Fim da História? Francis Fukuyama, um japonês que escreveu um artigo muito famoso sobre como havíamos chegado a um capitalismo global, uma circulação de mercadorias e um bem-estar geral, *welfare*. Ele fez um artigo que dizia que havíamos chegado ao que Hegel chamou de fim da história. Não sei quanto tempo depois, começaram os ataques muçulmanos: do extremismo muçulmano, claro que não há “todos os muçulmanos”. Então, em um mundo globalizado, qual é o problema da globalização? Concordo totalmente, sem entender muito de

política ou economia, que obviamente se comercialize com o mundo, se viaje – eu amo viajar. Porém, que haja um mundo globalizado jamais esmagará as diferenças entre os povos, os traços singulares de cada cultura. Portanto, em um mundo que tende a esmagar as diferenças, e não a tolerá-las, haverá problemas. Mas o que um analista pode fazer na extensão? Pode fazer isso que vocês estão fazendo: pode publicar uma revista que fale sobre isso. Pode, se um paciente ou familiar consultá-los, atuar como analistas. Com todo o direito do mundo, pode escrever um livro, uma revista.

Mas, nesse sentido, o analista é como Ulisses. Entre as mil provas que Ulisses – Odisseu – teve que passar para voltar a Ítaca, ilha aonde queria retornar depois da Guerra de Tróia, há uma em particular. Numa margem de um estreito marítimo, havia o monstro Caríbdis, que produzia um enorme redemoinho e engolia os navios, afundava os marinheiros; e do outro lado estava Cila, um monstro de seis cabeças que comia os marinheiros. Bem, nós analistas estamos como Ulisses, entre Cila e Caríbdis: ou ficamos horrorizados com o que acontece – ah! Que horror! Que horror! –, ou nos colocamos a militar, fazer militância partidária. Em ambos os casos, afundamos, ou desaparecemos como analista. O que Ulisses fez, foi atar-se ao navio – não o das sereias, esse é outro –, deixar-se levar pelo turbilhão e sair pelo outro lado.

Acredito que temos que permanecer atados ao nosso barco psicanalítico e saber que só podemos fazer intervenções limitadas – muito limitadas – na extensão, que têm a ver não com militância partidária, mas com esse tipo de coisa que vocês fazem: por exemplo, a publicação ou alguma conferência. Porém, como analistas, a solução é um a um. E dessas paixões – por exemplo, as paixões políticas de querer aniquilar o inimigo – se sai um por

um; as paixões do racismo, um por um; as do machismo – ou do feminismo extremo, porque o feminismo extremo também existe – um a um; e assim por diante.

Acredito que tolerância é um nome da castração.

Bem, muito obrigado.

*Andrea Rossi:* Gostei muito de toda a reflexão que você nos apresenta Silvia,. Sobre a foraclusão do um do sentimento penso que temos vivido isso na nossa cultura. E que importante pensar como manter esses três afetos - amor, odio e ignorancia - anodados, como analistas eu fiquei pensando sobre como tudo isso nos atinge e na importância de avançarmos na nossa análise para não ficarmos tão tomados pelas paixões que circulam na cultura. E a minha pergunta é sobre os três afetos, amor, ódio, ignorância: o que acontece com a ignorância quando você traz toda essa reflexão sobre a divisão entre amor e ódio e essa foraclusão do sentimento?

*Silvia Amigo:* em princípio, como analista, cada caso é singular, você já sabe de cor, mas é importante ressaltar que o que se imputa ao outro, o que se imputa para odiá-lo, esse êxtimo, é uma parte de si mesmo que é melhor e mais cômodo atribuí-la ao estrangeiro. Estrangeiro não somente de outro país, mas também estrangeiro porque se é de outra cor, ou porque se é de outra classe social. Cada analista vai encontrar uma maneira de fazer o analisante que odeia ver a humanidade do odiado.

A intervenção de Lacan sobre a foraclusão do um do sentimento é muito importante, pois recoloca sobre a mesa um circuito muito pouco lembrado que Freud traz ao revisar o caso Schreber. Freud faz uma série de reversões nas quais, a respeito da relação de Schreber com o Dr. Flechsig, ele diz: “Eu não o amo, eu o odeio, porque ele me odeia”.

*Andrea Rossi:* É difícil, me parece, não ser tomado por essas paixões, não é? Ao mesmo tempo, o que se vê é que se trata de que ninguém ouve nada. É como se, ao se tentar falar sobre sua posição ou se interrogar para uma abertura ao diferente, quando a pessoa identifica que você pode ser de “outro” lado, não escuta mais. O que me angustia é como provocar, como atingir, como se fazer escutar? porque o que acontece é que muitas vezes nós analistas repetimos a mesma coisa, as mesmas palavras, mas já não são escutadas, porque fala-se a mesma coisa. Digamos que é uma crítica bem fundamentada, coerente, mas que não é escutada, pois quando o outro identifica que é algo do outro lado, seus ouvidos se fecham.

*Silvia Amigo:* Na Argentina acontece exatamente o mesmo. Para falar, assim como na análise, é preciso um momento e um espaço – eu não chamaria de transferencial, porque na vida cidadã não sei se é correto falar em transferência –, mas sim, é preciso esperar o momento no qual o outro possa escutar. Há momentos em que o outro não pode escutar. É desesperador, mas há momentos, e são momentos passionais, em que – você havia falado da paixão da ignorância – o outro não quer saber. Quando se detecta que o outro não quer saber, acredito que seja inútil falar e que é melhor silenciar, ou recorrer ao humor.

Na Argentina, o pouco que consegui romper a resistência a se escutar – não queria convencer ninguém a nada – foi com humor. Às vezes, pois não tenho que seja uma garantia. O cenário para falar é fundamental, tão fundamental quanto é na psicanálise o momento transferencial. É preciso aguardar o momento transferencial para a interpretação. Na *Polis*, na cidade, é preciso aguardar o cenário que seja propício. Freud dizia: a verdade está destinada a ser reprimida. Cito Freud. E Lacan disse: a verdade tem por destino a escória. Portanto, quando vai se dizer algo que

se considera ser verdade, é preciso montar um cenário favorável. Se não houver um cenário favorável, a mensagem não passa. Há em todo ser humano uma porcentagem maior ou menor de paixão da ignorância, muito mais se ele pertence a uma massa. Se pertence a uma massa inflamada, ele não quer saber. Então, prefiro ou não falar, ou tentar pela via do humor.

*Andrea Roa:* pensando sobre isso, do não falar e tomar a palavra pela via do humor, eu fico pensando: qual o papel da escola de psicanálise para não cair num movimento de massa? Como a escola pode se colocar? Não calar diante dos fatos, mas, ao mesmo tempo, se preservar de cair na massa?

*Silvia Amigo:* Não sei se você se refere à política partidária do país. Sinceramente, penso que o máximo que uma instituição psicanalítica pode fazer – e isso aconteceu na minha instituição –, é dizer que é a favor da democracia. Uma escola de psicanálise não pode apoiar um partido político ou outro partido político, porque não somos militantes partidários. Se começarmos a fazer militantes partidários, deixamos de ser psicanalistas. Cada psicanalista fará o que lhe parece que deve fazer, na votação, quando vai a uma manifestação, enquanto vive sua vida particular. Porém, nesse sentido, a posição analítica é muito clara: não somos guias dos espíritos, não somos guias da vida de ninguém. Nós direcionamos a cura, mas não dirigimos o paciente. Não direcionamos os analistas.

Parece-me absolutamente claro, para mim ao menos, que não podemos nos envolver nisso enquanto escola de psicanálise. Cada psicanalista, como cidadão, pode tomar as decisões que lhe pareçam melhor. Toda vez que a minha instituição recebeu um pedido para assinar a favor de um partido ou de outro, a única coisa que fez – é quase como uma fórmula – responder: a Escuela

Freudiana de Buenos Aires sempre apoiará a democracia. O que é verdade!

*Dayse Stoklos Malucelli:* eu queria dizer da importância do que a Silvia acabou de afirmar, porque nós, a Associação Psicanalítica, sofremos aqui muita pressão sobre essas histórias de partidos políticos, de posição partidária, e que – como nós não nos posicionamos em relação a um político, nem a partidos – fomos inclusive chamados de associação covarde, de não tomar um partido. Mas, a nossa posição foi sempre essa que você acabou de nos dizer, e acho que isso foi da maior importância, porque a gente sofreu muito com isso, ou seja: a gente é a favor da democracia, e não somos guias de nenhum paciente, de nenhuma pessoa.

*Silvia Amigo:* eu lhes conto o que penso, tomando por exemplo ninguém menos que Freud: vocês obviamente sabem que Freud era judeu, e sabem perfeitamente que Viena, onde ele vivia, foi anexada por Hitler sem qualquer resistência dos austríacos. Não apenas não se resistiu à anexação, como foram aplaudidos e festejados na entrada de Viena. Bem, a partir daquele momento, Freud corria um perigo mortal: ele, seus filhos e suas irmãs – e a família de suas irmãs e sobrinhos. Freud escreve *Psicologia das Massas e a Análise do Eu*. Ele jamais nomeou Hitler; jamais nomeou o Partido Nacional-Socialista. Ou seja: é por isso que seu texto, *Psicologia das Massas e a Análise do Eu*, tem validade até hoje. É obviamente um golpe na cabeça do nazismo e de qualquer ideologia totalitária, seja qual for. Porém, ele nunca se rebaixou a nomear os nazistas. E logo depois escreve Moisés e o Monoteísmo, ou seja, no momento em que o povo judeu estava sendo massacrado, ele escreve, que o pai do povo judeu é um egípcio. Quem decreta as tábuas da lei é um estrangeiro, porque o

que ele quer demonstrar é que o pai não é biológico, mas sempre um estrangeiro, um estrangeiro à dupla carnal mãe-filho.

Bem, é claro que lhe disseram que ele era um covarde, que era um traidor. Freud, que tinha muita dignidade, os diz: “bem, eu penso o seguinte: covardes para mim são aqueles que seguem as modas e tomam as decisões mais fáceis”. Não é fácil manter-se abstinente, e a abstinência não é covardia: a abstinência prepara o ato analítico. Tampouco é covardia dentro do consultório: a abstinência prepara as condições do ato.

*Fernando Roberto Ruthes*: obrigado por sua fala, eu estava elaborando várias questões, e quando você coloca isso, me parece – e eu queria ver se é mais ou menos por essa via – que a partir do momento em que uma instituição se coloca numa determinada posição – seja em relação a um partido, a um político –, ela faz um movimento de exclusão do outro, e então ela não trabalha com a diferença. Não estamos ilesos enquanto sujeitos, mas enquanto psicanálise, ela não é posicionável num lado, seja politicamente, seja quanto aos sujeitos também: questões de gênero, de raça, cor e religião. Nos tornamos excludentes também, assim como politicamente, quando nos posicionamos e se fecha a porta.

*Silvia Amigo*: Sim, é como é. Em Buenos Aires, suponho que isso também aconteça no Brasil, há muitos analistas que enchem suas redes sociais com postagens partidárias muito agressivas, e as redes sociais, embora os pacientes não estejam na lista de contatos ou amigos, eles as veem por outros agentes – eles vão à casa de um amigo, um contato. Eu sempre digo, é o mesmo que pendurar uma plaquinha na porta que diz: eu somente atendo pacientes que pertencem ao partido tal. Com efeito, é um movimento de exclusão, e eu não tenho a verdade universal ou qualquer coisa assim, mas eu não faço isso. Como disse o colega: é fechar a porta para quem pensa diferente. De fato, é intolerante.

# Espaço Indicações





# O contrato sexual

**Carole Pateman**

**Resenhado por: Marcia Salete Wisniewski Schaly<sup>1</sup>**

PATEMAN, C. (1988). **O contrato sexual**. Tradução: Mara Avancini. 4ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

Contrato sexual, contrato social e o sistema patriarcal moderno, são os principais temas desse livro, bastante atual, para pensar a questão da mulher e do feminino a partir das mudanças na cultura. A autora Carole Pateman discutiu os discursos e teorias tradicionais sobre o contrato social que ocultam parte da história, justamente aquela que sustenta a dominação dos homens sobre as mulheres. Aspecto esse que em sua dimensão política, legitima direitos nas formas de dominação e subordinação, presentes em nosso cotidiano, como as relações-contratos de: casamento, cidadania, barriga de aluguel, trabalho, prostituição, entre outros. A autora vai explanando e indagando os discursos feministas sobre esses temas.

Carole Pateman é filósofa britânica e cientista política, nascida em 1940 em Sussex (Inglaterra). Estuda teoria política e

---

1 **Marcia Salete Wisniewski Schaly:** Psicanalista, Psicóloga e professora; Graduada em Psicologia (UFPR); Mestre em Educação (UTP-PR); Especialista em Psicopatologia da Infância e Adolescência (SOCIESC); Especialista em Psicologia Clínica e Hospitalar (CRP/08); Especialista em Magistério com concentração em metodologia de ensino (IBPEX); Membro da Associação Psicanalítica de Curitiba (APC); docente em cursos de pós-graduação; Prática clínica e supervisão em consultório particular. Contato: marciasws@hotmail.com.

feminismo, faz críticas ao liberalismo e às formas de dominação e ao contrato social entre gêneros – “Contrato sexual”. Trabalhou no Conselho Sueco de pesquisa em Ciências humanas e Sociais e nas universidades de Stanford e Princeton. Exerceu funções como professora na Universidade de Sidney, na Austrália, entre 1980 e 1989 e na Universidade da Califórnia (UCLA), em 1990.

Esta obra reinterpreta a teoria política em questões fundamentais como a liberdade, igualdade e subordinação, de forma original e com uma rica fundamentação. A autora retoma teóricos dos séculos XVII e XVIII, argumentando que houve um silenciamento deles sobre o contrato sexual que sustenta o patriarcado moderno em seu pacto fraterno, nos seguintes aspectos: o contrato social, o contrato sexual e o contrato da escravidão que autoriza a dominação do homem branco sobre o negro. A autora pontua narrativas de teóricos como: Locke, Pufendorf, Rousseau, Hobbes, Hegel, James Buchanan, Filmer, John Rawls, entre outros. Também vai discutir a gênese do patriarcalismo a partir de Freud e Claude Lévi-Strauss.

Pateman parte do princípio de que o contrato sexual é uma dimensão abortada da teoria do contrato e seu objetivo é denunciar e romper com as censuras e mutilações teóricas, principalmente sobre o contrato de casamento, ampliando a discussão ao se referir às características dos contratos modernos.

O livro conta com 8 capítulos: Fazendo contratos; Confusões patriarcais; O contrato, o indivíduo e a escravidão; A gênese, os pais e a liberdade política dos filhos; As mulheres, os escravos e os escravos assalariados; O feminismo e o contrato de casamento; O que há de errado com a prostituição? e “O fim da história?”.

Embora o livro se apresente em capítulos, optamos por trazer algumas das ideias principais da autora, tecendo comentários sobre o deslocamento do feminino, segundo a Psicanálise,

entendendo que a articulação entre Psicanálise, cultura e política é sempre necessária para alcançar a subjetividade em cada época.

Pateman foi demonstrando como o contrato original reorganizou a sociedade em sociedade civil e de direito político, partir de um pacto sexual-social, embora suprimindo o contrato sexual, onde “metade do acordo está faltando” (p. 13). O direito político é legitimado e passa a ser um “direito patriarcal ou instância sexual” (p.13), ou seja, trata-se do poder dos homens sobre as mulheres. O Estado passa a garantir a liberdade civil e equitativa a partir de uma ordem social patriarcal. Entretanto, a suposta “liberdade universal” (ficção política) diz respeito somente aos homens, ampliando seu direito político sobre as mulheres e seus corpos, via acesso sexual corriqueiro – a sujeição da mulher e a liberdade do homem derivados e legitimados pelo contrato original. O questionamento que não é abordado pelo livro e que poderíamos contribuir, é por que a cultura criou tantos artificios para conter a mulher e sua sexualidade? O que de tão ameaçador há na mulher que precisava ser contido?

Nas teorias debatidas pela autora, o patriarcado é muitas vezes, interpretado como regime paterno ou direito paterno, porém para ela, o direito paterno é somente uma face do poder patriarcal, pois o direito do homem (marido) sobre a mulher (esposa) teria sido anterior ao direito do pai sobre os filhos. Argumenta ainda que na sociedade civil moderna, perde sua estruturação no poder dos pais ou parentesco, configurando-se na subordinação das mulheres aos homens, porém como homens – o patriarcado fraternal moderno – assim, propaga-se o direito patriarcal em toda sociedade civil, ou seja, a liberdade civil passa a depender do direito patriarcal e, nesta perspectiva, o domínio público e a esfera privada sofrem alterações.

Um tema, bastante debatido pela autora, refere-se às questões apontadas pelos teóricos sobre as diferenças sexuais, e o que caracteriza o “ser macho” e “ser fêmea”, na condição de que somente os homens teriam atributos “naturais” para participarem dos contratos, enquanto indivíduos que nascem livres: “A diferença sexual é uma diferença política; a diferença sexual é a diferença entre liberdade e sujeição. (...) As mulheres são objeto do contrato” (p. 19). A nossa sociedade estaria, portanto, marcada pela concepção patriarcal sobre diferença sexual e sujeição conjugal, que nas jurisdições de muitos países, nos anos 80 ainda mantinham a condição legal de que a mulher era propriedade do homem e, nesse sentido, o estupro dentro do casamento foi negligenciado – uma negação sustentada pelo Estado: “dominação e subordinação civil” (p. 21), onde liberdade vira obediência com garantia de uma suposta proteção. Neste sentido, as feministas se ocuparam com o contrato de casamento e de prostituição, e os socialistas com os contratos de trabalho e a desigualdade envolvida entre as partes, com base na teoria marxista.

Aqui, poderíamos retomar essa questão da diferença sexual. A autora fez muitas críticas a Freud, sobre sua posição sobre as mulheres, mas não abordou as contribuições mais preciosas de Freud sobre a sexualidade infantil e construção do psiquismo para pensar a diferença sexual. Entre os principais textos, citamos: *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1901-1905) e *Algumas consequências Psíquicas da diferença anatômica entre os sexos* (1923-1925). Freud escreveu sobre a sexualidade infantil e fantasias infantis, com as quais a criança tenta compreender a diferença sexual em meio às dificuldades de elaborar algo que é simbólico: a castração. A castração como um efeito subjetivante de constituição do sujeito. Para tal, Freud se utiliza do Complexo de Édipo para descrever os processos de identificação

do menino e da menina em relação às figuras materna e paterna, onde a criança direciona para uma das figuras o seu desejo, sentindo o outro genitor como seu rival. Justamente na travessia do Édipo que a criança se dará conta das diferenças genitais, gerando sentimentos como ameaça de castração e desprezo em relação ao outro sexo (no menino) e sentimentos de inferioridade (nas meninas), segundo Freud (1925). É importante destacar que as questões sobre a diferença sexual e o enigma sobre a mulher permaneceram em discussões e revisões, durante toda obra freudiana. Já para Lacan, em torno de 1949, a partir de sua leitura sobre os trabalhos de Lévi-Strauss, “introduziu na psicanálise uma teoria do significante que deslocou o estudo da configuração edipiana para o campo da reflexão sobre o lugar dos sistemas de parentesco no inconsciente do sujeito” (Roudinesco; Plon, 1998, p.578).

Portanto, a partir do exposto, a elaboração simbólica das diferenças sexuais se dará de forma singular para cada sujeito. Assim, para a psicanálise não se trata de ter ou não ter algo (relacionado aos órgãos genitais) para falarmos das diferenças, pois a diferença não está no biológico. A diferença não está entre o sexo masculino e o sexo feminino, mas no modo de subjetivação e isso se dá a partir do sujeito e de suas vivências na cultura, portanto aí estaria o seu caráter político, incidindo na subjetividade.

Na sequência do livro, a complexidade surge, segundo a autora, ao retomar o patriarcado, principalmente porque não há um consenso dos teóricos e das feministas em relação ao significado de patriarcado: ora sendo interpretado literalmente como direito paterno, ora como sujeição do status, conforme o contexto sócio-histórico em que foram avaliados. Destacamos que, segundo dicionário de psicanálise, “Patriarcado é um sistema político-jurídico, em que a autoridade e os direitos sobre os bens

e as pessoas obedecem a uma regra de filiação, chamada patri-linear, isto é, concentram-se nas mãos do homem que ocupa a posição de pai fundador, sobretudo nas sociedades ocidentais” (Roudinesco; Plon, 1998, p. 577). O patriarcado, assim como o culturalismo e a diferença sexual, atravessam toda a história da psicanálise, entretanto, para Freud, essas questões se localizam “como uma reflexão mais estrutural em torno do complexo de Édipo (p. 578).

Há também uma ambivalência sobre o conceito de “sociedade civil”: ordem civil que substitui o absolutismo político ou sociedade civil que substitui o estado natural. O termo civil também se refere à esfera pública - mundo público (legislação civil da igualdade civil, da liberdade, do indivíduo e do contrato), separando-se da esfera privada. Neste caso, observamos que a esfera privada é a feminina (lugar natural da mulher - sujeição) e a esfera pública (civil) é masculina, sendo que o significado de uma somente se dá a partir da outra, ou seja, o significado de indivíduo civilmente livre e produtor de contrato se manifesta via sujeição das mulheres (na esfera privada) – aspecto esse ignorado pelos ativistas e teóricos políticos. Freud, segundo a autora, pontuou mais de uma versão do contrato original, sendo pouco mencionado pelos teóricos políticos. Freud dizia que o poder sobre as mulheres estaria em questão muito antes do acordo/pacto original ser efetuado.

Acrescentamos que essa questão da esfera privada e pública, surge principalmente com o surgimento da família burguesa e o lugar em que foi colocada a mulher. Quando a sociedade era organizada pela corte (Reis e Rainhas) a sociedade era muito estratificada e a figura de um monarca, no lugar de pai imaginário atuava de forma simbólica sobre os indivíduos e a própria condição do nascimento definia o destino das pessoas (reis,

súditos, clero, soldados, entre outros). Com a mudança da sociedade organizada de forma mais horizontalizada, os códigos da cultura mudam e os sujeitos precisam fazer uma leitura desses novos códigos, inclusive de condutas. A mulher passa a cuidar da família e dos filhos, entretanto isso também sofre alteração a partir das duas Grandes Guerras, quando a mulher começa a trabalhar e ter mais acesso à leitura e alfabetização (Kehl, 2008).

Outra questão debatida pela autora é a ideia de que os indivíduos são proprietários em sua própria pessoa, mesmo as mulheres, o que põs em questão o patriarcado. Entretanto, os movimentos feministas foram além de reivindicar as questões sobre propriedade, mas reivindicavam a liberdade civil como mulheres e não como sombra dos homens. As feministas não perceberam que justamente o indivíduo como proprietário, é o aspecto em torno do qual o patriarcado moderno se sustenta, alicerçando a doutrina contratual, onde reina a subordinação e a exploração (contratos de escravidão legitimados e difusão da imagem da mulher como objeto de poder do homem, são exemplos, sob a lógica do capital).

Assim, o contrato tornou-se um mecanismo onde o direito sexual dos homens é renovado e mantido. Pateman, diz que na história, desde o século XVII, os mecanismos sociais de subordinação autorizaram, legitimaram o homem a se apropriar do corpo e da vida das mulheres – relações de poder dentro do campo da sexualidade.

Neste sentido, podemos pensar sobre o machismo estrutural, tão presente até hoje na nossa sociedade, visto que no patriarcado moderno, a diferença entre os sexos é compreendida como essencialmente natural, ou seja, uma ordem da natureza. Podemos pensar como esses argumentos são frágeis e aqui poderíamos questionar qual a fantasia masculina, e no que os homens

se sentem ameaçados para sustentarem até hoje esse machismo estrutural e esse modelo que impõe restrições eróticas para a mulher. Afinal, são modelos em que a mulher é que precisa se manter fiel e não o homem, assim como é a mulher que corre riscos e pode ser morta (feminicídio). Talvez, como argumenta Maria Rita Kehl, a fantasia masculina dessa desmesura da mulher, daquela que não tem nada a perder, fosse sempre assustadora para os homens, pois a mulher é marcada pela falta do órgão sexual masculino (Freud, 1925). Então, se não tem, não teria nada a perder, diz Kehl e, assim se cria a estilística erótica da mulher freudiana. O homem, fica ameaçado de perder o que só é potencial se for chancelado pelo desejo da mulher (Kehl, 2008). Portanto, a cultura recobre a angústia de castração (principalmente masculina) com uma série de valores, padrões, códigos de conduta moral e religiosos, entre outros.

Retomando a visão do movimento feminista, Pateman falou dos riscos dos argumentos feministas que se referem às mulheres, como mulheres, reforçarem justamente a ordem patriarcal à natureza, eliminando todas as referências às diferenças, sendo que não parece ser a melhor opção. Levantar bandeiras contra a sujeição das mulheres, na mesma linha em que atuam os contratos, acaba consolidando a forma moderna de direito patriarcal. Eis o ponto crucial alertado pela autora. Pateman ainda argumenta que: “A história do contrato social é sobre relações (hétero) sexuais e sobre mulheres personificadas como seres sexuais” (p. 33), ou seja, a história ajuda na compreensão sobre os mecanismos utilizados pelos homens para garantir os direitos de acesso sexual sobre o corpo das mulheres. Corpo esse que se constituiu em mercadoria no mercado capitalista (a indústria da prostituição) e em espetacularização da imagem corporal, segundo Guy

Debord (1967), ao se referir à sociedade do espetáculo, onde as relações sociais passaram a ser mediadas pelas imagens.

Neste sentido, pode-se afirmar que a história do contrato e os debates teóricos contribuíram para uma construção social e política, mesmo que patriarcal, em relação ao significado do que é ser feminino e do que é ser masculino na sociedade moderna, assim como atuaram na construção das categorias: esposas, maridos, mulheres das classes operárias, damas de companhia, entre outras.

Pateman, ao longo do livro, foi retomando a questão do feminino e a crítica das feministas ao contrato de casamento, sob a alegação de que ele sempre priorizou uma parte, ou seja, o marido e seu exercício de poder sobre as esposas, comparado a um senhor de escravos, predominando resquícios desse poder até 1980. Poderíamos pontuar que em algumas culturas isso ainda permanece. Discussões mais atuais sobre essa relação contratual entre marido e esposa, em nossa cultura, instituem a propriedade exclusiva sexual do parceiro, desde que o acordo seja em culturas monogâmicas. A autora foi mostrando as contradições desse modelo de contrato, pois ele não institui a mulher na vida civil, nas mesmas condições que o homem, havendo diferenças também quando nos referimos à classe social a que a mulher pertence, pois, mulheres de classes sociais mais elevadas têm maior poder de negociação, em função de sua autonomia profissional e financeira.

O contrato de casamento apresenta características diferentes dos outros contratos sociais, o que suscitou diferentes entendimentos, conforme os filósofos (Thompson, Mill, Kant, Hegel, Hobbes) e feministas que se dedicaram ao tema. Lembrando que em nossa cultura não há um contrato de casamento para ser assinado, mas ele encontra-se codificado em leis que governam a

vida familiar e o casamento. Lembramos que mais recentemente temos o contrato de união estável no Brasil, segundo o Código Civil de 2002, (com base na Lei nº 9.278/96) que estabelece as relações patrimoniais e questões de convivência entre as partes.

Pateman, ainda em relação ao contrato sexual e casamento, relembra que um acordo verbal ou mesmo uma assinatura não garante a validação do casamento, pois para ser consumado, o ato sexual precisaria existir. Depois do marido ter exercido seu direito conjugal, o contrato de casamento estaria efetivado. Podemos dizer que o ato sexual era a assinatura, de fato. A partir disso o marido assumia a obrigação masculina de sustentar a esposa, e a mulher a obrigação de servir ao marido (inclusive sexualmente, conforme a vontade dele).

Neste sentido, a mulher era considerada uma mercadoria ou uma propriedade do marido, ou ainda, uma escrava – direito patriarcal dos homens sobre as mulheres. As feministas lutaram muito por reformas legais que pudessem mudar esse contexto, introduzindo o conceito de “gênero neutro” para eliminar diferenças sexuais e transformar a masculinidade e feminilidade irrelevantes politicamente.

Com a “revolução sexual”, ampliam-se os argumentos e formas de contratos para héteros e homossexuais. Entretanto, o casamento ainda é um dos meios aceitáveis socialmente para os homens terem acesso ao corpo das mulheres, segundo a autora.

O outro meio é o da prostituição, que se tornou um comércio milionário de acesso sexual aos corpos das mulheres, à luz do capitalismo. Assim, o direito patriarcal corporificado na liberdade de realizar contratos, se mantém: “Como outras formas de empreendimento capitalista a prostituição é encarada como um empreendimento privado, e o contrato entre cliente e prostituta é visto como um acordo particular entre comprador e vendedor” (p.

291). Segue uma escala industrial, mantida em sigilo, pois pode significar a ruína de homens políticos e empresários, na maioria casados. Segundo Simone de Beauvoir, citada por Pateman, a esposa também é uma “contratada” para servir sexualmente o marido uma vida toda, e a prostituta pode servir vários clientes que pagam pelos seus serviços. Uma é protegida por um homem, a outra pode sofrer a violência e tirania de cada cliente.

O discurso atual de algumas feministas é que a prostituição é um trabalho assalariado como outro qualquer e defendem que as prostitutas possam ter seus direitos sindicais instituídos para ter controle sobre a indústria sexual (proteção segura). Entretanto, segundo Pateman, isso depende dos pressupostos para a defesa contratualista da prostituição para prestar os serviços sexuais e não a venda de seu corpo. Outras feministas mantêm a visão de que a prostituta é um exemplo da sujeição das mulheres aos homens. Atualmente também tem sido mais frequente a prostituição de homens: o chamado gigolô e os prostitutas homossexuais, entretanto sem o mesmo significado social que a prostituição das mulheres.

Pateman chama a atenção para a prostituição como um fenômeno histórico e cultural cujas causas são bem conhecidas, entre elas: a venda do corpo por parte de mulheres carentes em troca de comida para elas e seus filhos (a escravidão branca); os bordéis para as tropas dos exércitos e para os descobridores brancos; o vício em drogas e a prostituição para conseguir mais drogas. E mais recentemente a prostituição de mulheres jovens, muitas universitárias, que ganham muito dinheiro em curto tempo.

A prostituição já passou por várias questões, entre elas: a estruturação proletarizada; a condição de que prostitutas eram forçadas a entrar para as redes de crime organizado ou eram submetidas aos cáftens (cafetão); os diversos tipos de violência

envolvidos e mais atualmente: a indústria internacional do sexo (excursões sexuais a países de terceiro mundo), difundido pelas redes sociais, inclusive envolvendo meninas adolescentes (no Brasil isso é bem comum) e tráfico de mulheres. Nesse sentido, a autora argumenta que o contrato de prostituição é um outro exemplo de um contrato sexual original que envolve uma complexidade de questões: exploração, alienação, questões morais e religiosas, busca de prazeres, mercado capitalista e relações de trabalho, entre outros.

Nessa mesma linha de raciocínio sobre o uso do corpo da mulher, surge uma nova modalidade de contrato: a “gestação de aluguel” (p.318), onde contrata-se o ventre de uma mulher para gestar um bebê para outra família, renunciando em favor do pai genético (que forneceu seu esperma): “O contrato de gestação de aluguel também assinala que uma importante transformação do patriarcado moderno pode estar acontecendo. O direito paterno está ressurgindo numa forma nova, contratual” (p.318).

Portanto, segundo a autora, uma nova forma de utilização do corpo da mulher pelo homem – um novo contrato sexual, sob o mercado capitalista (no Brasil, a gestação de aluguel não tem suporte legal, se envolver uma troca comercial, mas é permitida a barriga solidária, sem fins lucrativos – um mercado por compaixão pelas mulheres estéreis). Esse tipo de contrato de “aluguel” torna irrelevante a maternidade e não considera a “alugada” como mãe, assim como nega que haja uma comercialização de bebês. Esse contrato considera a utilização do que a mulher tem em seu ventre e o bebê é propriedade do homem (ou casal) que contratou esse serviço da produtora, que não tem direito sobre a mercadoria produzida. Certamente é um tema polêmico, que a autora compara ao contrato de prostituição, porém com uso indireto ao corpo da mulher: “O contrato de gestação de aluguel

é outro meio pelo qual a subordinação patriarcal é assegurada. (...) em última análise, o filho é do pai” (p. 325-326). E os homens agora podem ter certeza da paternidade, pois antes dependiam do testemunho da mulher ou, mais tarde, exame genético de paternidade.

Quanto à feminilidade, ainda hoje tem sido interpretada como inseparável da maternidade – questão fortemente debatida pelas feministas. Agora, em relação à barriga de aluguel, a maternidade é separada da feminilidade e isso amplia o direito patriarcal, sendo também uma outra variante da contradição da escravidão, segundo Pateman. Temas como esse foram analisados pela autora ainda no início do contrato de barriga de aluguel e hoje, certamente novas análises podem ser feitas.

Atualmente, algumas mulheres também fazem a opção de serem mães solteiras e de terem filhos via inseminação artificial, sem terem relações sexuais com homens, isso tem acontecido também enquanto escolha de casais homoafetivos femininos.

Nesse sentido, saímos dos três destinos possíveis para a feminilidade, como dizia Freud: a maternidade, a frigidez e a histeria. Configuração essa, do início da modernidade, que já não se sustenta mais. Os filhos já não são o único falo de uma mulher – a mulher dos filhos edipianos. Assim, a histérica e a mulher que fixava seus filhos a si mesma, ocupavam lugares em que a cultura as colocou. Grandes transformações sociais e a pílula anticoncepcional, separaram o destino erótico da mulher, de seu destino de mãe. A vida sexual da mulher hoje, principalmente no ocidente, independe de sua escolha ou não pela maternidade. A construção da feminilidade da mulher contemporânea vai encontrando novos caminhos pelos destinos para a libido, a partir do que a cultura oferece – destinos diversificados para a libido, segundo Kehl (2008).

A autora cuidadosamente discutiu os argumentos das feministas, assim como dos teóricos contratualistas, ao longo desse livro. Demonstrou como a sujeição das mulheres, nos contratos, se multiplicam em paradoxos, contradições e ironias. Ainda poderíamos problematizar essas questões, articulando com a pesquisa desenvolvida por Oyèrónké Oyèwùmì, em seu livro “A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero (2021), que justamente, a partir da cultura Iorubá, vai mostrar as contradições das teorias feministas de que o gênero é socialmente construído e que a subordinação das mulheres é universal. A autora faz críticas à tradição ocidental que teria alterado o modo como os estudos de gênero se articulam, ampliando o campo de análise, apresentando uma nova maneira de compreender o papel social da mulher a partir do contexto e referências africanas, onde os conceitos baseados no corpo (determinismo biológico) não eram centrais na constituição e organização da sociedade iorubás, antes do processo de colonização e influências ocidentais. Tal problematização e estudo requer mais pesquisas investigativas do campo.

Segundo Pateman, e acrescentaria segundo a Psicanálise, resta saber o que ainda está por vir: a mulher e seus desejos, sem que isso continue levando algumas para um destino trágico.

Para finalizar, consideramos relevantes e fundamentais as contribuições desse livro e o recomendamos para todos os interessados em conhecer mais sobre os vários temas apresentados e suas contradições, minuciosamente analisadas por Pateman.

## Referências

- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Tradução: Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- FREUD, S. (1925). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: FREUD S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD. S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- FREUD, S. (1923). O Ego e o Id. In: FREUD S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v.19. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- KEHL, M. R. **Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Imago, 2008.
- OYÈWÚMÍ, O. (1997). **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. Tradução: Wanderson Flor do Nascimento. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- PATEMAN, C. (1988). **O contrato sexual**. Tradução: Mara Avancini. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.
- ROUDINESCO, E.; Plon, M. **Dicionário de Psicanálise**. Tradução: Vera Ribeiro e Lucy Magalhaes. Supervisão da edição brasileira Marco Antônio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.



# REVISTAS DA ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE CURITIBA

## VOLUMES JÁ PUBLICADOS

### **Nº 01 – VIOLÊNCIA**

*Alfredo Jerusalinsky, Leda Fischer Bernardino, Maria Cristina Kupfer, Rodolpho Ruffino, Rosa Marini Mariotto, Rosane Weber Licht, Rute Stein Carvalho, Ricardo Goldenberg.*

### **Nº 02 – FAMÍLIA E MODERNIDADE**

*Angela do Rio Teixeira, Caterina Koltai, Danièle Epstein, Leda Fischer Bernardino, Marcus do Rio Teixeira, Patrick de Neuter, Contardo Calligaris, Rute Stein Carvalho, Alfredo Jerusalinsky, Maria Cristina Kupfer, Rosane Weber Licht.*

### **Nº 03 – O HOMEM E A TECNOLOGIA**

*Alfredo Jerusalinsky, Edson André de Sousa, Maria Ida Fontenelle, Martine Lerude, Oscar Cesarotto, Ricardo Goldenberg, Rosa Marini Mariotto, Leda Fischer Bernardino, Rosane Weber Licht, Agostinho Marques Neto, Ivan Corrêa.*

### **Nº 04 – PSICANÁLISE E CLÍNICA DE BEBÊS**

*Alfredo Jerusalinsky, Claude Boukobza, Cláudia Rohenkohl e Daniella Gonçalves, Daniele Wanderley, Domingos Infante, Leda Fischer Bernardino, Marie-Christine Laznik, Nicole Strickman, Patrick De Neuter, Alexa Chaves, Dayse Amorim e Roseane Lima, Jaqueline Sanson, Marina Fernandes, Henry Frignet.*

### **Nº 05 – ENVELHECIMENTO: UMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA**

*Alfredo Jerusalinsky, Delia Catullo Goldfarb, Flávia M. de Paula Soares, Leda Fischer Bernardino, Marie-Christine Laznik, Dayse Stoklos*

*Malucelli, Flávia Boni Licht e Adriana de Almeida Prado, Luciana Amaral, Bernadete Hoefel, Rosane Weber Licht.*

#### **Nº 06 – PSICANALISAR HOJE**

*Charles Melman, Enrique Milan, Geselda Baratto, Jean-Jacques Rassial, Leda Fischer Bernardino, Rosa Marini Mariotto, Serge Lesourd, Lucia Marly Verdum de Almeida, Rosane Weber Licht, Denise Pliskievski Bueno e Juratirz Salete Ribas, Leandro Alves Rodrigues dos Santos.*

#### **Nº 07 – O AMOR NOS TEMPOS DA ANÁLISE**

*Alfredo Jerusalinsky, Andrea Silvana Rossi, Angela Baptista do Rio Teixeira, Eliane Michelini Marraccini, Isidoro Vegh, Jean-Jacques Rassial, Maria Cecilia Garcez, Marie-Christine Laznik, Sándor Ferenczi, Marcus do Rio Teixeira, Wael de Oliveira, Geselda Baratto e Rosane L. V. de Macedo, Leda Mariza Fischer Bernardino, Rosa Marini Mariotto.*

#### **Nº 08 – O PSICANALISTA E O ATO**

*Alfredo Jerusalinsky, Dayse Stoklos Malucelli, Leda Mariza Fischer Bernardino, Maria Aparecida de Luna Pedrosa, Maria Carolina Serafim, Tânia Mara Galeazzi Stoppa e Maria Cristina Kupfer.*

#### **Nº 09 – O TOQUE ESCURO DO OBJETO**

*Clara Cruglak, Dayse Stoklos Malucelli, Eduardo Ribeiro da Fonseca, Frédéric Pellion, Karina Codeço Barone, Wael de Oliveira, Rosa Marini Mariotto, Geselda Baratto e Michele Kamers.*

#### **Nº 10 – LENDO E DANDO A LER A PSICOSSOMÁTICA**

*Andrea de Castro Rôa d'Haese, Bernard Moullé, Márcia Yuri Funabashi, Maria Lúcia Maranhão Bezerra, Wael de Oliveira, Alfredo Jerusalinsky, Marie Christine Laznik, Angela Vorcaro, Julio Cesar Viacelli e Leda Mariza Fischer Bernardino.*

#### **Nº 11 – INSCREVER, INTERPRETAR E ESCREVER**

*Cristina Helena Guimarães Sartori, Ilana Katz Zagoury Fragelli, Mauro Mendes Dias, Rosa Marini Mariotto e Rosana Benine, Bernardo*

*Gandulla, Wael de Oliveira, Leandro Alves Rodrigues dos Santos, Maribél de Salles de Melo e Thayane Carolina de Almeida.*

#### **Nº 12 – ESCRITOS SOBRE A PSICOSE**

*Alfredo Jerusalinsky, Angela Vorcaro e Viviane Veras, Camila Zoschke, Dayse Stoklos Malucelli, Eduardo Ribeiro da Fonseca, Mauro Mendes Dias, Marcus do Rio Teixeira, Mayla Di Martino, Sonia Motta e Melania Salete Medeiros.*

#### **Nº 13 – PSICANÁLISE E ARTE**

*Edson de Sousa, Elisabeth Bittencourt, Nelson da Silva Jr., Sérgio Telles, Tânia Rivera, Rosângela Nascimento, Mauro Mendes Dias, Wael de Oliveira, Ângela Vorcaro e Viviane Veras e Andréa d'Haese.*

#### **Nº 14 – A FEMINILIDADE NAS DIMENSÕES REAL, SIMBÓLICA E IMAGINÁRIA**

*Consuelo Muniz Escudero e Leda Mariza Fischer Bernardino, Denise Maurano, Maria Rita Kehl, Marie Christine Laznik, Ricardo Goldenberg, Vera Tubino, Denise Stoklos, Leticia Paes de Barros e Leda Mariza Fischer Bernardino, Wael de Oliveira, Rosa Marini Mariotto e Marcelo Oliveira.*

#### **Nº 15 – O DESEJO E SUA INTERPRETAÇÃO**

*Benjamin Domb, Dayse Stoklos Malucelli, Jean Jacques Rassial, Leda Mariza Fischer Bernardino, Patrícia dos Santos Lage, Ricardo Goldenberg, Valéria Ghisi, Eduardo Ribeiro da Fonseca, Wael de Oliveira, Rosa Marini Mariotto.*

#### **Nº 16 – O DESEJO: EDIÇÃO COMEMORATIVA DOS 10 ANOS DA APC**

*Leda Mariza Fischer Bernardino, Lucia Marly Verdum de Almeida, Maria Aparecida Luna Pedrosa, Tânia Maria Galeazzi Stoppa, Wael de Oliveira, Wagner Rengel, Mauro Mendes Dias, Sandra Tellier Motti, Diana Lichtenstein Corso e Mário Corso, e Wagner Rengel.*

#### **Nº 17 – ADOLESCÊNCIA**

*Adriana Kosdra Rotta, Ana Costa, Geselda Baratto, Jean-Jacques Tyszler, Laís Vilela Paquer e Leda Mariza Fischer Bernardino, Maria Augusta de Mendonça Guimarães e Suely do Rocio Kosiak Poitevin, Wael de Oliveira, Márcia Regina Motta, Marina Siqueira Campos e Renata de Siqueira Vieira, Adriana Tobis Fraga Thomasi, Rosa Marini Mariotto e Wael de Oliveira.*

#### **Nº 18 – A DROGA DEVIDA**

*Alfredo Jerusalinsky, Cyro Marcos da Silva, Eduardo Ely Mendes Ribeiro, Jean-Louis Chassaing, Juliana A. Cunha, Renata Aguiar Carrara de Melo e Fernando Teixeira Grossi, Ricardo Goldenberg, Leda Mariza Fischer Bernardino e Rosa Marini Mariotto.*

#### **Nº 19 – O RELATO DO ATO**

*Dominique Touchon Fingermann, Elisabeth Bittencourt, Mauro Mendes Dias, Alfredo Jerusalinsky, Ricardo Goldenberg, Wael de Oliveira, Sérgio Scotti, Dayse Stoklos Malucelli.*

#### **Nº 20 – PSICANÁLISE: INVESTIGAÇÃO E PESQUISA**

*Alfredo Jerusalinsky, Angela Vorcaro, Christian Ingo Lenz Dunker, Lia de Freitas Navegantes, Luciano Elia, Mayla Di Martino, Wael de Oliveira, Leda Mariza Fischer Bernardino e Rosa Marini Mariotto, Valéria Codato Antonio Silva e Viviana Velasco Martinez, Maria Carolina Schaedler.*

#### **Nº 21 – A LOUCURA**

*Edson Luiz André de Sousa, Ricardo Goldenberg, Helenice Rodrigues, Gabriela Xavier de Araújo, Jane Cherem Côte Bezerra, Cristiane Ganzert e Gisleine Massuda, Wael de Oliveira.*

#### **Nº 22 – AUTISMO**

*Alfredo Jerusalinsky, Angela Vorcaro e Mônia M. Farid Rahme, Claudia Mascarenhas Fernandes, Daniele de Brito Wanderley, Julieta Jerusalinsky, Sonia Motta, Dominique Fingermann, Nelson da Silva Jr.,*

*Marie Christine Laznik, Maria Eugênia Pesaro e Gabriela Xavier de Araújo.*

#### **Nº 23 – A CRIANÇA DE CADA DIA**

*Andréia Viana e Angela Vorcaro, Angela Baggio Lorenz, Ana Beatriz Albernaz, Leda Mariza F. Bernardino, Maria Angélica Tosi Ferreira, Renata Bakker da Silveira e Rosa Marini Mariotto, Clarice W. Zotti, Denise P. Bueno, Rejinaldo J. Chiaradia e Wagner Rengel, Inês Catão, Yara Faria do Amaral, Wael de Oliveira, Leando Alves R. dos Santos, Madalena B. de Lima.*

#### **Nº 24 – ABUSOS NA INFÂNCIA**

*Adriana Kosdra Rotta, Alexandre Morais da Rosa, Alfredo Jerusalinsky, Elisabeth Bitten-court, Giselle de Souza. Santos, Lia de Freitas Navegantes, Lúcia Alves Mees, Rosa M. M. Mariotto e Maria Luiza K. de Bueno Gizzi, Wagner Rengel, Jane Cherem C. Bezerra da Silva, Débora P. Nemer Pinheiro.*

#### **Nº 25 – A DIREÇÃO DA CLÍNICA**

*Christian Ingo Lenz Dunker, Leandro Alves Rodrigues dos Santos, Leomara de Araújo Bürgel, Maria Cristina Machado Kupfer, Cyro Marcos da Silva, Rafaela Carine Jaquetti e Rosa Marini Mariotto, Carolina Schulman e Débora Patrícia Nemer Pinheiro, Leandro Alves Rodrigues dos Santos.*

#### **Nº 26 – TECENDO REDES: PSICANÁLISE E POLÍTICAS PÚBLICAS**

*César de Goes, Cleuse M. Brandão Barleta, José Waldemar Thiesen Turna e Suzana Siniscalco de Oliveira Costa, Laura D'Agostino Rudich, Luciano Elia, Michele Kamers, Neuzi Barbarini, Wael de Oliveira, Wagner Rengel, Leda Mariza Fischer Bernardino, Márcia Takahata Wakamatsu e Rosa Marini Mariotto, Alfredo Jerusalinsky, Stelio de Carvalho Neto, Wael de Oliveira, Cristina Keiko Inafuku de Merletti, Dayse Stoklos Malucelli.*

#### **Nº 27 – PSICANÁLISE E LITERATURA**

*Marília Z. Frantz e Edson Luiz A. de Sousa, Lucia Serrano Pereira, Luciana Salum, Rosângela N. Vernizi, Cláudia Serathiuk, Tames B. Moterani, Wael de Oliveira, Andréa Batista Ribeiro e Jane Cherem C. Bezerra da Silva.*

#### **Nº 28 – A FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA**

*Alba Flesler, Ana Maria Medeiros da Costa, Alfredo Jerusalinsky, Carmen Lucia Monte-chi Valladares de Oliveira, Christian Hoffmann, Cristina Hoyer, Daniela Teperman, Isabel Marazina, Julieta Jerusalinsky, Clarice Wichinescki Zotti, Marilu Catio Dalsasso, Rosa Maria Marini Mariotto, Melania Salete Medeiros, Lígia Regina Klein, Caroline Peixoto Mendonça Silva, Dayse Stoklos Malucelli.*

#### **Nº 29 – CORPOS**

*Ana Costa, Angelita W. da Silva, Heloísa H. Aragão e Ramirez, Jöelle Gordon, Tatiana C. Assadi, Michele Kamers, Dominique Fingermann, Camila Z. Freire, Rosângela N. Vernizi e Maria Fernanda L. Beduschi.*

#### **Nº 30 – PASSES E IMPASSES NA FORMAÇÃO ANALÍTICA**

*Ana Costa, Dominique Fingermann, Lucia S. Pereira, Marta Pedó, Ricardo Goldenberg, Maria Augusta M. Ferraro, Maria Fernanda L. Beduschi, Luciana Sallum, Cintia R. Longhini, Wael de Oliveira, Taia F. de Albuquerque, Rosa M. M. Mariotto, Vinicius Armiliato.*

#### **Nº 31 – FORMAS, IMPASSES E PASSAGENS**

*Andrea Rossi, Eduardo Ribeiro da Fonseca, Jorge Sesarino, Luciana K. P. Salum, Mauro Mendes Dias, Priscila Frehse Pereira Robert, Radmila Zygouris, Rosa Maria Marini Mariotto, Susiane Canuto da Rocha, Vanessa Galvão Amaral, Venicius Scott Schneider.*

#### **Nº 32 – PSICANÁLISE E SUAS INTERFACES**

*Adriana Kosdra, Alfredo Jerusalinsky, Ana Costa, Cintia Ribelato Longhini, Edjane Menezes dos Santos, Enéas de Souza, Flávia Maria de Paula Soares, Juratriz Salete Ribas, Leda Mariza Fischer Bernardino, Leda Mariza Fischer Bernardino, Luciano Elia, Maria Cristina*

*Machado Kupfer, Maria Eugenia Pesaro, Mariana Aparecida Xavier Arruda, Rosa Maria Marini Mariotto, Wael de Oliveira.*

**Nº 33 – DO ENCONTRO COM O REAL AO ENCONTRO DO REAL: TRAUMA E DESEJO**

*Adriana Kosdra, Adriana Luiza Schreiner, Alfredo Jerusalinsky, Andrea Rossi, Clarice Wichinescki Zotti, Edson Luiz André de Sousa, Fani Hisgail, Isabel Marazina, Marcus do Rio Teixeira, Oscar Cesarotto, Sidnei Artur Goldberg, Vânia Mercer.*

**Nº 34 – NAS BORDAS DA CLÍNICA**

*Andrea Rôa d’Haese, Camila Zoschke Freire, Cintia Ribelato Longhini, Clarice Moro Ricobom, Cléa Maria Ballão, Fernanda Judite de Camargo Marques, Kátia Aleksandra dos Santos, Lígia Gomes Víctora, Marcia Salete Wisniewski Schaly, Maria Augusta de Mendonça Guimarães, Maria Fernanda Liberato Beduschi, Rosa Maria Marini Mariotto, Sílvia Amigo, Simoni Regina Cousseau Coletti, Vânia Mercer.*

**Nº 35 – PSICANÁLISE E CONTEMPORANEIDADE**

*Andrea Silvana Rossi, Elaine Cristina Schimitt Ragnini, Fábio Luis Ferreira Nóbrega Franco, Fernanda Baptista, Gabriel Inticher Binkowski, Julieta Jerusalinsky, Leda Mariza Fischer Bernardino, Luciano Bregalanti Gomes, Marcelo Amorim Checchia, Marcelo Veras, Miriam Debieux Rosa, Paulo Endo, Pedro Eduardo Silva Ambra, Tania Rivera, Wagner Rengel.*

**Nº 36 – INQUIETAÇÕES: PSICANÁLISE PARA TODOS?**

*Alfredo Jerusalinsky, Fernanda Voigt Miranda, Gustavo Tonatto, Luzia Carmem de Oliveira, Marcia Salete Wisniewski Schaly, Marllon Henrique Mendes Andriola, Mônica Nogari Damaceno, Ricardo Goldenberg, Rosa Maria Marini Mariotto, Rosane Weber Licht, Simone Regina Cousseau Coletti, Thais Krukoski, Tiago Rickli.*

**Nº 37 – ENTRE DIFERENÇAS E INTOLERÂNCIAS, O QUE PODE  
A PSICANÁLISE?**

*Allan Martins Mohr, Alfredo Jerusalinsky, Andrea Rôa d'Haese, Andrea Rossi, Camila Zoschke Freire, Fernando Ruthes, Luzia Carmem de Oliveira, Silvia Amigo, Suzane Gapski Muzeka.*

# OUTRAS PUBLICAÇÕES DA ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE CURITIBA

## O SABER DO INCONSCIENTE: POR QUE A TEORIA DEVE SUBORDINAR-SE À CLÍNICA

*Seminários proferidos por Alfredo Jerusalinsky na Associação de Curitiba de 1997 a 2000. (Editora Juruá, 2018)*

No ano em que a Associação Psicanalítica de Curitiba completa e comemora 21 anos de existência, presenteia seus associados e apreciadores da Psicanálise com a publicação de **O saber inconciente: por que a teoria deve subordinar-se à clínica**, compilação de onze seminários proferidos por Alfredo Jerusalinsky no período de 1997 a 2000, que tratam de diferentes temas no trabalho com crianças. Estes seminários foram parte importante da história da APC, tanto na formação de seus membros quanto na construção da instituição, e agora são compartilhados com a atual geração de analistas. Por sua imensa contribuição na fundação e no ensino da APC, Alfredo Jerusalinsky é considerado “padrinho” da mesma. Seus seminários - proferidos com rigor teórico e em seu particular estilo “quase” coloquial de transmissão - contribuíram não só para a formação de muitos como também para a aproximação de profissionais de outras áreas, contribuindo com a psicanálise em extensão. O título desta publicação é amplamente demonstrado na leitura dos seminários, onde, mais além da teoria somos esclarecidos com relação ao pensamento de importantes pensadores e contamos com alguns relatos de casos clínicos que articulam teoria e prática, nos revelando um pouco do seu estilo, de profundo respeito com seus analisantes e escuta ímpar. Participei de seus seminários e os transcrevi. Agora, no momento desta publicação, os mesmos foram revisados pelo autor, o que deixou clara a sua atualidade. A APC, ao completar sua maioridade, compartilha tão rica elaboração teórica. Boa leitura! (texto extraído da apresentação contida nesta obra, de autoria da psicanalista Rosane Weber Licht, membro fundador da Associação Psicanalítica de Curitiba)

Alfredo Jerusalinsky - Autor

Rosane Weber Licht - Organizadora

## **PSICANÁLISE EM TEMPOS DE URGÊNCIA**

*(Editora Fi, Edição Especial 2020) – disponível no site da APC: [www.apcwb.com.br](http://www.apcwb.com.br) ou no site da Editora Fi: <https://www.editorafi.org/60psicanalise>*

Psicanálise em tempos de urgência – tema institucional ao qual foram dedicados os trabalhos da APC em 2019/2020 – sem imaginar que também viveríamos tempos de emergência pela pandemia do novo coronavírus: tempos penosos e pesarosos em nosso contexto sócio-econômico-político e humanitário, que nos causa dor, sofrimento e luto, revelados em angústia. Pôr em palavras, dar voz, escutar, são os recursos oferecidos pela Psicanálise a partir de sua práxis, para que o sujeito possa advir em sua condição desejante. Este é o olhar e o trabalho que encontramos nos textos, que sensivelmente os autores aqui, sem pressa, nos conduzem a refletir. Olhar para o campo social, para a clínica social, para o imperativo do gozo e da pressa e para as urgências na clínica psicanalítica e suas intervenções, desde as intervenções precoces, certamente nos põe a pensar, singularmente, enquanto psicanalistas, sobre o nosso tempo e os vários tempos: tempo de e na formação, tempo de divã, tempo lógico, tempo de vida, tempo de morte e outras questões de e no tempo. (texto extraído da apresentação contida nesta obra, de autoria da psicanalista Marcia Salete Wisniewski Schaly, membro da Associação Psicanalítica de Curitiba)

Autores/Artigos: Andrea Silvana Rossi, Eva Lerner, Kathellyn Costa Kazeker, Leda Maria Fischer Bernardino, Luzia Carmem de Oliveira, Madalena F. Becker de Lima, Maribel de Salles de Melo & Julieta Jerusalinsky, Marcus do Rio Teixeira, Rosane Weber Licht, Rosângela Vernizi, Simoni Regina Cousseau Coletti & Rosa Maria Mariotto. Autor (a)/Resenha: MarciaSalete Wisniewski Schaly

Marcia Salete Wisniewski Schaly – Organizadora



## **CONSELHO DE ANALISTAS**

Andrea Silvana Rossi  
Dayse Stoklos Malucelli  
Denise Pliskievski Bueno  
Leda Fischer Bernardino  
Rosa Maria Marini Mariotto  
Rosane Weber Licht

## **COMPOSIÇÃO ADMINISTRATIVA**

### **Gestão 2021/2023**

Presidente: Andrea Rôa d'Haese  
Vice-presidente: Denise Pliskievski Bueno  
1ª secretário: Tiago Rickli  
2º secretário: Marcia Wisniewski Schaly  
1ª tesoureira: Clarice Wichinheski Zotti  
2º tesoureiro: Marllon Henrique M. Andriola

## **CARTEL DE DIREÇÃO E FORMAÇÃO**

Andrea Rôa d'Haese  
Denise Pliskievski Bueno  
Fernando Ruthes  
Juratriz Salete Ribas  
Marcelo Marcos Barbosa Vieira

## **ESPAÇO DE ACOLHIMENTO**

Membros do Cartel de Direção e Formação

## **SEÇÃO DA LETRA E MEMÓRIA**

Elaine de Oliveira  
Schenya C. Nunes de Oliveira

## **SEÇÃO DA CLÍNICA**

Denise Pliskievski Bueno

## **SEÇÃO DE TRADUÇÕES E PUBLICAÇÕES**

Luzia Carmem de Oliveira  
Marcia Wisniewski Schaly  
Tiago Rickli

### **SEÇÃO DE CARTÉIS**

Andréa Silvana Rossi  
Andrea Rôa d'Haese  
Luzia Carmem de Oliveira  
Marllon Henrique M. Andriola

### **ESPAÇO DE INTERLOCUÇÃO**

Sidneia Bochinia Lopes  
Zama Caixeta Nascentes

### **SEMINÁRIOS INTRODUTÓRIOS**

Dayse Stoklos Malucelli  
Denise Pliskieviski Bueno

### **SEMINÁRIO DE LONGA DURAÇÃO TÉCNICA PSICANALÍTICA**

**Coordenação:**  
Marllon Henrique M. Andriola  
**Colaborador:**  
Tiago Rickli

### **ESPAÇO DE ESTUDOS E DISCUSSÃO SOBRE PSICANÁLISE COM CRIANÇAS**

**Coordenação:**  
Clarice Wichinescki Zotti  
**Colaboradora:**  
Juratriz S. Ribas

### **SEÇÃO DE DIVULGAÇÃO E EVENTOS**

Andrea Silvana Rossi  
Andrea Roa d'Haese  
Juratriz Salette Ribas  
Marcelo Marcos Barbosa Vieira  
Marcia Wisniewski Schaly  
Myriel C N Moreira  
Schenya C. Nunes de Oliveira



**APC**  
Associação  
Psicanalítica  
de Curitiba

A Associação Psicanalítica de Curitiba tem a satisfação de lançar mais uma edição de sua revista, contando com artigos atravessados por questões sobre a Cultura, articulando aspectos constitutivos do sujeito com o que também o sustenta: o discurso social atual e, portanto, os laços sociais que forjam a subjetividade de cada época. A revista busca expandir conhecimentos seguindo a trilha da psicanálise de Freud e Lacan, estimular a produção escrita e o debate, primando pela circulação da palavra, com o entendimento de que Sujeito e Cultura, assim como teoria e prática, são inseparáveis.

Para essa edição de número 38, apresentamos os autores e suas produções que, a partir da clínica se põem ao trabalho investigativo e reflexivo, interrogando e expandindo a teoria, que por sua vez sustenta a práxis clínica.



🌐 [www.apcwb.com.br](http://www.apcwb.com.br)

📷 @apctba

f @associacaopsicanaliticadecuritiba

☎ (41) 98848-7946

ISSN 1519-8456



9 771519 845604

3 7

